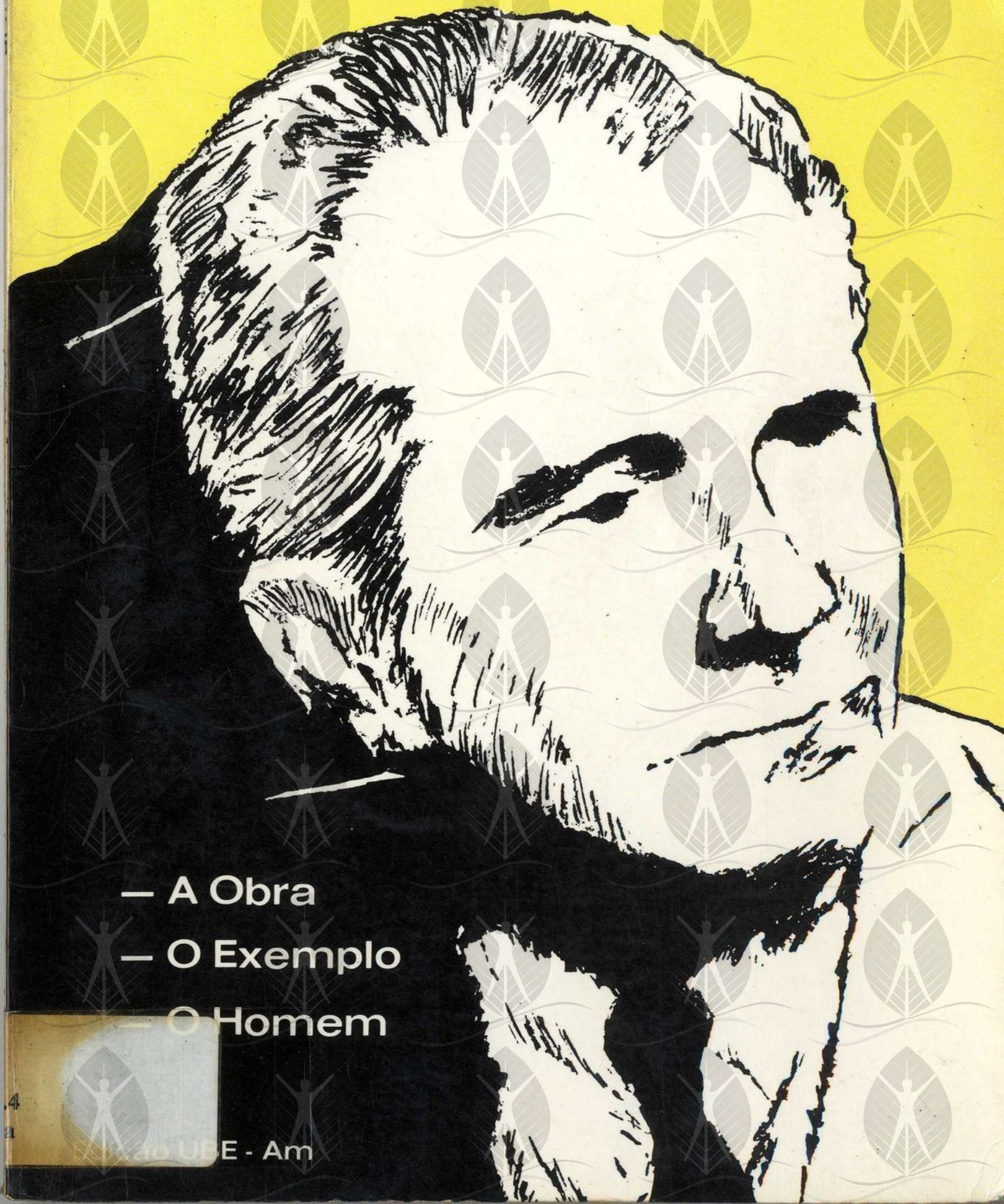


ÁLVARO MAIA

POLIANTÉIA



— A Obra
— O Exemplo
— O Homem

4
a
Bao U5 E - Am



ÁLVARO MAIA

- O Homem
- A Vida
- A Obra
- O Exemplo

Ilustração: J. MACIEL

— 1984 —


AO grande contemporâneo, mestre emérito
da minha geração, ofereço com admiração
e profundo apreço,

Castro Alves

Rio, 29/03/85

Bendito aquele que semeia
Livros, livros a mancheia
E manda o povo pensar
O livro caindo n'alma
É gérmen que faz a palma
É chuva que faz o mar

CASTRO ALVES

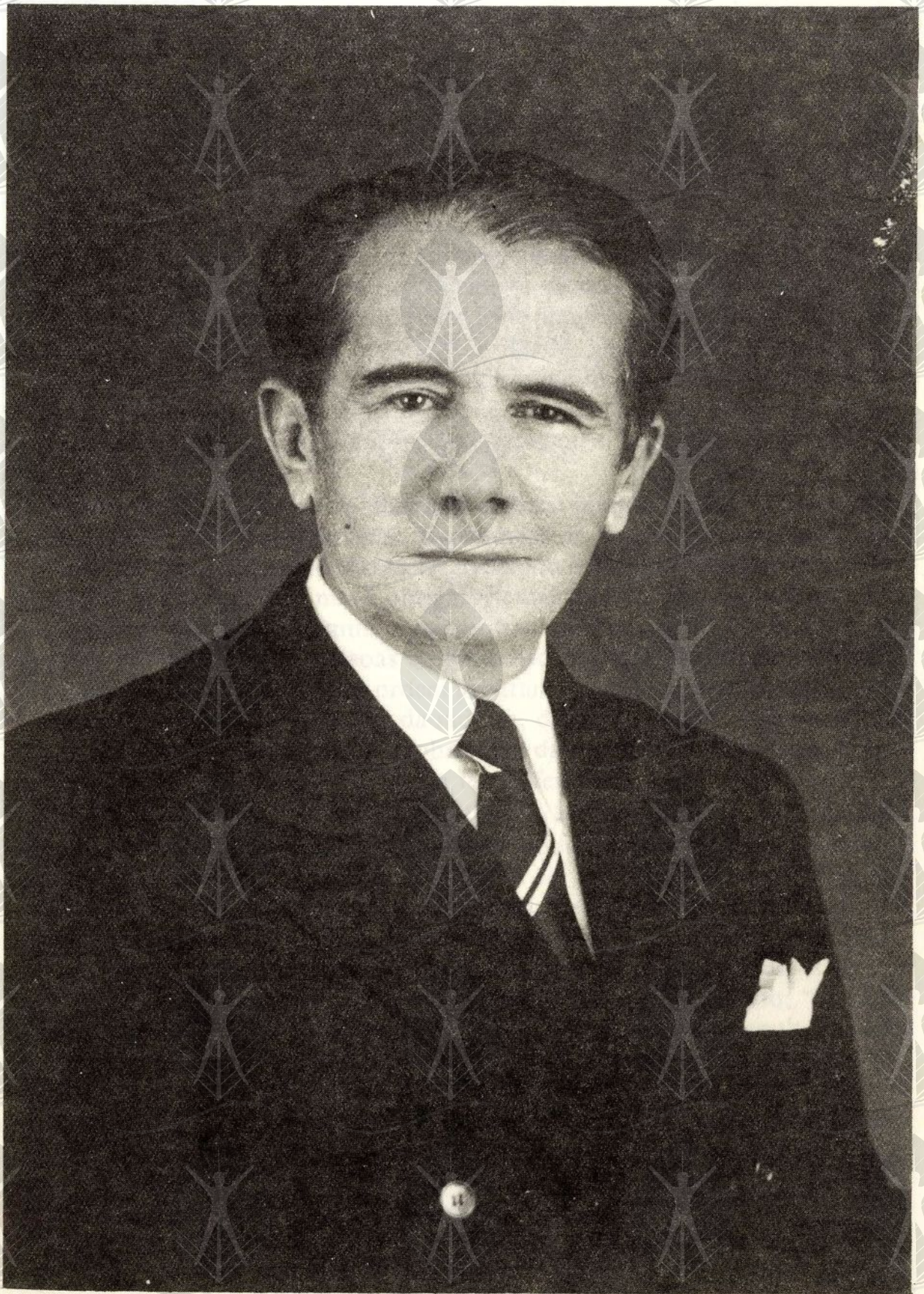


Biblioteca Arthur Reis
Registro: 8517
Data: 15.08.02.

SUMÁRIO

	<i>Pág.</i>
Um Testemunho — Deputado Federal <i>Arlindo Porto</i>	13
Um Apóstolo do Amor — Senador <i>Raimundo Parente</i>	17
Até em alfa, poeta! — <i>Farias de Carvalho</i>	21
Dados biográficos de Álvaro Maia — <i>Djalma Batista</i>	27
Homenagem Póstuma a Álvaro Maia — <i>José Lindoso</i>	39
Álvaro Maia, o estilista — <i>João Chrysóstomo de Oliveira</i>	45
Álvaro Maia, o professor — <i>João Nogueira da Mata</i>	55
Álvaro Maia, o poeta — <i>Elson Farias</i>	65
Traços de uma sociologia na obra de Álvaro Maia — <i>André Araújo</i> .	69
Álvaro Maia, o orador — <i>Sebastião Norões</i>	77
Álvaro Maia, o jornalista — <i>Genesino Braga</i>	85
Álvaro Maia, o prosador — <i>Ramayana de Chevalier</i>	91
Álvaro Maia, o político — <i>Oyama César Ituassu</i>	99
Minhas recordações de Álvaro Maia — Almeida Barroso	107
Álvaro Maia, o educador — <i>Mário Ypiranga Monteiro</i>	117
Álvaro Maia, o Místico — Mendonça de Souza	127
Bibliografia de Álvaro Maia — <i>Genesino Braga</i>	139
Canção de Fé e Esperança — <i>Álvaro Maia</i>	147
Clarim Abandonado — <i>Álvaro Maia</i>	173
Prece de Natal — <i>Álvaro Maia</i>	183





ÁLVARO MAIA, Governador do Estado do Amazonas

APRESENTAÇÃO

A edição desta poliantéia enfeixando autores que discorreram sobre as mais variadas facetas da vida, da obra, da personalidade e do exemplo de **ÁLVARO BOTELHO MAIA**, feita por iniciativa de dois parlamentares amazonenses, o Deputado Federal Arlindo Porto, este membro da União Brasileira de Escritores do Amazonas e do Clube da Madrugada, e o Senador Raimundo Parente, se constitui, de modo singular, em mais uma prova do caráter universalista e eclético da influência que aquele grande vulto amazônida exerceu entre os que o conheceram ou que, de uma forma ou de outra, tomaram conhecimento de sua pessoa.

Arlindo Porto e Raimundo Parente, embora amigos desde os bancos da Faculdade de Direito do Amazonas, são homens de Partidos políticos diferentes. Assim, a iniciativa de ambos ressalta, tal como o homenageado demonstrou à sociedade, que ser político não é obrigatoriamente transformar-se alguém em inimigo mortal daqueles que militam em outras greis partidárias e, muito pelo contrário, deve conceder às pessoas o bom senso de unir pensamentos e forças acima das eventuais dissensões de ordem programática, sempre que imposto pelas circunstâncias, pelas exigências da cultura, da elevação dos valores espirituais, da exaltação da inteligência e, sobretudo, da necessidade imperiosa de reverenciar a memória de quem assim se tenha feito merecedor.

Calcada na edição nº 12 da “Revista UBE-AM”, que reproduziu trabalhos preciosos da lavra de intelectuais de nomeada, todos eles da Academia Amazonense de Letras e pela vez primeira divulgados em 1969, na Revista do Silogeu das Letras do Amazonas, servirá esta autêntica *corbeille* literária de extraordinário valor, para difundir ainda mais entre as gerações amazonenses, o conhecimento de uma personalidade que, sem iniciativas como a da UBE-AM, de evocar-lhe a existência formosa através de um Concurso Literário: “Álvaro Maia — vida e obra”, corre o risco, como tantas outras, de se ver sepultada pela segunda vez, agora no esquecimento dos seus conterrâneos, sobretudo os mais jovens, crescentemente intoxicados e agredidos na sua formação, por uma cultura novelesca vinda de outras plagas e que paulatinamente lhes impõe modelos estranhos de comportamento, à custa do olvido de vultos e figuras que fizeram História neste Estado.

Esta, assim o cremos, a convicção que moveu Arlindo Porto e Raimundo Parente, ao se juntarem para lançar esta belíssima contribuição à cultura e à memória de sua terra natal.

Manaus, junho de 1984

União Brasileira dos Escritores — AM





UM TESTEMUNHO

Deputado Federal Arlindo Porto
Do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

UM TESTEMUNHO

Quando me entendi como gente, Álvaro Maia já existia.

Na escola primária, ao garatujar as primeiras letras, ele já tinha o nome mais que feito.

E quando comecei a combinar palavra com palavra, ele era o Interventor Federal, o Governador da Terra, a figura mais importante do Estado.

Cresci e me formei na vida sempre sentindo perto de mim a ressonância pública daquela figura veneranda e bondosa, contra quem, infelizmente — e o digo agora, com um certo remorso —, os fados políticos em um determinado momento de minha vida, colocaram-me em posição antagônica. Fogos da juventude nos idos de 1954...

Afortunadamente depois, por obra e graça da mão de Deus e intrincados caminhos, o destino permitiu-me, já quase no final da existência bondosa daquele espírito de luz encarnado em Humaitá, corrigisse eu aquele meu gesto de jovem e me engajassem entre os que, de dentro das catacumbas da ilegalidade, pois com os seus direitos políticos suspensos, lutaram pela eleição de Álvaro Maia para o Senado da República.

Outra razão não existisse e essa bastaria para fazer-se sentir muitíssimo bem, mental e espiritualmente, em poder inspirar ao meu antigo companheiro de bancos escolares, Senador Raimundo Parente, a idéia de editarmos esta POLIANTÉIA magnífica, que ele, com as suas influências de 4º-Secretário do Senado Federal, conseguiu que impressa fosse na primorosa Gráfica do Senado.

Feliz cometimento o nosso, tenho certeza. Pelo qual não esperamos nem desejamos agradecimentos.

A nós ambos basta a certeza do dever cumprido para com a memória de um amazonense extraordinário, cuja passagem pelo Orbe foi uma cintilação feérica de luzes amoráveis, um rastilho imenso de bondade, de compreensão e de amor ao próximo.





UM APÓSTOLO DO AMOR

Senador Raimundo Parente

UM APÓSTOLO DO AMOR

Comecei a privar da intimidade de Alvaro Maia quando ingressei, no início da década de cinquenta, na Ala Moça do Partido Social Democrático, com sede na rua de Saldanha Marinho. Embevecido, ouvi-o discursar pela primeira vez exatamente ali, nos altos do velho sobrado, saudando a juventude que acabava de se integrar às fileiras pedessistas, preparando-se para encetar, sob seu comando, uma das mais memoráveis campanhas políticas já desenvolvidas em nosso Estado e que culminaria, pouco tempo depois, com sua volta ao Governo estadual, num clima de verdadeira apoteose cívica.

Contudo, dele muitas coisas já ouvira falar, desde os tempos de meninice, sempre com uma auréola de lenda envolvendo o seu nome, que ecoava até mesmo pelas barrancas do meu querido rio Purus, provocando uma espécie de fascínio entre os habitantes daquele mundo de abandono e solidão. E posso afirmar, tranquilamente, que esse fascínio aumentou, avolumou-se dentro do meu espírito de jovem, no momento em que o conheci, naquela antevéspera de embate eleitoral, a discorrer sobre o valor da Liberdade, da Justiça e do respeito intransigente aos direitos fundamentais da pessoa humana.

Daí para frente, a convivência com ele foi para mim um luminoso aprendizado, não apenas das sutilezas da política, mas, e acima de tudo, dos mandamentos de fraternidade e de humanismo que ele exercitava com autenticidade em cada minuto do seu viver, como presbítero do amor, levando, para a aspreza do dia-a-dia, aquilo que professara em versos magistrais: “E GUARDO, NO EVANGELHO EM QUE ME OCULTO, / O DOM SUBLIME DE OLVIDAR O INSULTO”.

Por isso, a minha imensa felicidade quando Arlindo Porto me acenou com a idéia de fazermos editar esta POLIANTÉIA, homenagem que estava faltando, como um preito de justiça e gratidão à memória desse conterrâneo ilustre, irmão das auroras e das constelações, que, como dissera Victor Hugo referindo-se a Voltaire, quando do centenário do seu falecimento:

“MORREU IMORTAL.”





ATÉ EM ALFA, POETA!

Farias de Carvalho

ATÉ EM ALFA, POETA!

Faz longe, já. Anos, tinha eu dez. A farda, em mim, vestia mais o sonho que o corpo. Lembro a praça, voltando agora em tons de Portinari. E os meninos, outros, suando o brim lustroso do uniforme engomado à estearina. “*Tchê, molêque, não sai de forma*”. Era o Babiêca, navegando vigilâncias irrequietas, com as naus das suas botas caminheiras. “O Presidente vai chegar, non sai de forma”. Então, vi-te, Poeta. Pela vez primeira. Pensei que eras tu, o Presidente, e quando me disseram que era o outro, fiquei amargurado. Porque Presidente, me haviam dito, era uma pessoa mandona como um rei, e rei, sabia-o, tem coroa. E ali em toda aquela praça, eu não estava vendo a ninguém mais com uma coroa, a não ser a ti, que não sei bem por que eu via coroadado. Não sabia. Hoje, o sei. Coroa, sim. Não de rei. Maior. De eleito. Poeta. E então, falaste. Palavras que não entendia, mas ouvia, com o mesmo deslumbramento inconsciente que me dominava quando escutava os discos que meu pai fazia rodar no velho gramofone da varanda. E falavas. E nem era preciso mais advertência alguma do Babiêca. Porque todos estavam silentes. Todos. Os meninos de muitos colégios. Parados. Porque falavas, Poeta. E os meninos, como sabes, só param para ouvir os anjos, aos pássaros e aos Poetas, afinal a mesma coisa.

Veio a vida depois, e os seus tufões, como disseste. Por muitas praças do mundo caminhei. Um dia, dezesseis anos depois te ouvi novamente. E a mim, não me surgiste mais como um rei. Aí, já havia lido muito sobre os reis e sobre os Poetas. E aprendera a fazer a distinção, porque não mais acreditava em reis, sabendo-os muito menores do que os Poetas. E tu, eras Poeta. Desse reino onde só reinam anjos, rosas, puros, bons e eternos. E falavas. Em mim, começavam a crestar os primeiros incêndios da paixão política, e eu, braseiro pequenino, dei de sentir avolumar-se de repente o fogo sagrado que emanava de ti, à minha frente como um vesúvio, levando-me no turbilhão daquelas lavas de ouro. Vieram as primeiras campanhas. Contigo, nas tribunas-trincheiras das ruas e das barrancas, aprendi a amar a liberdade, e a respeitá-la mais que ao pão, que este, pode enganar os estômagos vazios até na solidão dos cárceres, e aquela, trigo do azul, só pode ser servida na baixela do céu mais puro. Depois, tendências e interpretações antagônicas pousaram em nossas mãos cimitarras diferentes, e saímos a campo em trincheiras opostas. Tu, paladino de muitos combates, Cid de muitas cicatrizes, nunca tiveste mais que um sorriso diante das minhas acuti-

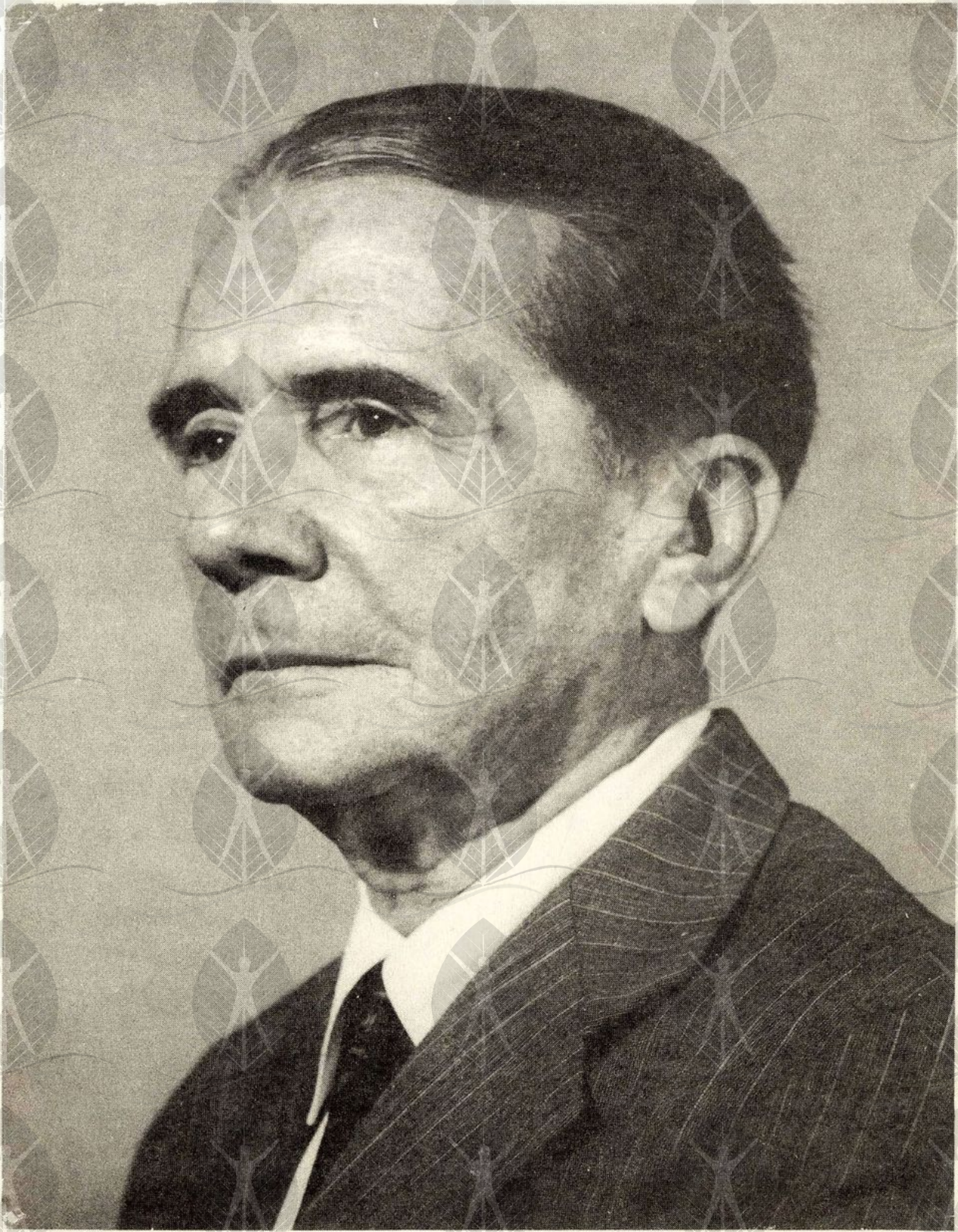
ladas inseguras, como a ensinar-me que um porta-estandarte ainda vacilante deve de ficar com seus panos, sem meter-se em armaduras que não pode soerguer.

Então, dentro de mim os trigais aloiraram, e foi em ti, novamente em ti, que eu voltei a buscar outra lição, a mais completa, a mais definitiva, pois que me fizera noviço desse mosteiro de amor onde já eras Prior há muito tempo: a lição das colheitas do silêncio. Cuido que desde aí, Poeta, as adagas não me voltaram a ferir, porque hauri em ti, a energia vital que me capacitou a erguer a armadura, tecida de renúncia e de perdão, contra a qual se diluem todos os vendavais barulhentos do viver.

Hoje, partes. Retornas ao REINO. E vais tranquilo, semeador, porque as sementes brotaram no crepúsculo, e deram frutos de ouro, nos pomares serenos do infinito, onde te aguardam já, para colhê-los.

Até em Alfa, Poeta! Guarda um cacho de estrelas para mim, no cofre amado do teu coração. E até lá, Poeta-irmão Álvaro Maia.

(Artigo publicado no *O Jornal* aos cinco de maio de 1969, quando da morte de Álvaro Maia.)



*Alvaro Maia
no seu 3º mandato de
Governador do Estado do Amazonas*

Plano Balcão



**DADOS BIOGRÁFICOS
DE ÁLVARO MAIA**

Djalma Batista

DADOS BIOGRÁFICOS DE ÁLVARO MAIA

ÁLVARO Botelho MAIA nasceu em 19 de fevereiro de 1893, no seringal “Goiabal”, rio Madeira, município de Humaitá, primogênito de Fausto Ferreira Maia (cearense, falecido em 1932) e Josefina Botelho Maia (amazonsense, falecida em 1968). Além de Álvaro Maia, nasceram do casal os filhos Antônio Botelho Maia (antigo fiscal de consumo, ex-Prefeito de Manaus e ex-Deputado Federal pelo Amazonas), Raimundo Botelho Maia (funcionário federal, falecido em Manaus em 1942) e uma menina, Nenê, falecida em 1902, em tenra idade⁽¹⁾.

FORMAÇÃO INTELECTUAL

Álvaro Maia veio criança para Manaus, aqui fazendo os cursos primário e secundário, o último no Ginásio Amazonsense, tendo como colegas de turma Cosme Ferreira Filho, Cícero Bezerra de Menezes, Romero Estellita, Carlos Studart Filho e Pedro Thiago de Mello⁽²⁾.

Curso superior iniciado em 1913 na Faculdade de Direito do Ceará, onde morou na “República Vaticano”. Em 23 de março de 1917, na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, colou grau de bacharel em direito, na mesma turma do acreano Mário Oliveira.

ATIVIDADE JORNALÍSTICA

Iniciada em “Aura”, publicação estudantil que circulou em Manaus de 24 de junho de 1907 até 20 de junho de 1912, quase todo esse longo período sob a direção de Abelardo Araújo ⁽³⁾

(1) O enterramento da irmã caçula de Álvaro Maia foi noticiado na folha semanal *Humaythaenses*, de 2 de fevereiro de 1902, da qual era editor o Coronel Antônio Francisco Monteiro, figurando na redação o Dr. Bernardino Paiva e J. da Costa Cresp.

(2) Informações prestadas por Cosme Ferreira Filho.

(3) Eleuthério, Paulo — A Imprensa Ginasiana — *Anuario do Gymnasio Amazonense Pedro II*. 1:64-72, 1925.

Ainda estudante secundário, começou a trabalhar no *Jornal do Comércio*, então dirigido, pelo Dr. Vicente Reis, tendo como companheiro Abelardo Araújo, Cosme Ferreira Filho e Raimundo Santos⁽⁴⁾.

No Ceará, participou do grupo de redatores do jornal estudantil *Vaticano*, onde apareceu uma apreciação a seu respeito em que é identificado por “Alberto Maia”⁽⁵⁾. Também no Ceará escreveu em *Radical*, assistindo à agressão sofrida pelo Dr. Gentil Falcão⁽⁶⁾.

De volta a Manaus, já formado, em 1917, Álvaro Maia fundou com Caetano Estellita *A Imprensa*, de cuja redação fez parte também Benjamin Lima, sendo Diretor o Dr. Alfredo da Mata.

Em 1921, durante permanência no Rio, trabalhou na *Gazeta de Notícias*, ao lado de Cândido Campos e Franklin Palmeira.

Nos primeiros meses de 1926, no início do Governo Efigênio de Sales, foi Diretor da Imprensa Oficial.

A partir da II Grande Guerra, passou a colaborador permanente dos *Diários Associados*, por escolha pessoal de Assis Chateaubriand, e seus artigos entraram a ser divulgados pela citada cadeia jornalística.

ATIVIDADES INTELECTUAIS

Estreou nas letras publicando o poema “Cabelos Negros”, em o *Curumi*, jornal de estudantes, em 1904⁽⁷⁾. Ao longo de 65 anos, consagrou-se como poeta, ensaísta, romancista e pensador; sobretudo como poeta.

Durante o período de formação escreveu e versejou sempre, publicando nos jornais em que trabalhou.

(4) Maia, Álvaro — “Em minha defesa” (artigo publicado no *Jornal do Comércio* de 28 de janeiro de 1931... mandado reproduzir por um grupo de amigos) — Ti. Reis, Manaus, 1931 (10 pp).

(5) Tive oportunidade de compulsar 3 números de *Vaticano*, cujo corpo de redatores era constituído de Cursino Silva (depois desembargador no Pará), Álvaro Maia, Elias Oliveira, João Vaticano da Costa e Thompson Soares Bulcão, figurando como secretário Júlio Tavares.

(6) O fato será relatado no artigo “Em minha defesa”.

(7) O texto de “Cabelos Negros” é o seguinte:

“Louca tormenta são os seus cabelos,
cabelos negros como nunca vi!
Mágico poema de fatais anelos
há nessas tranças, como nunca li!

Cabelos crespos, revoltoso oceano,
cabelos negros como a tempestade!
Cabelos castos de infinito arcano,
que me consolam nesta soledade!

Cabelos magos que me seduzem tanto,
cabelos negros que beijar quisera,
cabelos plenos de magia e encanto,
cabelos lindos como a primavera!

Formosos laços de sonhado enleio,
cabelos negros da mulher que eu amo,
— vagas olentes sobre um puro seio,
por elas morro e, suspirando, chamo!”

Estes versos datam de 1904 e foram revividos por Genesino Braga na crônica “Álvaro Maia: o primeiro poema” aparecida no *Jornal do Comércio* de 16 de fevereiro de 1969.

Em 1918 figurou entre os 30 fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo escolhido para patrono o poeta Maranhão Sobrinho, então há pouco falecido.

No concurso promovido, em 1925, pela revista *Redenção*, dirigida por Clovis Barbosa, Álvaro Maia foi escolhido príncipe dos poetas amazonenses, por 21 votos, tendo como concorrentes Jonas da Silva, (7 votos), Raimundo Monteiro (6 votos) Francisco Pereira, Genésio Cavalcante e Heitor Veridiano (1 voto cada) (8).

Só em 1943 publicou o 1º livro, reunindo crônicas aparecidas quando da campanha da produção da borracha, sob o título de *Na Vanguarda da Retaguarda*, tendo como prefácio um artigo de Assis Chateaubriand, “O Mujik da Steppe Verde da Amazônia”, escrito em Manaus a 25 de maio de 1943. Foi divulgação oficial, feita pelo então Departamento Estadual de Imprensa e Divulgação.

Até então os trabalhos de Álvaro Maia (poesia, crônicas, ensaios, teses, discursos e conferências) haviam sido publicados somente na imprensa ou em folhetos. O livro, porém, só apareceu aos 50 anos de idade.

O 2º livro, *Gente dos Seringais*, foi impresso no Rio, pelo Editor Borsoi, em 1956, apresentando um mapa da região que serve de cenário às narrativas, que se prendem “ao Médio-Madeira, especialmente no Município de Humaitá, com o Marmelos, Maici, Machado e Jamari, pela margem direita; à esquerda, os rios menores, que percorrem os campos gerais, Puruzinho e Mucuí, cujas águas se comunicam ao Ipixuna e outros afluentes do Purus; ao sul, o cotovelo encachoeirado do Madeira-Mamoré, até Guajará-Mirim, na fronteira boliviana, em que se encontra a estrada de ferro, consequência do Tratado de Petrópolis” (9).

Em 1958 apareceram três volumes: um de poesias, *Buzina dos Paranás*, o segundo *Nas Barras do Pretório*, livro político de justificativa de sua vida, editados por Sérgio Cardoso & Cia. Ltda., em Manaus, e o terceiro, o romance *Beiradão*, saído no Rio, dos Prelos de Borsoi Editor.

Buzina dos Paranás reúne a poesia de Álvaro Maia até a época, incluindo os seguintes subtítulos: Nos Céus do Amazonas, Portas da Amazônia, No Turbilhão, Novo Ipiranga, Mata Invadida, A Bem-Aventura Esquecida, Romance Azul, Terreiros de Umbanda, Na Penumbra dos Sanatórios, Traduções,

(8) O nº 7 da revista *Redenção* (maio de 1925) relaciona os votantes de Álvaro Maia: Adriano Jorge, Paulo Eleuthério, José Chevalier, Carmelita de Holanda, Grijalva Antoni, Antovila Vieira, Francisco Pereira, Paulino de Brito Filho, Otávio Sarmiento, Antenor Vilela, Hemetério Cabrinha, Luis Viana, Miguel Duarte, Olegário de Castro, Raimundo Nonato Pinheiro, Vicente Abranches, Chaves Ribeiro, Osvaldo Viana, Agnaldo Ribeiro e André de Araújo.

(9) *Gente dos Seringais* e os outros livros de Álvaro Maia sobre a Amazônia, incluem um glossário elucidativo.

Horas Antigas e *Mi Delumbramento en el Amazonas* (traduções de Gastón Figuera).

O famoso *Nas Barras do Pretório* é uma defesa da vida do político, escrita sem malquerenças nem subterfúgios, demonstrando, à saciedade, com documentos, os atos e as atitudes de uma carreira combativa.

O romance *Beiradão* retrata o período de conquista do Madeira e seus afluentes, registrando dramas e tragédias na época em que “dominava a coragem fria, manejando o rifle”.

Banco de Canoa saiu em 1963, pela Editora Sérgio Cardoso, em Manaus, retratando cenas de rios e seringais da Amazônia. Diz o autor, no prefácio: “... é um livro de crônicas seringueiras, destinado a seringueiros e operários da selva. Espécie de folclore pioneiro — caboclitude para imitar negritude, qualidade comum às atitudes e às condutas dos caboclos do interior”.

Em 1966, saiu nas Edições Governo do Estado do Amazonas, na série Raimundo Monteiro, vol. X, uma coletânea de pequenas histórias, intitulada “Defumadores e Porongas”.

Por fim, *Tenda de Emaús*, livro de divagações espiritualistas foi lançado em fins de 1968, poucos meses antes da morte de Álvaro Maia, apesar de estar impresso desde o ano anterior, por Sérgio Cardoso.

Em 1º de janeiro de 1966, foi empossada a Diretoria da Academia Amazonense, presidida por Álvaro Maia, que esteve no posto até 28 de novembro, quando ele se licenciou para exercer o mandato de Senador.

Uma semana antes do seu passamento, ficou assentada uma comemoração, em julho de 1969, dos 65 anos de sua atividade literária.

ATIVIDADES NO MAGISTÉRIO

Com a criação da cadeira de Instrução Moral e Cívica nos cursos secundários, pelo Presidente Artur Bernardes, Álvaro Maia foi nomeado pelo Interventor Alfredo Sá para professor interino do Ginásio Amazonense, em 1925, Empossando-se a 20 de maio, em sessão presidida pelo Prof. Plácido Serrano (10). Aberto concurso para a cadeira, foi ele, já em 1926, candidato único, apresentando tese sobre “Imperialismo e Separatismo” e defendendo outra, de ponto sorteado pela Congregação, “A Bandeira Nacional como Símbolo e Emblema da Pátria”.

Também em 1926 conquistou uma das cadeiras de Português do mesmo Ginásio, com duas teses: “O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro léxica

(10) A posse de Álvaro Maia como professor do Ginásio Amazonense foi noticiada extensamente no número de *Redenção* de junho de 1925, com fotografia do ato.

e sintaticamente considerados” (ponto sorteado pela Congregação) e “O Ritmo da Língua Nacional” (de própria escolha).

Ensinou, efetivamente, até 1930.

Nesse mesmo período ensinou Português no Colégio Dom Bosco, onde ainda tentou continuar a dirigir classes em 1931, já Interventor Federal, verificando, logo no início do ano, a falta de tempo.

No Rio, do segundo semestre de 1931 até 1933, voltou ao magistério em colégios particulares, tendo sido, ainda Inspetor de Ensino.

ATIVIDADES POLÍTICAS

Desde que retornou, formado, à terra natal, Álvaro Maia se tornou uma bandeira política. Em 1918 foi candidato a Deputado Federal, pela oposição, sem nenhuma perspectiva de vencer ⁽¹¹⁾.

Sua afirmação, porém, se deu quando pronunciou a “Canção de Fé e Esperança”, em 9 de novembro de 1923. Depois dos famosos discursos-libelos de Heliodoro Balbi, foi o documento decisivo da vida política do Amazonas. Enquanto ensinava, Álvaro Maia foi conquistando paulatinamente a confiança e a simpatia dos moços. Por outro lado, sua vida era um exemplo de dignidade e desprendimento.

Após a Revolução de 1930, foi afinal chamado ao poder, como Interventor Federal, indicado pelo então Tenente-Coronel Floriano Machado, que esteve à frente do Governo Militar do Estado. Exerceu o cargo até meados de 1931, no meio das maiores dificuldades, inclusive financeiras.

Tendo se exonerado no Rio, lá ficou até que foi iniciada a campanha para a reconstitucionalização do país, quando voltou ao Amazonas, disputando eleição para Deputado à Assembléia Nacional Constituinte (eleitos: Álvaro Maia, Alfredo da Mata, Leopoldo Cunha Melo e Luiz Tireli).

Votada a Constituição de julho de 1934, organizou-se a vida política estadual, sendo, em 1935, escolhido pela Assembléia Estadual para Senador Federal, juntamente com Alfredo da Mata. Logo depois, também em eleição indireta, foi eleito Governador Constitucional do Estado ⁽¹²⁾.

(11) Está escrito “Em minha defesa” (e documentado através de carta) que o Governador Alcântara Bacelar dirigiu telegrama a Álvaro Maia apelando para desistir da candidatura. Resposta: “... embora certo da derrota, aceitaria não pela cadeira, mas por solidariedade à geração que lançara, aliás sem me consultar, o meu nome às urnas”.

Lembro-me de que havia uma casa, quase na esquina de 24 de Maio com a Avenida Eduardo Ribeiro, em cujo oitão se lia a inscrição; “Para Deputado Federal — Dr. Álvaro Maia”.

(12) Os detalhes da 1ª ascensão ao poder figuram “Em minha defesa”.

Com o golpe político do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, foi nomeado Interventor Federal, mantendo-se no poder até a queda de Getúlio Vargas, em 29 de outubro de 1945. Atravessou toda a II Grande Guerra à frente do Estado. Foi substituído pelo Desembargador Stanislau Affonso, Presidente do Tribunal de Justiça, durante o Governo José Linhares.

Integrando o Partido Social Democrático desde a sua fundação, como membro de sua comissão central, Álvaro Maia foi candidato à Senatoria Federal, juntamente com Waldemar Pedrosa. Nas eleições de 2 de dezembro de 1945 a chapa venceu por larga margem de votos, publicando Álvaro Maia, uma prestação de contas de sua administração ⁽¹³⁾.

Durante o exercício do mandato, foi Presidente da Comissão de Diplomacia da Câmara Alta e fez parte da Delegação do Brasil a uma reunião da ONU, em Paris, em 1948: nessa ocasião apresentou trabalho sobre genocídio.

Em 1950 voltou novamente ao Governo do Estado, numa eleição renhida, em que teve como competidor o Senador Severianno Nunes. Foi eleito na mesma ocasião em que Getúlio Vargas conquistou pelo voto direto a Presidência da República. Antes do término do mandato, desincompatibilizou-se para disputar eleição para o Senado, em que foi derrotado.

Seguiram-se mais duas eleições perdidas (1958 e 1962). Na 4ª disputa, porém, sua candidatura saiu vitoriosa. Foi como Senador, pela 3ª vez, que a morte o encontrou.

OUTRAS ATIVIDADES

O 1º emprego que teve o bacharel Álvaro Maia no Amazonas em 1917, foi de redator dos debates da Assembléia Legislativa. Depois foi procurador da República, interino (1917-1918). Exerceu durante 15 dias o lugar de ajudante do Gabinete de Identificação e Estatística (1918), sob a direção do Dr. Galdino Ramos. Em 1918-1919 foi Auditor da Força Policial, cargo que considerou desistido de interesse para o Estado, propondo ao Governador Alcântara Bacelar a sua extinção. Foi então para Porto Velho, como secretário do Superintendente Monsenhor Raimundo Oliveira (1920-1921). Em 1921-1922 serviu como secretário da Comissão de Propaganda e Organização do Centenário no Pará, chefiada por Djalma Cavalcanti, seu cunhado. De 1922 a 1926, serviu na Comissão de Saneamento Rural do Amazonas sob a direção do Dr. Samuel Uchôa, sendo-lhe atribuída a coordenação dos relatórios.

Quando Governador Militar do Amazonas o Cel. Raimundo Barbosa, após a chegada do General Menna Barreto, Comandante do Destacamento organizado para combater os revoltosos de 23 de julho de 1924, Álvaro Maia foi secretário da Prefeitura de Manaus. O Prefeito, então, foi Araújo Lima, que

(13) Maia, Álvaro — Nas paliçadas de dezembro — O Jornal, 20 de janeiro de 1946.

posteriormente, voltou ao cargo, no Governo Efigênio de Sales, realizando uma das mais profícuas administrações (14).

Na Associação Comercial do Amazonas, exerceu as funções de Consultor Jurídico e redator da revista, até 1930. Retomou o posto de Consultor Jurídico em 1958.

Neste ano, foi nomeado Presidente da Caixa Econômica Federal, aposentando-se, como tal, em 1966.

No Rio, manteve escritório de advocacia, associado ao Dr. Paulo Marinho, entre 1955-1958.

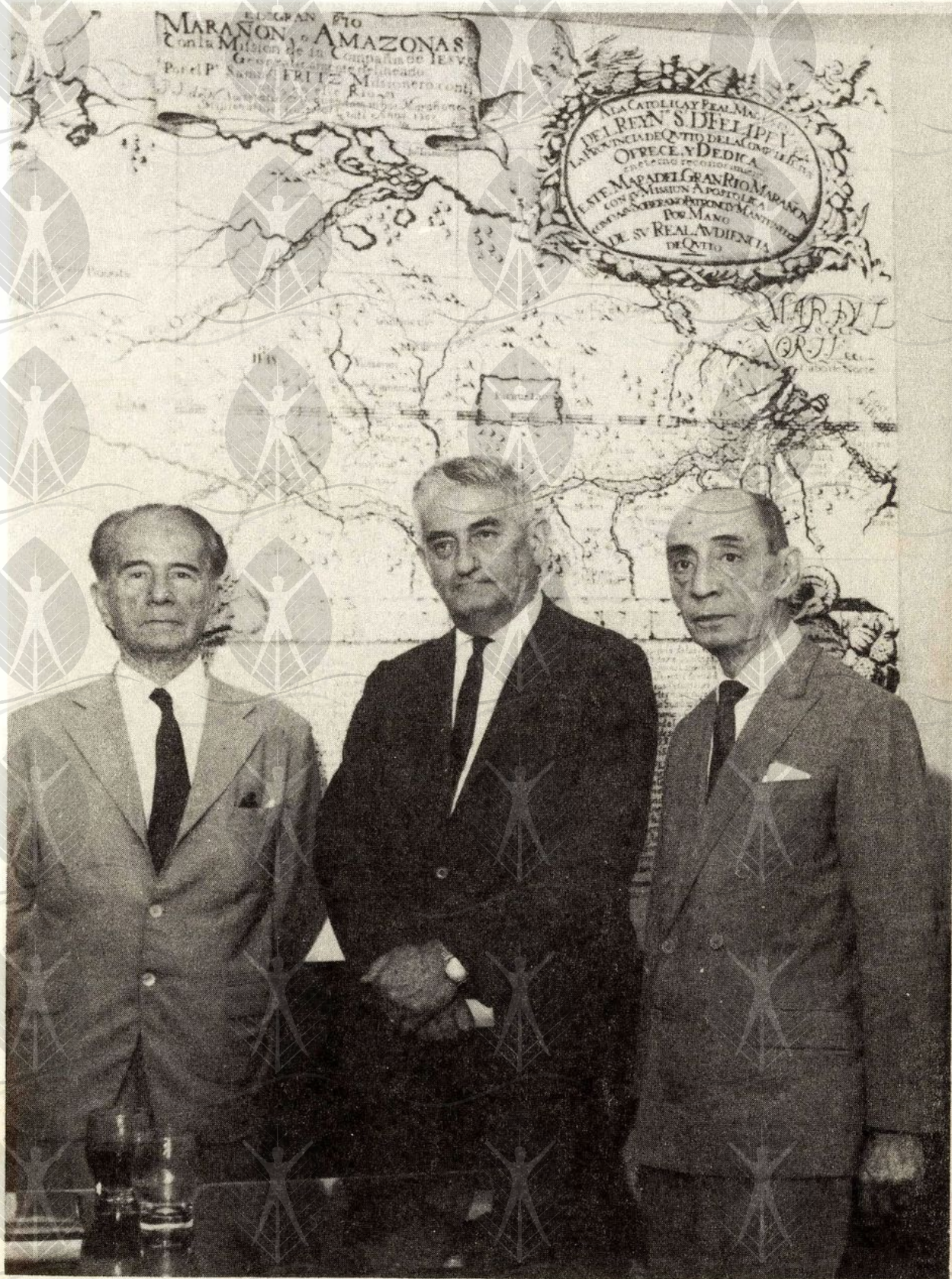
MORTE

Morreu Álvaro Maia à 1:15 da madrugada de 4 de maio de 1969, num apartamento do Pavilhão Santana, da Santa Casa de Misericórdia de Manaus, acometido de infarto do miocárdio na manhã da véspera. Assistiram ao desenlace o médico assistente, Dr. Osvaldo Said, acompanhado pela enfermeira Ruth Helena, pela Srt^a Maia Helena Paiva Monte (prima) e Dr. Erasmo Alfaia (amigo). Imediatamente a notícia se espalhou e começaram a chegar ao hospital os amigos do morto, que foi velado no *hall* do Palácio Rio Negro desde o alvorecer.

O sepultamento de Álvaro Maia se deu ao fim da tarde de 5 de maio, no Cemitério São João Batista, acompanhado por grande massa humana, sentida e emocionada.

(14) Houve um lapso na referência de “Em minha defesa”: o Prof. Marciano Armond havia sido Prefeito no Governo revolucionário de Ribeiro Júnior; o Prefeito de quem Álvaro Maia foi secretário foi Araújo Lima, durante 3 meses.





Álvaro Maia, Arthur César Ferreira Reis e
Júlio Nery, ex-Governadores do Amazonas



**HOMENAGEM PÓSTUMA A
ÁLVARO MAIA**

José Lindoso

HOMENAGEM PÓSTUMA A ÁLVARO MAIA

Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Deliberou a Câmara dos Deputados prestar, nesta tarde, homenagens a quantos, integrando o Parlamento brasileiro, desapareceram durante os meses de recesso.

Não se trata apenas de um dever sob o impulso da saudade. O gesto da Câmara se explica como uma constante na história da Humanidade. Reverenciando os mortos, buscamos, trazer para nós, que permanecemos vivos, exemplo de grandeza e as lições vividas pelos mortos. Participamos, assim, nesta tarde de tristeza, e de saudade, do ofício de reconhecimento e de gratidão por quantos, tendo participado das atividades parlamentares no âmbito do Senado e da Câmara dos Deputados, desapareceram nos últimos dez meses.

O Estado do Amazonas foi golpeado de modo profundo com o desaparecimento, primeiro, de Álvaro Maia; quase em seguida, de um dos seus maiores companheiros de jornada cívica Ruy Araújo.

ÁLVARO MAIA era, efetivamente, uma figura de expressão nacional. Nasceu pelos idos de 1893, na cidade de Humaitá, às margens do rio Madeira, que ele, certa vez, chamou de rio-enigma, pela aparente serenidade e pelas correntezas bravias: o rio-esfinge, rio sagrado, Ganges da Amazônia, com suas águas odiando a monotonia: ora amarelas no inverno, ora azuis-turqueza no verão, verde-esmeraldinas no Candeias e escuras no Machado.

Esse rio como que moldurou o próprio destino do seu filho, com a serenidade das águas tranqüilas, a impetuosidade das maresias e das tempestades e o destino de caminhar sempre, rumo ao infinito, no desejo de crescer e de servir.

ÁLVARO MAIA fez os estudos primários na sua cidade natal. Coursou os preparatórios no então Ginásio Amazonense Pedro II. Depois de perلustrar a Faculdade de Direito de Fortaleza, bacharelou-se, em 1917, em Direito, no Rio de Janeiro. Voltou ao Amazonas e logo se projetou como jornalista, professor e poeta. Essas três colunas de luz — jornalismo, magistério e poesia — sustentaram as linhas profundas, os traços marcantes daquela personalidade.

Começou a vida lecionando Língua Pátria e Instrução Cívica, tendo conquistado as respectivas cadeiras através de concursos memoráveis. E foi assim, como cultor da língua e como evangelizador de adolescentes, que ele, no milagre do amor à Pátria e na intrepidez da defesa dos interesses da nossa gente, se transformou em líder popular.

Na década de 20, portanto, surge **ÁLVARO MAIA** nos planos políticos com a sua famosa, “Canção de Fé e Esperança”, pronunciada no magnífico Teatro Amazonas, ao qual afluíu a mocidade sequiosa de ouvi-lo. Era uma convocação com clarinadas de extraordinária sonoridade; uma convocação à juventude para os prélios cívicos e uma advertência vigorosa e decisiva à situação política dominante. A “Canção de Fé e Esperança” tornou-se uma espécie de Bíblia para as gerações do Amazonas, e, até hoje, todas as vezes em que as dificuldades toldam os nossos céus e todos os instantes em que o entusiasmo e a fé arrefecem em nossos corações, buscamos naquelas páginas o revigoramento do entusiasmo para lutar em defesa da terra e do povo.

Palavras, portanto, de sabedoria, essa canção em prosa ficou na história literária de nossa terra incorporando-se à história cívica do País. Com esse porte de gigante, com essa disposição de guerreiro, foi assim que o encontrou o movimento da Aliança Liberal. E a Revolução de 30, com Getúlio Vargas, vinha ter em **ÁLVARO MAIA** o baluarte, o líder incontestado, para transmitir a sua mensagem de renovação, a sua mensagem de fé às populações amazonenses.

Quando a Junta Governativa, integrada por Pereira da Silva Souza Brasil e Pedro Henrique Cordeiro Júnior, deixou o Palácio Rio Negro, após os primeiros ordenamentos da Revolução, sucedeu-a o grande Álvaro Maia.

Bem rápido foi o seu primeiro período de governo. Um episódio de natureza judiciária produziu reflexos na família amazonense. Promulgara o Tribunal de Justiça do Estado decisão que não consultava aos arroubos da dignidade do povo, e este se amotinou contra a Justiça. Embora talvez tivesse aquele edito base nos frios textos da lei, contrariara os brios da população. O episódio inflamou Manaus, e o jovem interventor, crente na destinação de intérprete da sua gente, ao sentir o vilipêndio à família amazonense, deliberou ouvir um ditame e acatar uma razão: o ditame — aquele nascido da voz do povo; a razão — aquela embasada na dignidade da família. E um decreto interventorial dissolveu o Tribunal de Justiça, formando um novo colégio de magistrados. O fato teve repercussão nacional. **ÁLVARO MAIA** foi então chamado ao Rio e os líderes da Revolução — inclusive Juarez Távora, que tinha a tarefa política de coordenador da Revolução de 30, no Norte — pretenderam que **ÁLVARO MAIA** transigisse e restaurasse o Tribunal dissolvido. Respondeu ele que não atendera ao chamado da Metrópole para defender o cargo, nem para permanecer no poder, mas, sim, para justificar sua atitude de acordo com as aspirações da comunidade amazonense. Não transigiu e, na altivez de amazônida, escudado no exemplo de Ajuricaba, o guerreiro que ele soube exaltar através de páginas maravilho-

sas, resignou a interventoria. Logo mais, ÁLVARO MAIA era eleito Deputado à Constituinte de 1934, e, em 1935, eleito Governador do Estado pela Assembléia Legislativa. Iniciou, assim, a sua vida de administrador atuante, pleno de entusiasmo e de civismo, zeloso pela causa pública. Em 1937, com a reformulação política liderada por Getúlio Vargas, que instalou o Estado novo, ÁLVARO MAIA continuou na interventoria. Sua permanência na chefia do Executivo amazonense estendeu-se até 1945, quando se verificou a redemocratização do Brasil.

Em 1945, fundava ele o Partido Social Democrático, arregimentando o povo para novas lutas cívicas, elegendo-se Senador da República juntamente com o jurista Waldemar Pedrosa.

No Senado, participou da Comissão de Relações Exteriores, tendo comparecido, como um de seus representantes, à Assembléia das Nações Unidas. Deu decisiva contribuição ao estudo dos problemas fundamentais do Direito do Homem.

Em 1950, voltou a disputar o Governo do Amazonas. Eleito em 1954, renunciou, para disputar novamente uma cadeira no Senado. No entanto, não fez seu sucessor ao Palácio Rio Negro, nem garantiu sequer a própria eleição.

Fatos políticos, valores novos alteraram os rumos da política nacional, contribuindo para o desfecho negativo. Depois de ter perdido, em 1954, as eleições — castigado e fustigado por elementos do Partido Trabalhista Brasileiro, os quais, na ambição do poder, esqueceram a verdade, e desencadearam uma campanha de calúnia e vilipêndio — ÁLVARO MAIA escreveu em sua defesa páginas de profunda serenidade intituladas, “No Pretório dos Tribunais”.

Amigo que fui de ÁLVARO MAIA e como um dos seus admiradores, atingiram-me a sensibilidade as palavras do Deputado Joel Ferreira, quando aqui proclamou as injustiças praticadas pelo seu próprio partido contra o nome do líder nortista.

E esse partido, àquela época, só ascendera ao poder porque, acima das conveniências políticas do Partido Social Democrático, havia a consciência de um líder como ÁLVARO MAIA, que não fustigava o adversário, que lhe respeitava a liberdade de pregar, e que, mais do que isso: respeitava a liberdade de caluniar e de difamar. A reparação histórica deve ser assinalada, porque representa ato de justiça a uma das maiores expressões humanas do Norte do País.

Com o desastre político de 1954, tivemos de arregimentar-nos na Oposição, mediante aliança política entre o PSD e a UDN, na tentativa de defender os valores democráticos na afirmação da ordem e do respeito à pessoa humana.

ÁLVARO MAIA, na Oposição, teve o seu inverno político. Nesse período é que ele se transformou no sereno conselheiro de todos nós, com a sua corajosa e prudente atitude oposicionista.

Ainda encontrava tempo para dedicar-se aos trabalhos literários e ao jornalismo. Escreveu narrativas em *Gente dos Seringais*. Ensaiou, com êxito, um romance de costumes, nas linhas do realismo literário, em *Beiradão*. Colecionou e deu publicidade a seu livro *Buzina dos Pararás*, poesias feitas desde a mocidade, revelando, após a fase do parnasianismo, as técnicas modernas do verso, com grande sensibilidade e beleza. E, *Banco de Canoa* voltou a tratar dos temas amazônicos. Já no outono da vida revelou grande humildade. Cultivou o espiritualismo, dentro daquela bondade que moldurara sempre a sua personalidade. De certo, para ele a glória não era senão a soma de todos os equívocos que se formam em torno de um nome novo, como diria o grande poeta Rilke, a Rodin. Para ele a glória não contava senão no sorrir das crianças, no servir aos humildes, no prestar serviços à sua terra.

Em 1966 voltou à liça, numa renhida campanha em que todos os valores do Amazonas como que se aliaram para prestar-lhe a homenagem da solidariedade e do reconhecimento público por uma vida cheia de grandezas e de majestade. E o resultado dessa aliança da amizade, da solidariedade o reconhecimento pelos serviços de ÁLVARO MAIA foi a sua reeleição para o Senado da República.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, ÁLVARO MAIA foi, realmente, uma figura singular da história política do Amazonas, com projeção na política nacional.

Desaparecido nos primeiros dias de maio, parece que estou a vê-lo satisfeito com a sua própria morte. Era madrugada. Era maio, o mês das flores, o mês das belezas espirituais que ele tanto cultivava. Desapareceu humildemente, puramente. Humildade com a pureza da madrugada. Morreu essa grande figura da nossa história política, mas deixou para as gerações que lhe sucedem um rastro de luz de belíssima significação. É que por toda a vida de ÁLVARO MAIA — professor, poeta e político — por toda a vida exerceu ele um fascínio sobre o povo, e o milagre desse fascínio estava no amor com que cultuava a liberdade, no respeito que tributava à dignidade da pessoa humana. E os moços, que nestes dias tumultuosos desejam sempre destruir e tudo querem aniquilar, hão de deter-se, respeitosos, ante a majestade dessa figura, cuja sabedoria, luminosa e pura, poderá ser sintetizada neste dístico:

— ELE AMOU A LIBERDADE E SERVIU À DEMOCRACIA.



**ÁLVARO MAIA,
O ESTILISTA**

João Chrysóstomo de Oliveira



ÁLVARO MAIA, O ESTILISTA

ÁLVARO MAIA foi um prosador e poeta de estilo nobre e elevado, que pontificou, no Amazonas, sua terra natal, projetando seu nome no âmbito nacional.

Como prosador, fez o seu estilo amalgamado em Euclides, Rui, Coelho Neto e alguns clássicos, mas renovado e vigorizado pelas suas vibrações próprias de notável orador, escoreito expositor e apreciável poeta.

A sua vida professoral, no início de sua carreira, deu ao seu estilo o aspecto didático, de quem procura ser claro transmissor de suas lições e idéias.

Aí estão as suas brilhantes teses: “O Ritmo na Língua Nacional” “Português Lusitano e Português Brasileiro Léxica e Sintaticamente Considerados” em que o mestre se desdobra nas frases incisivas, manifestadoras de sua inclinação didática.

Distanciado de minha biblioteca, nas lonjuras da Terra de Iracema, onde ÁLVARO MAIA teve suas raízes, irei apenas tecer ligeiras considerações sobre a estilística do grande senador e tribuno amazonense, dada a falta de subsídios bibliográficos.

A especialidade de didata de ÁLVARO MAIA é que ele não se submetia à secura do preceptor aridamente, amenizando esta secura com a vibratibilidade de uma eloquência filosófica e a doçura de uma expressão meio poética.

Para muitos didatas tais recursos podem ser considerados verdadeiras heresias, mas para o professor que ama os seus discípulos, como ÁLVARO MAIA, constituem verdadeiros respiradouros para as mentes empenhadas exaustivamente em busca da verdade.

O dizer seco não deve ser a característica da didática que também pode usar como instrumento de sua meta o dizer humanizado, o dizer vivido em sentimento de quem deseja sintonizar-se com os ouvintes ou aprendizes.

Esta era a escola de ÁLVARO MAIA que não mediavalizou suas lições no didatismo escolástico.

Apreciemos como o mestre considera a gesticulação como o reforço da palavra, em sua tese:

“Hei lido a propósito da gesticulação dos portugueses, dos brasileiros, dos latinos, e da hierática imobilidade do saxônio. Alguns escritores censuram a gesticulação, incidindo num erro crasso, uma vez que em certas sociedades e raças, pertence à maneira de falar. Brota com a frase aclarando a idéia, e nasce das próprias influências mesológicas e profissionais. Diz Breal que o gesto é o comentário natural da palavra.”

Com que prazer, ÁLVARO MAIA, endossou essa definição brealina do gesto, definição que é um misto de poesia e filosofia: “o gesto — o comentário natural da palavra”...

Prosseguindo, vejamos como as suas tintas de observador filósofo aprecia o modo de linguajar do nosso povo:

“Dentro do nosso País, podemos ver que o cearense fala com pressa, ao contrário do caboclo. O pescador murmura com preguiça um ou outro monossílabo spacejado, enquanto o agricultor palra sem descanso. O nordestino conversa agitadamente, em ranchos alegres, enquanto o nativo amazônico sente os seus dias em constante contemplação. A profissão de pescador exige o silêncio, ao passo que a do agricultor, cuja atividade se desenvolve em aglomerações, disfarça do trabalho ao sol no canto e na palavra.”

Não fora o filósofo nessa digressão, não fora o poeta nessa meditação, esse trecho não figuraria em uma tese de concurso, em que a sobriedade e a secura são aconselhadas no estilo chamado didático. E o cearense, base de sua formação étnica, não escapou à sua inteligente observação.

Falando no português do Brasil, em comparação ao de Portugal o grande estilista amazonense, não se contém e atira-se nesse vôo de visionário.

“O brasileiro vai aperfeiçoando esse canto dirigido pelos agentes que o cercam e transformará a língua numa estranha harmonia, condutora de todas as idéias nobres da raça.”

“Em vez de protofonia provençal, que ensolaram o amanhecer da literatura portuguesa, carregada de sons meridionais, teremos uma nova música, em que se confundam os clamores dos selvagens em luta e as vozes da natureza virgem, acordada para a poesia.”

Um didata ortodoxo, preso aos ditames da exposição fria das teses científicas não abraçaria lances desta natureza, em que o poeta se trai e o filósofo se projeta em concepções avançadas. Mas nem por isto a tese perde o seu mérito que já encerra algo de poético e filosófico em seu próprio título; “O Ritmo na Língua Nacional”, em que a fonética moderna, com escalas musicais e diagramas, é substituída por digressões empolgantes. Nem por isto o valor da tese é prejudicado, pois ÁLVARO MAIA sabe aquecer a frieza científica com calor

do seu estilo didático humanizado pelo modo *sui-generis* de encarar as questões lingüísticas.

“O ritmo vem sendo impassível e implacável modelador da linguagem — sentença ÁLVARO MAIA, encerrando o seu trabalho com este rasgo, apaixonado pelo seu berço e pelo seu povo:

“O brasileiro possui o segredo do ritmo, emitindo demoradamente as vogais com acentos, que tem para sua grafia o valor de sons musicais.”

Era interessante que muitos didatas carrancudos com as suas exposições áridas e dogmáticas aprendessem a vivificar o seu estilo com a paixão de quem quer mais aproximação com os seus discípulos através da sua sensibilidade, como praticou ÁLVARO MAIA, nas teses comentadas e em “Imperialismo e Separatismo” e “A Bandeira Nacional”..., com as quais conquistou as cátedras de Português e Educação Moral e Cívica.

“Canção de Fé e Esperança” — foi o catecismo cívico com que ÁLVARO MAIA no início de sua carreira política e literária, abriu uma cruzada sacrossanta de reivindicações em prol do Amazonas, terra abandonada e espoliada e desbrasilizada, sob protestos veementes e solenes do jovem tribuno e poeta, rugindo como uma força vulcânica:

“Despovoado e inexplorado, o Amazonas é um gigante à maneira de Gulliver, por falta de confiança em seus membros, muito tempo levará a quebrar as linhas que o prendem à escuridão e à pobreza. Quando elas se partirem, ao abrir-se ao mundo o estádio impenetrável, as bênçãos, que espalhamos sobre as cinzas dos antepassados, caberão a nós atalaias das tradições redivivas, templários das catedrais ameaçadas, videntes da glória de amanhã.”

Podemos afirmar que nesta estréia do grande tribuno e pensador, ele arrebatou os seus coevos, jovens ou velhos, com um verdadeiro poema em prosa, de protesto e reivindicações do seu berço. Arrebatou de tal maneira que um grupo de amigos custeou a impressão do trabalho para distribuição gratuita.

Em “Canção de Fé e Esperança”, ÁLVARO MAIA demonstrou forte influência de Rui e Vieira, em seu estilo, comprometido pelas longas tiradas, mas sem cair na prolixidade enfadonha.

Vieira influiu tanto no estilo desse opúsculo, que ÁLVARO MAIA não escapou do tom profético, para nosso gáudio, aliás, tom profético que talvez chegue à realidade no tempo previsto pelo grande estilista amazônida!

“E é esse amor que nos faz prever o Amazonas de dois mil e vinte e três, como uma pátria em que milhares de homens, unidos pelo mesmo afeto, celebram uma nova era, sustentando, por seu poder financeiro, uma potência econômica formidável, cujas cariátides serão as fábricas plantadas nos campos, os armazéns com incalculáveis valores, as cidades debruçadas à margem dos rios barrentos.”

Mais adiante, arremata a sua profecia, depois de citar Rui, como o vexilário da liberdade, depois de citar Heliodoro Balbi, como o supremo exortador, com expressões vibrantes de tom divinatório:

“O Amazonas entoará, com a vitória dos seus filhos, o hino de uma época de ouro: o Eldorado não será uma fantasia com “vales de sombra e montanhas de lua”, escondidos na imaginação, como pensou Edgard Poe, mas o solo em que as cidades livres e os homens livres terão cantos e bênçãos para a vida.”

Eis o fecho do estilizada libertário, que bem evidencia o pensador profundo, o sociólogo penetrante, em face do anseio de liberdade da massa:

“É inútil abafar a chama de liberdade nos peitos em que resplandece silenciosamente, porque, no momento oportuno, ela encontrará abertura por onde fuja em caminho do céu, rasgando valas e crateras.”

Em *Banco de Canoa e Gente dos Seringais*, ÁLVARO MAIA se revela o grande narrador euclidiano, aqui e ali dominado por uma espécie de panteísmo que personifica o inanimado e reveste de personalidade transcendental o ser vivente.

Deliciemo-nos como ele atribui à “montaria” e ao “banco de canoa” uma hegemonia social que só o gênio de um sociólogo e filósofo pensador poderia conceber e arquitetar:

“Montarias, igaritês, batelões, ubás, cascos velhos de igapós, nos rios e lagos, nos paranás e bamburais. Seringueiros, pescadores, roceiros, negociantes, médicos, dentistas, padres e freiras, viajando, pescando, passeando, transportando produtos, enfermos, festeiros esfaqueados, defuntos e casamentos.”

.....
O *Banco de Canoa*, ao léu da correnteza, rodando suavemente nos remansos, apropria-se a confidências sussurrantes ou historietas ruidosas desbordantes de gargalhadas.”

.....
“No rapto, servem de leito: os fugitivos vão para longe, já marido e mulher.”

.....
“Há canoas respeitadas, com três ou quatro remeiros — a do padre, do agente fiscal, do dentista, do cabeleireiro, ordinariamente motorizado. Conduzem toldas, onde se abrigam as pessoas mais importantes e as crianças.”

E assim podemos notar o sentido profundamente humano e social com que ele pinta o importante papel que desempenha o banco de canoa nos núcleos interioranos, nas comunidades dos florestários para usar um dos seus mais felizes neologismos.

Os contos são fortes quadros da vida brutal e selvagem do seringueiro e do seringalista, brutalidade e selvatiquês tão bem pintadas em *Inferno Verde* de Alberto Rangel.

Em *Gente dos Seringais*, sentimos ÁLVARO MAIA como o próprio protagonista das narrativas em linhas autobiográficas como as de “D. Luvinha” em que ele pinta afetivamente sua genitora, no seu estilo ora à Euclides ora à Álvaro Maia propriamente.

O seu estilo descritivo é forte e tem a vivacidade de uma pintura rembrantina.

No obscurecer do firmamento:

“Os horizontes escurecem tragando a luminosidade do sol.”

No movimento das correntes aéreas:

“O vento acaricia as frondes, arripia o espelho do rio, movimentando-o em pequenas ondas.”

Ao relampaguear, sob ventania:

“Fuzilam claridades, entre montes escuros de nevoeiros, escarvando-os como formões refulgentes; as ventanias fortes sucedem-se às brisas encrespando vagas e arrastando os paus-mulatos para a água como se cabos e carterpilars construíssem essa febre destrutiva.”

Por estas poucas horas, apreciamos algumas facetas da estilística de ÁLVARO MAIA que foi exuberante na poesia — *Buzina dos Paranás* —, nos ensaios “Na Vanguarda da Retaguarda” — nos contos regionais — *Banco de Canoas* — nos discursos e nas conferências — “Velhos e Novos Horizontes” “As Responsabilidades Revolucionárias da Juventude”, nos estudos — “Pela Glória de Ajuricaba”, “Panorama Real do Amazonas” etc., etc., obras em que o poeta sempre se evidenciou na prosa e o filósofo pensador se projetou na poesia, com a característica saliente: o profundo amor à sua terra e ao seu povo.





ÁLVARO MAIA recebendo do Desembargador AZARIAS MENESCAL DE VASCONCELOS, Presidente do TRE - AM, o diploma de Senador da República, em cujo mandato faleceu •



**ÁLVARO MAIA,
O PROFESSOR**

João Nogueira da Mata



ÁLVARO MAIA, O PROFESSOR

Quando Álvaro Maia tomou a iniciativa de ascender, mediante concurso, à cátedra de Português no Ginásio Amazonense Pedro II, já se havia firmado, em grande estilo, como homem de imprensa, poeta de rara sensibilidade, prosador eskorreito, com assento em uma das poltronas da Academia Amazonense de Letras. Diplomado em Ciências jurídicas e Sociais pelas Faculdades de Direito do Ceará e do Rio de Janeiro, jamais deixara de lutar pela conquista do ideal a que se voltara desde a adolescência.

Com efeito, a partir da formatura, em 1917, estivera sempre em franca atividade, de início na *Gazeta de Notícias*, na então capital da República, e posteriormente, com seu regresso a Manaus, como redator do *Jornal do Comércio*, da *Imprensa* e de *O Libertador*. Neste, durante os acontecimentos de 23 de julho de 1924. Desempenhara, igualmente, as funções de redator de debates da Assembléia Legislativa, Procurador da República, auditor da Polícia Militar, secretário da Prefeitura Municipal de Manaus, consultor jurídico da Associação Comercial, diretor do *Diário Oficial* e da Instrução Pública.

Ao desincumbir-se de tais encargos, uns em comissão e outros em caráter interino, impôs o timbre de sua personalidade, talhado, decerto, para cometimentos ainda mais nobilitantes.

A responsabilidade da cátedra, portanto, não o atemorizara, porque, homem de letras dos mais conceituados, já se habituara à liderança intelectual. Estudioso desde jovem, seduziram-no as longas incursões pelo amplos domínios do vernáculo. Pesquisas que estimulavam excelentes produções literárias, assim pelas colunas de jornais e revistas, como em tertúlias que marcaram época.

Alcandorara-se em condições magníficas o preparo do candidato, para apresentar-se perante a douta congregação do Ginásio, vale dizer, perante os mesmos mestres que o haviam preparado para transpor os umbrais de uma Faculdade.

Catedráticos eram, nesses idos, homens da estatura mental de um Plácido Serrano Pinto de Andrade, profundamente versado em grego, latim, alemão, português e literatura; de um Cariolano Durand, admirável nas preleções de francês, prosador e teatrólogo de reconhecida notoriedade, com excursões a

metrópoles européias, inclusive Paris; de um Ricardo Mateus Barbosa de Amorim, extraordinário nas explanações sobre capítulos da história pátria.

Eram verdadeiros congregados, ainda imbuídos daquela incorruptível mentalidade emanada das Faculdade de Direito de São Paulo e do Recife, ou do Colégio do Caraça em que só a matéria bem assimilada constituía o “justo motivo” para aprovação nos exames. Tamanha a austeridade dos mestres amazonenses que um Júlio Nogueira — anos depois consagrado no sul, com várias obras publicadas — não lograra classificação condigna em rumoroso concurso de Português.

Eis a congregação que achou de bom alvitre estabelecer, em 1926, as duas seguintes teses ao candidato Álvaro Maia: “O Ritmo na Língua Nacional” e “O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro” Ambas de palpitante interesse. Aquela, afortunosa coincidência para o vate, já festejado por tantos versos inspirados, e esta um convite delicado a investigação filológica, a quem se tornara, desde cedo, exímio cultor do idioma pátrio.

“O Ritmo na Língua Nacional”, que lhe coube desenvolver, só pode ter sido recebido de bom grado pelo candidato. Este, pondo ombros à pesquisa, valendo-se dos conhecimentos auferidos em apuradas vigílias, entrou em copiosas digressões em torno da articulação da palavra, desde as teorias de Haeckel com seus “antropóides”, de Harder, com a “onomatopéia”, de Giácomo de Gregório — este sim, com a convicção de que “a linguagem é privativa do homem” — até às fascinantes explicações acerca da evolução do português falado no Brasil, sem dúvida influenciado por dois elementos preponderantes — o ameríncola e o africano. Eis, em síntese, o opúsculo em referência.

A segunda tese distribuída — “O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro”, não podia ser mais momentosa e, pois, convidativa para o candidato. Excogitação que já vinha sendo feita com grande insistência, quer por filólogos portugueses, quer por filólogos brasileiros.

Daí por que, logo na primeira página da monografia, procurou o autor ressaltar: “Não é ousadia afirmar que a enunciação de uma tese como esta, versando diferenças léxicas e sintáticas entre a língua portuguesa em Portugal e no Brasil, seria, há poucos anos, motivo para derrancos atrevidos contra o corpo docente de qualquer instituto. O feito palmar, repudiado por severos lexicólogos, adquire alentos novos, inegáveis nos últimos tempos, e daí a coragem com que vem sendo cuidado pelos tratadistas”.

Linhas mais adiante, com o mesmo sentido de equilíbrio, fixa: “Pode-se dizer que, abjurando de pontos meramente gramaticais, a congregação do Ginásio Amazonense Pedro II houve por estender suas cogitações a um fenômeno sociológico, irrefutável em suas manifestações, através do frasear de trinta e cinco milhões de criaturas. Negar essa diferença radical apregoada pelos próprios mestres portugueses é negar princípios lingüísticos alicerçados em ciência”.

Diligente em todos os empreendimentos — no recolhimento de sua incurável modéstia e no silêncio de um gabinete, fechado a sete chaves — Álvaro Maia elaborou tese magistral, cuja súpula, aqui se torna difícil por angústia de espaço. Escreveu páginas lapidares, com selecionadas citações, e chegou à conclusão de que, em verdade, há marcantes diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil, sem perigo, porém, de rutura no cerne da língua comum aos dois povos.

De qualquer maneira, o concurso propiciou-lhe posição de pioneirismo e liderança nas investigações do assunto, a que se vêm dedicando tantos vernaculistas, quer em nosso País, quer em plagas lusitanas, com a formação de duas bem nítidas correntes: a dos que asseguram a existência de “diferenças”, sem maiores conseqüências, e a dos que vão mais além e reivindicam uma “língua brasileira”.

Com os preconizadores da primeira corrente foram, entre muitos outros, Clóvis Monteiro, com *O Português da Europa e o Português da América*; Sílvio Edmundo Elia, com *O Problema da Língua Brasileira*, e João Leda, com *A Quimera da Língua brasileira*. À vanguarda da segunda corrente aparecem, tomados de intenso ardor nacionalista, Edgard Sanches, com *Língua Brasileira*; Arthur Neiva com *Estudos de Língua Nacional*; Herbert Parente Fortes, com *A Gramática e a Evolução da Língua Portuguesa no Brasil*; Xavier Marques in *Cultura da Língua Nacional*; Antenor Nascentes, com o *O Idioma Nacional*, 4 volumes; José de Sá Nunes, com *A Língua Vernácula*, da 4ª série; Domingos de Castro Lopes, com *A Língua Brasileira*; Renato Mendonça, in *O Português no Brasil*, Cândido Jucá Filho, com *A Língua Nacional*; Eugênio de Castro, com *Geografia Lingüística e a Cultura Brasileira*; Ciro de Pádua, com *O Problema da Língua Brasileira*, e Herbert Parente Fortes, com *A Questão da Língua Brasileira*. Notáveis, ainda, os estudos referentes à influência do ameríndio e do negro no português falado nas plagas brasileiras. Dentre outros, uma tese de concurso no Colégio Pedro II — “A Influência do Tupi no Português”; “O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa”, de Jacques Raimundo, e “A Influência africana no Português do Brasil”, de Renato Mendonça.

Ainda hoje — decorridos mais de quarenta anos — a tese de Álvaro Maia continua quase inalterável, nada obstante as pesquisas já feitas, quer em Portugal, quer no Brasil.

A defesa da tese propriamente, e a aula prática perante a colenda congregação, merecem os maiores encômios. Diante de mestres zelosos na conservação do sentido de austeridade, o candidato esteve à altura dos méritos proclamados. Estava-lhe franqueada a cátedra.

Nomeado para a regência de Português, transmudou-se o novo titular em autêntico apóstolo no seio da classe de professores. Orador elegante, de vocabulário opulento e eloqüência arrebatadora, passou a pontificar em todos os cânulos de inteligência. Na Academia Amazonense de Letras, em conferência

que se tornaram memoráveis. Na revista *Redenção*, com trabalhos em prosa e verso do mais fino gosto. Nas tertúlias de professores, gizando diretrizes.

De tal maneira se credenciou à estima de todos, em Manaus, como intérprete dos anseios da elite magisterial, que sua presença se tornou imprescindível nas melhores comemorações.

Na famosa “Canção de Fé e Esperança” em que desfraldou a bandeira da rebeldia, em nome das gerações novas — das quais se tornara um vexilário — eis como se dirigiu ao professorado de sua terra:

“Aos moços amazonenses — homens em botão e mulheres em manhã — cabe arquitetar a obra ressurgente, em qualquer profissão que tentarem, mas principalmente no trabalho de ensinar crianças — de formar almas e modelar caracteres. Cabe às professoras que vão exercer seu magistério em meio selvagem, desbordante de beleza e tremendo de ferocidades: muitos desconhecem, no descuido do altruísmo, o papel preponderante que desempenham, lutando, como guerreiras sem munição, num Estado em que o problema da instrução, excetuando Manaus e alguns pontos do interior, é uma tristíssima, dolorosíssima incógnita, devido à escassez de verbas.”

“Sois, minhas patrícias, o grande braço da ressurreição, porque dais a centenas de crianças, e sem que recebais o pão de cada dia a letra de cada minuto, a luz de cada hora, o trigo de cada manhã.”

“Sois, divinas escultoras, corrigindo as obras da criação, nas imperfeições com que brotaram das revulções, das erosões desse apavorante mundo, verdadeira *selva selvagia*, em que a ciência esbarra, espantada ante mil imprevistos — que é a criança, produto de entrechoques hereditários. Entra o salão de aula, revelando nos instintos os anátemas sombrios de mórbidos atavismos, e não perguntais de onde vem, nem para onde vai. Sabeis apenas que chega fria, que precisa de calor e de sol — sol e calor que entesourais no coração, acumulado por vossos mestres, em cinco anos de curso.”

“E como bate à porta do tempo do sol? Em idade capaz, passados os anos da primeira infância, na alvorada fulgente da adolescência? Não! Vem como um pássaro implume, tiritando ainda dos longos vôos através de espaços enevoados, na desconfiança de quem pousa em florestas soturnas, em paragens desconhecidas, veladas por sacerdotisas, em cujas fronteiras a auréola do respeito e da formosura imprimiu um cunho de pureza e de santidade.”

“A voz, em suas bocas, ainda é um pipilo, uma suave surdina arrastada em *scherzos e tremolos*: os seus olhos são andorinhas medrosas, de asas sem penas, tremendo sobre precipícios; os seus braços não têm movimento. Mas, ó delicioso milagre! após ligeira hibernação nesses jardins de infância a que Frobel imprimiu a sua aguda penetração, após esse interregno de “aprender pelo divertimento”, elas gorjeiam à flagrante transformação; a sua voz não é mais pipilo, mas gorjeiam; os seus olhos não traduzem o espanto, mas os albores do conhe-

cimento; os seus braços não se desengonçam, nem se desarticulam como de polichinelos, mas traçam linhas quando se estendem ou recuam. E por quê? Ingênua interrogação! Porque lhes destes voz, porque lhes destes luz, porque lhes destes atitudes, arrancando da treva da ignorância almas para a beleza e criatura para a pátria! Saúdo em voz, semeadoras, o futuro de nossa terra, que reclama, para sua liberdade, a semente decisiva nesses rebentos que se erguem, e cujos galhos, projetando-se pelo tempo, possam dar sombra e carinho a todos nós, a essa época lenços vacilantes em último adeus à vida, bendizendo o vosso trabalho e vossa luta. Nem é mister que transcorra meio século para essa ressurreição, desde que o trabalho comece presentemente, na geração de hoje.”

“Cabe a exaustiva tarefa a vós, que sois como *Scheherazades* morenas, ou como fadas que vêm despertar princesas adormecidas, apenas com essa varinha mágica — o giz — e com esses sinais de quiromântica — as vossas palavras.

A pregação continuou em outra oportunidade, quando distinguido para usar da palavra, como, por exemplo, em 1930, na conferência realizada no salão nobre do Ginásio Amazonense Pedro II, em torno do vulto paradigmático de Ajuricaba. Depois de fixar, em períodos candentes, o episódio heróico em que o nume tutelar da Hinterlândia preferiu a morte à humilhação, assim se dirigiu às conterrâneas, responsáveis pela educação.

“Professoras, que sois, “mães espirituais, de todas as crianças, estudantes, que alimentais nos corações, como em orquidários, a região auroral do amazonismo, recebei o símbolo patricio e espalhai-o pela juventude, pela raça, pelo Amazonas.”

“Ajuricaba morreu há dois séculos, mas a sua lembrança, como a de todos os heróis, perfuma e ilumina os lugares que pervagou. Alvorece definitivamente para nós todos, em halos esplendorosos: é a mais bela figura de nossa história primitiva e corporifica as duas maiores lendas regionais, viveu em batalhas, como as Amazonas, e buscou as águas, como as Iaras. E, se não ressurgiu aos pajés avoengos, que o esperavam para entregar-lhe o comando de novas hostes ameríndias, refloresce numa clarinada astral, hoje e pelos evos em fora, para o carinho, amor e admiração de sua gente e de sua terra.”

Em 1929, quando ingressei no Ginásio Amazonense Pedro II — retomando os estudos encetados no Colégio D. Bosco — vim a conhecer Álvaro Maia lecionando nas salas do terceiro ano. Era ele a esse tempo um homem em plena exuberância intelectual, robusto, corado, com os cabelos castanhos e bastos a lhe emoldurarem a cabeça de pensador. Esmerado em trajar ternos claros de tropical ou de linho, bem talhados. Tipo acabado do líder, de sorriso franco e idéias cristalinas.

Além dos antigos catedráticos, já citados, outros prelecionavam no tradicional estabelecimento da avenida 7 de Setembro, com evidente eficiência: Paulo Eleutério Álvares da Silva, Carlos Mesquita, Joaquim Martins Santana. Ál-

varo Maia exercia, porém, indiscutível preponderância sobre eles, quer pelo trato lhalano, quer pelos discursos e conferências que lhe asseguraram notabilidade.

Havia nele um vanguardista em marcha, ou um precursor de reformas sociais, desde 1923, quando proferiu no Teatro Amazonas a “Canção de Fé e Esperança”, se tornara o fiador de melhores dias para as novas gerações.

Do ponto de vista didático, as aulas de Álvaro Maia alcançavam marcantes resultados. Preleções de clareza meridiana. Em vez de textos decorados — como era exigido no tempo de estudos geográficos e históricos à base de perguntas e respostas — fazia questão que os discípulos interpretassem os trechos lidos ou analisados. Exercícios de elocuições objetivos.

Ao contrário de professores que só seguiam um compêndio, ou deixavam entrever que eram enciclopédias ambulantes, punha os alunos à vontade na escolha dos autores.

Fazia da análise sintática — insuportável para tantos jovens — tarefa perfeitamente executável, sem canseiras ou desânimos. No emaranhado dos métodos de análise então seguidos, ora o inglês, ora o francês — preferia como ecletismo aceitável — como que se antecipando à “nomenclatura gramatical” da atualidade.

Nesse trabalho de beneditino, prontificava-se ainda em ditar pontos, suprimindo assim a deficiência, ou omissões, dos compêndios em uso. Ditava esses pontos sem esquemas e de uma sentada, passeando de um lado para outro da sala de aula, à imitação dos peripatéticos, a que aludem os livros de filosofia. De memória privilegiada, recitava poemas, e sonetos de Olavo Bilac a Alberto de Oliveira, já influenciado pelas inovações da “Semana de Arte Moderna”, costumava recomendar os lançamentos de Mário de Andrade, Ronald de Carvalho e Menotti Del Pichia.

Tão vinculado andava à mocidade, nos idos de 30, que na tarde de 12 de agosto, de cabelos revoltos e braços levantados em protestos, saiu à frente da multidão, lado a lado com o diretor do Ginásio — o bravo paraibano Plácido Serrano Pinto de Andrade — rumo à Central da Marechal Deodoro.

O prêmio desse gesto de indiscutível bravura lhe caiu às mãos, meses depois, mercê de criteriosa indicação do ínclito general Juarez Távora, então Delegado do Norte. A Revolução de Outubro, conduziu-o da cátedra do Ginásio Amazonense para a poltrona do Palácio Rio Negro. Proveitosa quanto possível sua permanência à testa dos destinos do Estado. Iniciativas com irrecusável sentido de oportunidade.

Aquele critério “de antes quebrar que torcer” — em face do agitado “caso da comerciária”, e em consequência do qual preferiu afastar-se do poder — é que o vinculou pelo resto da vida à política, em condições irreversíveis.



ÁLVARO MAIA
Professor do "Ginásio Amazonense Pedro II"



**ÁLVARO MAIA,
O POETA**

Elson Farias

ÁLVARO MAIA, O POETA

A imagem que tenho de Álvaro Maia sempre foi a imagem do poeta, ainda quando na tribuna popular defendendo, em memoráveis campanhas, seus ideais políticos. Meu pai era seu admirador incondicional e cresci ouvindo louvores ao seu nome, mas somente mais tarde é que fui conhecê-lo na presença viva, na cidade de Parintins, exatamente, num desses momentos de sua vida, aclamado pelo povo, em manifestações que se irmanaram à sua simpatia pessoal, aureolada pelo renome de seu talento e inteligência.

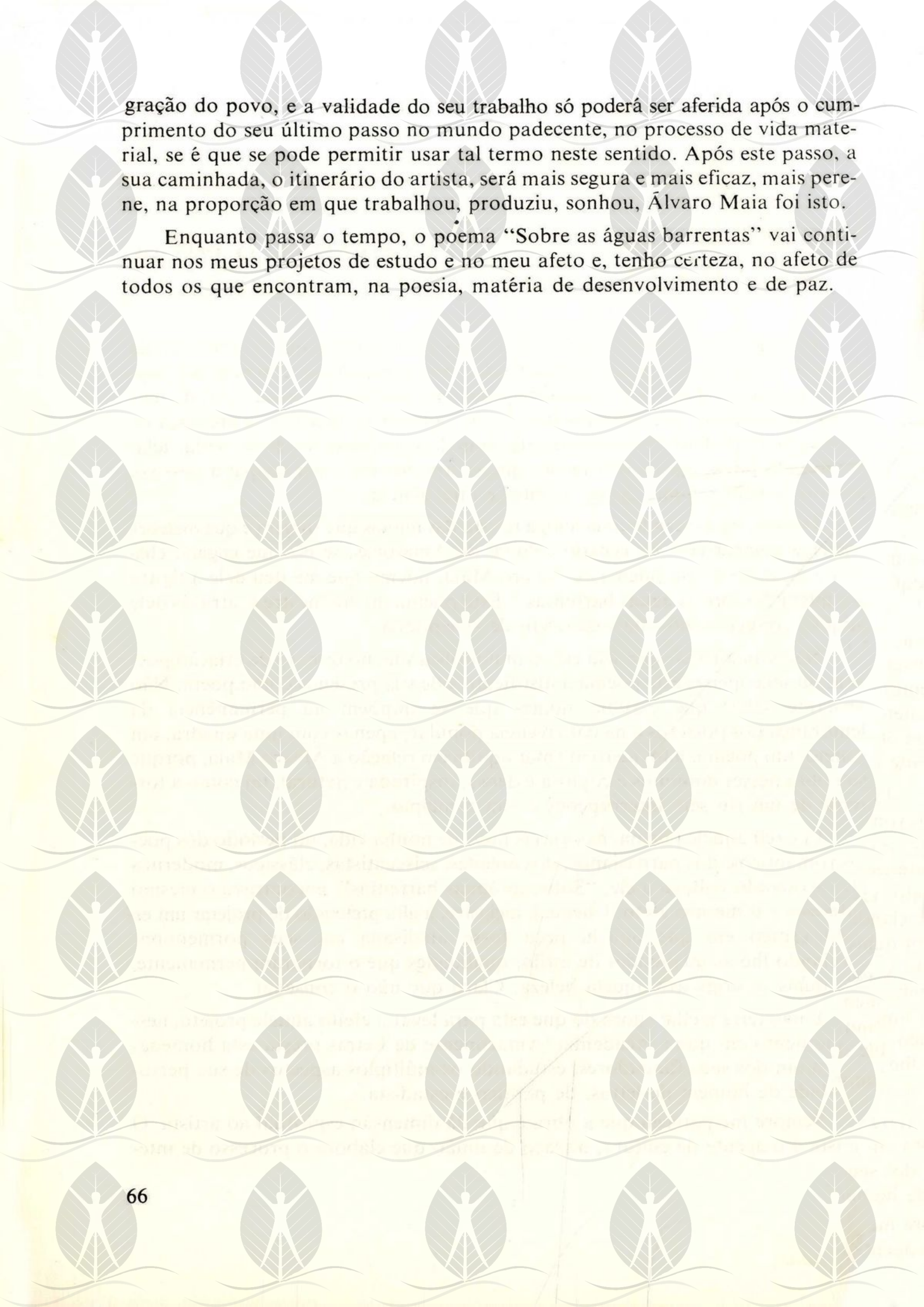
Depois, manuseando uma antiga revista das muitas que surgem e que meteoricamente desaparecem no cenário cultural do Amazonas, se não me engano chamada *Equador*, li um poema de Álvaro Maia, poema que me deu dele a figura completa: "Sobre as águas barrentas". Este poema me foi mestre e, através dele adquiri conhecimento mais concreto de sua poesia.

Não vou afirmar que seja esta a maior obra sua, no terreno da criação poética, ou seja apenas este poema a justificativa de sua presença como poeta. Não obstante saber que existem nomes que se impõem na permanência da lembrança dos pósteros e na convivência popular, apenas com uma quadra, um soneto, um poema, não quero afirmar aquilo em relação a Álvaro Maia, porque sua obra nesses domínios é copiosa e densa, inspirada e natural, tal como a torrente de um rio sem interrupções e sem princípio.

Li e reli aquele poema, nas várias fases de minha vida, no período dos poetas românticos, dos parnasianos, dos árcades, seiscentistas, clássicos, modernos etc., e quando voltava a ele, "Sobre as águas barrentas", encontrava o mesmo interesse e o mesmo afeto. Cheguei, inclusive, à alta pretensão de projetar um estudo crítico em que aquela peça fosse analisada em seus pormenores, revelando-lhe as qualidades de estilo, qualidades que o tornaram permanente, das quais se originava aquela beleza. Claro que não o consegui.

E não teria melhor hora do que esta para levar a efeito aquele projeto, neste momento em que a Academia Amazonense de Letras presta esta homenagem a um dos seus fundadores, estudando os múltiplos aspectos de sua personalidade de homem de letras, de político e estadista.

Sempre me pareceu que a obra é que dá dimensão espiritual ao artista. O artista é o agente de cultura, o traço de união que elabora o processo de inte-



gração do povo, e a validade do seu trabalho só poderá ser aferida após o cumprimento do seu último passo no mundo padecente, no processo de vida material, se é que se pode permitir usar tal termo neste sentido. Após este passo, a sua caminhada, o itinerário do artista, será mais segura e mais eficaz, mais peregrina, na proporção em que trabalhou, produziu, sonhou, Álvaro Maia foi isto.

Enquanto passa o tempo, o poema “Sobre as águas barrentas” vai continuar nos meus projetos de estudo e no meu afeto e, tenho certeza, no afeto de todos os que encontram, na poesia, matéria de desenvolvimento e de paz.



**TRAÇOS DE UMA SOCIOLOGIA
NA OBRA DE ÁLVARO MAIA**

André Araújo

TRAÇOS DE UMA, SOCIOLOGIA NA OBRA DE ÁLVARO MAIA

A obra intelectual de Álvaro Maia enriqueceu a bibliografia amazônica, em seus aspectos mais originais.

Como historiador de fatos e de tipos humanos, até agora meio desconhecidos, em seus aspectos lendários e místicos — é Álvaro Maia, — e o é com piedade e sorrindo — quase um criador de vasta tipologia do setentrião.

Anatole France disse certa vez que a piedade é a base do gênio.

Os livros que publicou, para mim, são livros tristes, como o é o *Dom Quixote*, de Cervantes. Dos livros de Álvaro Maia partem gritos de liberdade, como partiam as graças de Paula Ney.

A *Iliada*, a *Odisséia*, os *Niebelungem*, a *Canção de Gesta*, a *Sabinada*, *Mascates*, *Cabanada*, estão cheios de fanfarras, de valentias, de intrujices, de ridículos, bem como de personalidades viris e eméritas, cheias de sombras, de luzes, de gritos, de desesperos humanos.

Ali estão os sinais de épocas heróicas, longínquas. Aqui na obra de Álvaro Maia os sinais da terra, das florestas, das águas, dos lugarejos, dos barracões, dos seringais tremendos, dos dramas de adultérios, das lutas pela mulher, das pragas de insetos daninhos.

São as nossas condições humanas que falam. São as nossas fontes históricas, forças ocultas que agem sobre a nossa psicologia e que se tornaram objeto da antropologia dos livros ricos em sociologia, em folclore, em geografia, em história, em humorismo desse grande Álvaro Maia.

A gleba, a estrada, a dietética, os hábitos, o lendário, o místico, a vida social, a criminologia, as revoltas, as fugas de dentro das florestas, a fé, o amor, as técnicas, o trabalho, a medicina caseira, o caçador, o regatão, o banditismo, a politicagem, tudo ressalta das páginas vibrantes de seus livros, de cujo Álvaro Maia se transcende sempre de novas roupagens, como escritor realista, de forte prosa moderna, regionalista, meio sertanista, sofrendo altas influências geográficas da Amazônia.

Nessas e em outras raízes de nutrição inspirativas, o caboclo escritor se veste da tanga imortal dos “caboclos do fundo” para vibrar o tacape da ironia e das segundas intenções, em maravilhoso estilo literário, sob o fundo tropical,

do clima do rio Madeira e afluentes, entre flora e fauna, numa sociedade de cuja decomposição faz surgir o sentido de uma liberdade que forma novos valores, na paisagem cultural dos costumes locais, das lendas, dos tipos, da linguagem dos nativos, dos nordestinos, tudo com a beleza de raro estilo e ritmo admirável.

Nesse jeito, os conflitos morais e sociais que deparamos em seus trabalhos são realidades da lei geral do desenvolvimento da civilização e dos povos, dos grupos e das comunidades.

Rivalidades, revanches, crimes bárbaros, certos tipos depravados, são o sedimento, no isolacionismo amazônico, que fermentam, não longe, através de uma evolução social acelerada — o essencial para o desenvolvimento da região, incorporando essas regiões bárbaras na vida e na grandeza da humanidade.

No aprofundamento psicológico, a temática de seus livros é sociologia. O legado que ele nos deixa, deve ser esse. E o saldo (usando um termo do seringueiro do rio Madeira) deve ser traduzido na fé e no idealismo do homem que, um dia, cantou na sua “Canção de Fé e Esperança” a beleza desta terra que ele soube honrar e engrandecer pela cultura, pela bondade, pela pobreza de bens materiais em que viveu, espécie de um terceiro mundo criado pela modéstia, pela humanidade, por uma ascese própria.

Villa-Lobos, Francisco Mignone, Portinari, quando criaram em ritmos modernos e debussianos, ou, em traços de cores bárbaros, as linhas de incompreensível pintura —, não deformaram o belo, não distorceram a arte, quebrando preconceitos clássicos, irmanaram-se gênios, na eternidade das obras de arte.

Álvaro Maia fez o mesmo com seus livros.

A problemática dos casos expostos tem raízes na consciência da brasilidade, e cresce em atitudes de “amazonidade”.

O impacto revolucionário, sob o ponto de vista moral, nada fez perder da beleza da linguagem, do estilo, da simplicidade, antes, é um grito que, embora no deserto, contra o abandono da terra grande de águas grandes — grito de homens humildes que ainda são escravos de bárbaros trabalhos, dos monstros “fantasmas” do meio ambiente, sem forças ainda para formação daquelas gerações que se estiolam abandonadas e se desesperam, como animais das selvas amazônicas.

Álvaro Maia tem ainda, mesmo assim, tons ressurreicionais. Aqui e ali, deixa extravasar algo da mística oriental de Ramakrisna e de Vivekananda, aos quais Romain Rolland chamara a Ramakrisna de Mozart e a Vivekananda de Beethoven — referindo-se ao transcendentalismo do vedismo, porque Mozart é um “Parte Serafiuis” e Beethoven o gênio que orquestrou a “Masse em Ré”, o Júpiter Tonante da Música Sinfônica

Os livros de Álvaro Maia são livros de fé, de força telúrica geradora de gigantes, humildes e miseráveis esquisitos. São livros místicos. Desce, às vezes, a fatos sociais pavorosos, a ridículos tremendos, a tragédias surpreendentes, como sobe também a iluminações e sinfonias maravilhosas de panteísmos amazônicos.

Às vezes, a linguagem desce cruamente para expressar melhor a realidade, a verdade dura e cruel dos dramas, das comédias humanas, aos centros das florestas ciclópicas, homéricas, dantescas.

Isso é muito comum na literatura de todos os tempos incluindo mesmo os grandes poemas da humanidade como o Ramayana, o Mahabarata, a Odisséia, a Ilíada, Os vedas, a Bagavand Git, onde encontramos cruezas e rudezas subumanas, dolorosas, embora em forma de símbolos e de profundas místicas.

O sentido objetivo de expor o humano na sua realidade social de vida florestal, também pode ser altamente simbólico.

É u'a maneira de sublimar o trágico, as desgraças, e ironizar certos tipos para interioridade espiritual, profunda, e tranqüilidade da vida da sabedoria.

Seus livros são mensagens dirigidas ao Absoluto, ao infinito, ao incognoscível que estão dentro de nós. Poderá ele ser interpretado sob outros muitos aspectos. Eu o vejo e o sinto assim.

É que cada um de nós tem qualquer coisa de Orfeu — aquele imenso estelário que brilhou nos céus infinitos, da Grécia, que teve livros e templos queimados, para que fosse a Pátria dos homens bons.

Homens das Trácias modernas ainda queimam livros, destroem personalidades, arrasam templos, tangem discípulos, em nome de certos fanatismos.

Que Álvaro Maia seja um Orfeu da Amazônia, livre das fúrias das incompreensões humanas, que rangem dentes, em torno do templo de Delfos da dignidade, da cultura, da inteligência dos bons, da pobreza dos simples.





*ÁLVARO MAIA
e sua igarité, remando no rio Madeira*



ÁLVARO MAIA, O ORADOR

Sebastião Norões

ÁLVARO MAIA, O ORADOR

Fato por demais sabido é o de que a oratória fez a glória e a fama de muitos vultos do passado.

Na antiguidade aponta-se o caso de Demóstenes. E ainda nos tempos remotos surgiram Cícero e Catilina, Marco Antônio e Júlio César.

Nos tempos modernos aparecem Lincoln, o grande Lincoln a lançar o seu verbo inflamado em prol dos direitos humanos; e Churchill com os célebres discursos de 1940, tornando-se, aos olhos da velha Albion, um herói tutelar, um verdadeiro semideus.

Nas terras brasileiras distinguiu-se, de logo, a excelsa parenética de Antônio Vieira. Mont'Alverne delumbrou os religiosos do seu tempo no púlpito enobrecedor. José do Patrocínio, com os discursos empolgantes e audaciosos da campanha abolicionista. Olavo Bilac espargindo belezas nos discursos plenos de ardor patriótico. Rui Barbosa, com os conceitos lapidares de ordem jurídica e parlamentar. As orações de Lopes Trovão eram, na verdade, verdadeiros trovões de alentada imaginação. Silveira Martins e Pedro Moacir encheram uma época. Coelho Neto, João Neves da Fontoura, Otávio Mangabeira e Fernando Magalhães foram autênticos tribunos.

* * *

Aqui no Amazonas muitas vozes de eloquência real fizeram-se ouvir. Quero falar de alguns, como Telésforo de Almeida que espumava pela boca em cascadeantes dissertações. Araújo Filho, bastamente forrado de cultura latina e jurídica, convencia a todos que lhe escutavam as memoráveis pugnas no Tribunal de Justiça. Heliodoro Balbi era outro gigante na tribuna. Leopoldo Peres, em linguagem castiça, era ouvido com admiração. Adriano Jorge, incontestavelmente senhor de um talento oratório excepcional. Hemérito Cabrinha e Ferreira Sobrinho pontificavam neste setor. Entre os vivos, não posso fugir de citar Ramayana de Chevalier e Salignac e Souza, que ainda hoje discursam com elegância e demonstram, à saciedade, que são detentores de considerável cabedal de conhecimentos gerais.

Uma das facetas mais singulares da personalidade de Álvaro Maia foi, sem dúvida, a oratória.

Foi poeta, romancista, ensaísta, além de um bom contador de história. Mas foi, sobretudo, orador. Orador que possuía o dom especial de tecer imagens de alta categoria. As metáforas esfusiavam e os conceitos incomparáveis soavam nos espaços. Quase sempre a poesia ornava os seus vãos oratórios. E o sentido filosófico, muitas vezes, coroava as suas palavras.

Não me recordo de ter ouvido um discurso vazio de Álvaro Maia. E quando improvisava tinha-se a impressão que ele preparava o discurso, porque a sua linguagem era sempre enxuta, limpa e bonita.

Quer como orador político, quer como orador parlamentar, orador de praça pública ou orador acadêmico, Álvaro Maia sempre se fazia notar e demonstrava ser senhor do “metier”.

Nas suas sadias arengas políticas jamais desceu ao baixo calão. Nunca ofendeu a dignidade e honradez dos seus adversários.

Estou me lembrando agora de um orador francês de primeira água, ao proclamar essa virtude de Álvaro Maia. É que Émile Ollivier em certo período da revolução de 1848, em terras gaulesas, teve uma atitude digna e sensata de um verdadeiro domador de massas. A população de Marselha aguardava uma intratável autoridade. Mas apareceu um “jovem arcanjo que pregava com candura e reconciliação”. Uma comissão da cidade lhe pedia que prendesse um engenheiro muito importante e o bispo da cidade. Conta André Maurois a passagem assim: “Com os modos mais suaves e mais firmes, o jovem comissário responde que não apenas nada fará nesse sentido, como vai tratá-los com consideração. Dizem-lhe que será arrebatado pela multidão; desce ao meio dos manifestantes e os subjuga com a sua eloquência”.

Parece que o lema de Émile Ollivier — “Cada homem tem seu destino. O meu não será nunca odiar e perseguir” — se ajusta exatamente a Álvaro Maia.

Foram muitos os discursos do maior dos amazonenses.

Um deslumbramento a conferência que pronunciou no Teatro Amazonas em 1923, sob o título de “Canção de Fé e Esperança”.

Ainda hoje se comenta os arroubos tribunícios de Álvaro Maia por ocasião da Campanha da Produção da Borracha.

E as orações com que encerrou a campanha política, na Praça do Congresso, em 1954 e a de 1958, na Praça dos Remédios.

É interessante transcrever-se aqui trecho de um trabalho de Assis Chateaubriand: “Vi, pela segunda vez, esse homem tipicamente amazonense, no batizado do “Alberto Torres”, onde ele pronunciou, de improviso, um dos mais empolgantes discursos da nossa Companhia de Aviação. Nunca o tinha ouvido falar, mas sabia que era um orador de raça. Não tira dó de peito, mas desenha

bemóis de veludo e seda. Recorda no governo e na tribuna, a todo o instante, o nosso maravilhoso Castro Pinto, sem dúvida o homem mais inteligente e original que ainda governou o jardim da Paraíba. Quando ouvi, embevecido, o Sr. Álvaro Maia discursar no Calabouço, tive a sensação de que aquela voz partida de longe, de bem longe, de uma barranca prestes a desmoronar-se do Solimões ou do Purus; que ele nos chegava do fundo do pensamento remoto dos homens resignados e tristes, perdidos nas “steppes” veredas da bacia interminável. Reconstitui agora as impressões confusas daquela manhã, em que Hildebrando de Góes pronunciara uma das suas mais altas e desinteressadas orações, e disse ao antigo governador do Amazonas, meu amigo Nelson de Melo: — “O tocante e misterioso antepassado deste Álvaro Maia é um mujik do Dniepper”.

Dotado de uma cultura geral bem opulenta, Álvaro Maia se sentia à vontade quando tinha de falar ao povo, quando tinha de defender seus pontos de vista nas lides parlamentares, quando tinha de saudar um grande vulto das ciências ou das letras, quando orava para os estudantes ou ocupava a tribuna da nossa Academia de Letras.

Foi um orador. E orador de excelsas virtudes e suas orações possuíam o condão de convencer, porque vazadas dentro duma filosofia altamente sã.



*ÁLVARO MAIA falando
ao povo em campanha política*



**ÁLVARO MAIA,
O JORNALISTA**

Genesino Braga

ÁLVARO MAIA, O JORNALISTA

Foi no tempo em que viçavam na imprensa as modalidades nobres da redação, — o artigo de fundo, o suelto, o tópico, — que eu conheci em pessoa Álvaro Maia. E o conheci exatamente dentro de um jornal, o nosso *Jornal do Comércio*, quando ali ingressei, em 1927, como Revisor, e ele já era Redator, com Abelardo Araújo, Cosme Ferreira e Américo Ruivo, este Secretário. Havia muito, já, o admirava, através de seus belos poemas (o soneto “Champagne”, eu o sabia de cor e sempre o recitava, na minha roda, em voz alta), discursos e outras peças literárias, como aquela formosa “Canção de Fé e Esperança”, que, com a pureza do seu significado, a beleza de suas imagens e a musicalidade de suas frases, andava a empolgar o pensamento sócio-lítero-cívico da época, entre os da velha e os da nova gerações.

Desde então, com amizade gerada na admiração que o seu talento a nós todos inspirava, passei a acompanhar, através de seus sueltos e comentários, de suas crônicas e notícias, bem como dos artigos que vez por outra assinava, a linha ascendente do jornalista que nele se afirmava com instintiva força vocacional. E a acompanhei algumas vezes muito de perto, ora fruindo a preferência da leitura do trabalho ainda no original, ou lido pelo próprio autor ao concluí-lo, ora eu mesmo encarregando-me de uma revisão mais cuidada das provas tipográficas (até bem poucos dias antes de sua morte isso ocorreu) do escrito, pondo-o a limpo das *gralhas* e dos *pastéis*. Muitos de seus artigos, de seus tópicos, das entrevistas que acabava de colher, dos textos do noticiário comum, eu o vi redigir ali mesmo na sala de redação, por entre o esvoaçar das pálestras, entre uma e outra *boutade*, entre uma e outra interrogação sobre isto e aquilo, ou sobre nada, mesmo. Enquanto ouvia e respondia, enquanto ora ria ou dava a atenção que sempre a todos dispensava o seu espírito educado, já escrevendo; ia fazendo a pena de caneta-tinteiro deslizar sobre o papel, ia a encher as tiras umas e outras, fixando idéias em letras, gravando, com aqueles seus caracteres nem sempre legíveis, impressões íntimas de um raciocínio admirável.

Durante toda a sua vida, — e que vida de ação multifária, obreira e constante! — Álvaro Maia nunca, em nenhum instante, deixou fora de atividade a sua pluma de jornalista. Poeta ele o fora sempre e dos de sua raça que usaram a imagem com mais fascinação e felicidade. Romancista, um de seus livros, *Beira-*

ção, aí está por documentar-lhe a distinta categoria no gênero. Outros livros seus nô-lo apresentam em suas facetas literárias diversas: o homem de pensamento correto, preciso, harmonioso; o homem de sensibilidade discreta objetivando e corporificando a expressão; o homem com a obsessão harmônica das linhas, dos volumes, das superfícies, no formar a imagem lúcida, imposta pelo seu amor ao colorido forte, à nitidez meridiana. Professor, lecionou Português, mediante vitoriosa apresentação de teses (“O Português Lusitano” e o “Português Brasileiro” léxica e sintaticamente comparados) e “O Ritmo na Língua Nacional”: *“Ninguém, poderá impedir a evolução do idioma no Brasil, nas suas divergências, a sua separação do apoio materno: a filha, hoje criança, caminha apressadamente para a adolescência e, atingindo a maioridade, se afastará do calor lareiro e viverá por si só; a língua crescerá nesse sentido, zombando do rãncido zabumba dos decretalistas, que terão de seguir, rabilongos e cabeçudos, os escritores honestos”*, sentencia ele na primeira tese, perante a douta Congregação do Ginásio Amazonense Pedro II. E na outra tese: *A língua nacional, herdeira da cadência portuguesa e das modulações africanas e americanas, vai adquirindo o seu ritmo eterno: ante a sua prodigiosa sinfonia, ante as suas palavras que rememoram canções, lembranças de poderosa corrente civilizadora do mundo e de selvagens tradições nativas, ante essa música perturbadora vão se esbarrondando as partículas corruptoras, procedentes das outras línguas*. E lecionou também Instrução Moral e Cívica, provida na respectiva cadeira do mesmo estabelecimento de ensino mediante concurso com apresentação das teses: *“A Bandeira Nacional como símbolo e emblema da Pátria”* e *“Imperialismo e Separatismo”*. *“À luz aurisolar de nosso pendão, sorva a juventude, pelo amanhã dos mestres e governantes, os ensinamentos necessários à unidade e ao engrandecimento do País, adstritas às emanções da lei da honra, porque somente com esses atributos essenciais, argamassados na história e no labor, as bandeiras podem flutuar como expressão de beleza e soberania de um povo,”* — assim concluiu a primeira. E, em *“Imperialismo e Separatismo”*: *“Nacionalizando-se o povo, com a instrução e a justiça, salvaguardados todos os direitos do estrangeiro; destruindo-se os imperialismos estaduais pelo respeito à autonomia política e econômica dos Estados; combatendo-se o analfabetismo, pela instrução escolar, por estrada de ferro, por higiene em todo o território; ensinando a praticar e a cultivar a justiça, raríssima flor que só tem um germinadouro — o caráter, teremos trabalhado conscientemente pela unidade nacional”*. Foi político e, líder partidário, combateu nas trincheiras dos comícios públicos, incendiando com a sua palavra flamejante a opinião dos seus coestaduanos, em favor das liberdades públicas sufocadas. Foi Deputado Estadual, Constituinte, Deputado Federal, Senador da República, Governador de Estado. E, em todos esses postos, a soma de dedicação heróica que ele prodigalizara ao seu povo e à sua pátria, sagrou-o o estadista sereno e sábio, o conselheiro das resoluções necessárias.

Mas, poeta, romancista, conferencista, professor, político, parlamentar, chefe de Estado, o que, entretanto, em Álvaro Maia mais se fazia pronunciar

era o jornalista. Foi através do artigo de jornal, durante toda a sua vida, que ele dera impulso expansivo às suas idéias, nas múltiplas atividades que exercera.

A lógica maneira de emitir os seus conceitos, quer em face dos limites ambientes, quer em razão do interesse público, foi como jornalista que ele a encontrou. E foi como jornalista que ele revelou a sua vocação à causa pública, o seu ideal do bem comum, para obter, como recíproca, a compreensão íntima e instintiva de seus contemporâneos.

Profissional da imprensa ele o fora; e como tal sempre o quis ser considerado no seio da classe jornalística. Cordial e cooperativo com os diretores de jornais, era afetivo com os redatores e repórteres, atencioso com o pessoal das oficinas, mesmo do alto da investidura de seus mandatos eletivos. Quando, em 1940, se instalou, em Manaus, o serviço de Registro dos Jornalistas Profissionais, Álvaro Maia se achava no Governo do Estado, mas fora, creio, o primeiro a registrar-se, indo em pessoa do Palácio Rio Negro à Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, para formalizar a obtenção de sua Carteira de Jornalista Profissional. E foi nessa condição que firmou compromisso com Assis Chateaubriand para escrever um artigo semanalmente, exclusivo dos “Diários Associados”, para publicação em todos os órgãos da empresa, de Norte a Sul do País.

Mas que pensamento era o de Álvaro Maia em relação ao jornalismo? Lembro-me de certos trechos de um discurso que pronunciara ao empossar um Presidente da Associação Amazonense de Imprensa. “*É o jornalismo — dizia num deles, — a mais exata das profissões, a que requer o conhecimento mais largo e mais profundo e os mais firmes fundamentos de caráter*”. Joseph Pulitzer, o imigrante húngaro que, de simples repórter de uma gazeta do Midle-West, chegou a diretor-proprietário do todo — poderoso *New York World*, tivera pensamento igual: “*É o jornalismo a única profissão em que se infundem, com exatidão, os fundamentos do caráter, do sentimento, da inteligência e do humor*”. Num outro trecho de discurso, assim definiu seu pensamento: “*Dentro do respeito à lei e aos cidadãos nada como o jornal para instruir a mocidade e orientar a opinião pública, promovendo-lhe o clima da ordem, da segurança e da tranqüilidade. Nunca insultando, mas ponderando; nunca ofendendo, mas advertindo; nunca confundindo, mas esclarecendo — assim cumprirá a Imprensa sua grande missão, como necessidade social no mundo moderno*”. Era assim que também pensava Evaristo da Veiga, quando dera o seu conceito de Imprensa, saindo de sua pena este precioso código de ética jornalística: “*Respeitem-se os cidadãos, para que haja tranqüilidade e confiança; sirvam os jornais de instruir e não de ofender e perturbar; estendam os jornalistas um manto de silêncio sobre todas as contestações pueris e indecentes, que tanto escandalizam e irritam os espíritos; argumentem, mas não insultem. Moderação nos artigos; verdade nas doutrinas; decência no estilo; moral, mais moral, muita moral*”

Dois livros de Álvaro Maia guardam, em suas páginas, muitos dos artigos de jornal que ele publicava, freqüentemente. *Na Vanguarda da Retaguarda e Gente dos Seringais* são os dois opulentos volumes em que nos deixou insculpida a sua feição jornalística. Os do primeiro livro, *escritos, em sua maioria, ora no interior dos seringais, ora à trepidação dos aviões em vôo à Planície*, como esclarece o autor da “orelha” da sobrecapa, — são artigos de orientação à Campanha de Produção da Borracha, de que ele fora verdadeiro arauto, em 1943. Os do outro livro condensam narrativas ouvidas no interior do Amazonas, em particular na região do Madeira. Seleccionados dentre os muitos artigos publicados, foram depois reunidos nos citados volumes.

Encheriam, porém, dez ou mais desses livros volumosos os artigos de Álvaro Maia. Nestas cinco ou seis décadas, quem correr as coleções dos jornais e revistas amazonenses encontrará sempre o seu nome subscrevendo crônicas e artigos (sem se falar nos seus belos poemas, que aparecem com freqüência). Escreveu na *A Imprensa*, que ele fundou e dirigiu com Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, seu velho companheiro e amigo; na *Gazeta da Tarde*, de Ageu Ramos; no *Jornal do Comércio*, de Vicente Reis e Epaminondas Barahuna; no *O Norte*, de Paulo Eleutério; no *O Dia*, de Aguiinaldo Ribeiro; no *Jornal do Povo*, órgão da revolução Ribeiro Júnior, com Paulino de Brito e Clóvis Barbosa; no *Estado do Amazonas*, com Raul de Azevedo, Leopoldo Peres e Francisco Galvão; no *O Jornal*, desde Herinque Archer Pinto; na *Gazeta*, ao tempo de Avelino Pereira; na *A Tarde*, de Aristophano Antony; e nas revistas *Cá e Lá*, de Aprígio de Menezes; *O Monóculo*, de Grijalva Antony; *Redenção e Equador*, de Clóvis Barbosa; *Amazônida*, de Carlos Mesquita; *Cabocla*, de Genesino Braga; na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, para citar-se tão-somente alguns órgãos da imprensa periódica de Manaus.

De um jornalista, de um grande mestre do jornalismo, — Assis Chateaubriand — transcrevo para o fecho destas linhas original conceito que ele emitira sobre Álvaro Maia. Escrevendo a respeito do escritor amazonense, ao ouvi-lo pronunciar *um dos mais empolgantes discursos da nossa Companhia de Aviação*, o diretor dos *Diários Associados* chamou-o o “*mujik*” da “*steppe*” verde da Amazônia, vendo nele a *sinceridade e a candura tolstoiana*. E concluía: *O agulhão necessário ao escritor — observa Dostoiewsky — é a acuidade do espírito inseparável de um sentimento profundo. Por essa acuidade de espírito e pelo valor dos atributos intelectuais e pela profundidade dos sentimentos em que mergulha, Álvaro Maia é um dos maiores escritores da Amazônia e do Brasil.*



**ÁLVARO MAIA,
O PROSADOR**

Ramayana de
Chevalier

ÁLVARO MAIA, O PROSADOR

Na tela, desdobrada em perspectivas, das letras amazônicas, há um respeitoso recanto, espécie de urna templária, reservado à inteligência do escritor Álvaro Maia.

Coube a mim, pobre soldado de um pequeno exército de visionários, nesta poliantéia, interpretá-lo como um prosador de rara elegância e finura, que ele o foi sem dúvida, tisonando as mãos nas madrugadas brumosas e a pena nos ocos sangrentos da Amazônia.

Num momento em que se torna vício uso desajeitado da frase, o termo cacofônico, a deselegância vernacular, faz-se mister exaltar com entusiasmo aqueles que, sem o temor de uma defasagem em figurino, são fiéis à plástica do estilo, à sonoridade da prosa pura e esbelta, aos torneios mais vivos e mais verticais da inteligência criadora.

Sei de como se realizam certas aventuras literárias, espartilhadas na moda atual pelo “copydesk” mais acurado ou bem pago.

Não é por esse caminho que havemos de plasmar uma literatura amazônica, com apadrinhamentos sorrateiros, ou agachamentos intencionais e medíocres.

Álvaro Maia foi sempre aquele descendente de um “mujiue do Dnieper”, de que nos falou o gênio de Assis Chateaubriand.

Na sua simplicidade sem ironias, nos soluços de sua harpa espiritual, nas contrações vertiginosas de sua inteligência criadora, sentimos a alma que se voltou a todas as horas, como as corolas humildes e perfumadas, para as orlas do enorme rio que o viu nascer.

Percorreu, pacientemente, todas as gamas do poder político. Portou-se, em todos os minutos, como um observador místico de sua terra, um poeta — grande poeta como o foram Rilke e Garcia Lorca — sem deixar-se atogar pelas imagens ou desfigurar pelas lições colhidas. Exerceu, do ponto de vista intelectual, os mais variados experimentos, seja no vasto campo da oratória cívica e parlamentar, como no das explanações magisteriais, na tarefa azul da poesia mais pura e mais alta como no terreno difícil e fecundo da prosa livre, onde se desta-

cou, mais como um ensaísta, um fixador de caracteres, do que, propriamente, como um romancista.

Certos escritores, no fluxo do pensamento pessoal, universalizando o provimento como Joyce, habitam aquele “Grande Hotel de Abismo”, de que nos fala Lukacs, a respeito de Schopenhauer.

Um hotel destendido, como o homem de Nietzsche, entre o primitivo e o porvir, dotado de todo conforto mais atual e sobre o tremendo abismo do Nada e do Absurdo.

Não há seguramente no romance moderno, cremos, um sentido que o liberte definitivamente do passado.

Existe um perfume clássico sobre esse abismo e, para esses artistas o mundo é imenso e eles, neles, estão à vontade, “porque o fogo que arde na sua alma é da mesma natureza que as estrelas”.

A observação nesses artistas modernos, que vivem sob as mesmas pressões de um Giotto ou de um S. Francisco, de um Dante ou de um Pisano, poderá ser tirada em chispas de um ângulo de mera *significação*, o que se resolverá em *adequação*, isto é, em descida ou em subida de uma mesma escada contínua...

Para que se abranja ou compreenda os bastidores daquilo que é a *significação*, basta um só golpe de olhar.

Ou se peca por excesso, ou por insuficiência. Daí o neoclassicismo que invadiu todos os setores do romance moderno, de um ponto de vista *essencial*, isto é, de substância ou de *estrutura* das coisas.

Diz Lukacs que tudo se passaria sob uma tempestade de alienação, de loucura para os gregos.

Se o “céu estrelado de Kant não brilha senão na escura noite do conhecimento puro”, ele já não aclara os atalhos de “nenhum viajante solitário”, porque, “no mundo novo, ser humano é ser só”.

Há um traço de ligação entre essa visada de Lukacs e a opinião de Ibsen, quando este afirma, dos refofos do seu drama íntimo, “que o homem mais forte é o que está mais só”.

Se, para o primeiro, “o romance é a forma dialética do épico, a forma da solidão na comunidade, da esperança sem futuro, da presença na ausência”, está automaticamente integrado Franz Kafka nessa galeria, assim como Dostoiewsky, o gênio desventurado e insondável.

“Cada escritor — diz-nos Simenon — procura encontrar-se através de seus personagens, através de seus escritos.”

A diferença entre o conto e o romance é precisamente essa: — no primeiro há um critério expositivo, no segundo em mergulho interpretativo nas profundezas ignotas da mente do romancista.

Eis por que não achamos em Álvaro Maia um conteúdo de tal densidade, de esquematização desse jeito profundo, o que não acontece no setor poético, onde o seu espírito, em largos remígios, se integra em si mesmo!

Na opinião de François Mauriac, a originalidade do romancista consiste exatamente no estilo que ele usa, melhor dito, na nota pessoal que se transfere para a sua obra e que não pode, sob pena de fracasso, ser imitada ou refalsada.

Entre os estrangeiros, Mauriac aponta William Faulkner e E. Hemingway como campeões do estilo pessoal para a caracterologia norte-americana. Entre nós, um exemplo típico, para mim mais fecundo e mais positivo do que Joyce, seria Guimarães Rosa.

Não existe, bem remarcado, esse traço de originalidade no romance *Beira-dão* da autoria de Álvaro Maia, nada obstante a sua relevante capacidade de observação de hábitos e costumes, o que denota um convívio íntimo com a hinterlândia do rio Madeira.

* * *

Já William Faulkner é escarnadamente sincero na sua análise do romancista.

Dizendo que o *artista é uma "criatura impelida por demônios"*, depois de se declarar um poeta fracassado, Faulkner diz que *a única responsabilidade do escritor é para com sua arte*. "O resto não importa: — honra, orgulho, decência, segurança, felicidade, tudo, para que possa terminar seu livro. Se um escritor tiver de roubar sua própria mãe, não hesitará; a "Ode on a Grecian Urn" vale mais que várias senhoras idosas..."

A respeito de Freud, disse ainda Faulkner que "toda a gente falava dele, quando ele (Faulkner) residia em New Orleans, mas jamais o li. Tampouco Shakespeare o leu. Duvido (diz ele) que Melville o tenha lido, e tenha a certeza de que Moby Dick não o fez".

Aldous Huxley nunca pensou em si mesmo como um "romancista nato". Tinha grande dificuldade em inventar enredos. Há quem tenha uma fantástica facilidade para isso. Entre estes pode-se assinalar, com o seu talento e a sua poesia, o escritor Jorge Amado. E uns dois ou três além dele. Para Huxley, a ficção, a biografia e a história são as formas, tornando as personagens veículos de idéias novas, abstratas ou gerais, com êxito.

E. M. Forster formava de Marcel Proust uma idéia respeitável: — foi quem o ensinou a olhar para as personagens. A sua técnica, no "Artic Summer", está impregnada dessa sutileza proustiana, tão simples e ao mesmo tempo tão curiosa e tão penetrante!

Esses caminhos seriam bem utilizados pelo romancista Álvaro Maia, se ele não se deixasse empolgar, não raro, pelo prestígio das imagens, pelo divino mi-

lagre da poesia, capaz de sitiá-lo e invadi-lo por inteiro, como a marca de sua impressionante personalidade.

* * *

Já em *Gente dos Seringais*, o seu talento se ajusta melhor, com faíscação, com brilho perfeito, com deliciosa capacidade narradora.

Exaltando símbolos amazônicos, observando o pioneirismo dos seus parsi-fais aeronáuticos, afrontadores de temporais ou de descargas pluviométricas esmagantes, analisando tipos humanos singulares, costumes e ângulos da vida social da planície, o seu *Gente dos Seringais* representa uma coletânea admirável de narrativas, ao jeito de crônicas muitas delas, todas impregnadas de forte perfume do seu talento magnífico.

A fervorosa mocidade dos aviadores amazônicos, Dorian Monteiro seu primo à frente, aviadores no legítimo sentido de Ícaros modernos, sacrificados todos no cumprimento do dever, merece no *Gente dos Seringais* uma página indelével e fulgurante de justíssima exaltação ao seu heroísmo!

A figura de D. Luvinha, que estamos a ver daqui desidratada pela idade, tatuada pela dor das horas mudas, tanto mais cristã e sedutora quanto mais prateados tinha os cabelos alvíssimos, não morrerá para a saudade dos que a conheceram, tão viva ficou na paleta do grande artista planiciário.

O quadro firme e bem desenhado dos práticos amazônicos também aí se encontra, numa síntese capaz de imortalizá-los, e a ele, autor, se já não estivesse ele no Olimpo pela Poesia e pela sua profunda capacidade de amar!

O “Reservista do Interior” focaliza uma passagem emocionante, de colorismos internacionais, que acontece rotineiramente na infinidão das fronteiras amazônicas, página que o Brasil ignora e que representa um marco que se ergue, diariamente, em louvor do caboclo planiciário.

Assim o resto do livro, com um sabor de ensaio e de narrativas, todos re-passados do terno e apaixonado amor de Álvaro Maia pela sua terra e pela sua gente!

* * *

Não queremos silenciar, por desnecessário, embora em pinceladas rápidas, o que significou, nos arrancos do seu entusiástico civismo, a “Canção de Fé e Esperança”, fruto das ardentias de seu temperamento ainda jovem, empolgado de amazonismo vitorioso.

Mais um discurso que um poema, tem as cores de ambos, nos relevos firmes de suas palavras que foram preces e foram hinos, e, surpreendentemente no efeito que produziu: choque elétrico de patriotismo e de fé — na alma da juventude amazônica!

E não esqueçamos outro livro de unguida ternura e aguda observação técnica, outro livro que se integrou nas prateleiras dos que admiram o Amazonas,

como um passo seguro e alto para a arte de narrar em filés de atraente documentário regional: — o *No banco da canoa*. Vê-se e sente-se a Amazônia madeirense nesses *close-ups*. A psicologia do caboclo freixeiro, do pervagador de beiradões, do remador de furos e de lagos, do varador de igarapés e de corredeiras, aí está em historietas, em conversas, em cenas de um poder de fixação magistral. É um dos seus últimos livros, escrito quando o sol já lhe tramontava o destino, livro onde ele depejou toda a sua enorme vocação para o amazonismo e a vida na hinterlândia.

Ele era um caboclo. Nem outra coisa deveria dizer Chateaubriand, para batizá-lo de novo. O mujique do Dniepper poderia em santa devoção pela natureza, em instante de sereno misticismo, em silêncio introspectivos, em narrativas filosóficas, em postura imperturbável a hierática.

Nem poderia haver outra cobertura mental para um homem tão fundamentalmente ligado à terra, um escritor tão ciosamente preso ao cordão umbelical que o vacinou contra os ouropéis da vaidade e as festas pagãs da opulência material e moral.

Era um caboclo, no bom e elevado sentido da palavra. Pela tradição, pela renúncia, pela delicadeza, pela desbordante pujança amorosa, pela contemplatividade. O seu altar íntimo era uma popa de igarité. A sua Igreja, o mundo convulso que o rodeava.

* * *

Terminemos este trabalho com um comovido sentimento de solidariedade espiritual.

Os últimos lustros desse grande espírito se fizeram sobre os passos que ele empreendeu na seara de Jesus.

Álvaro Maia enfeixou no seu *Nas Tendias de Emaús*, jóias íntimas do seu escrínio interior. São “divagações espirituais”, como ele próprio as denominou, — roteiro luminoso de sua passagem pelas tendias espíritas — onde existiu, formou corrente, vestido de uma humildade que só é dada aos altos seguidores do Cristo.

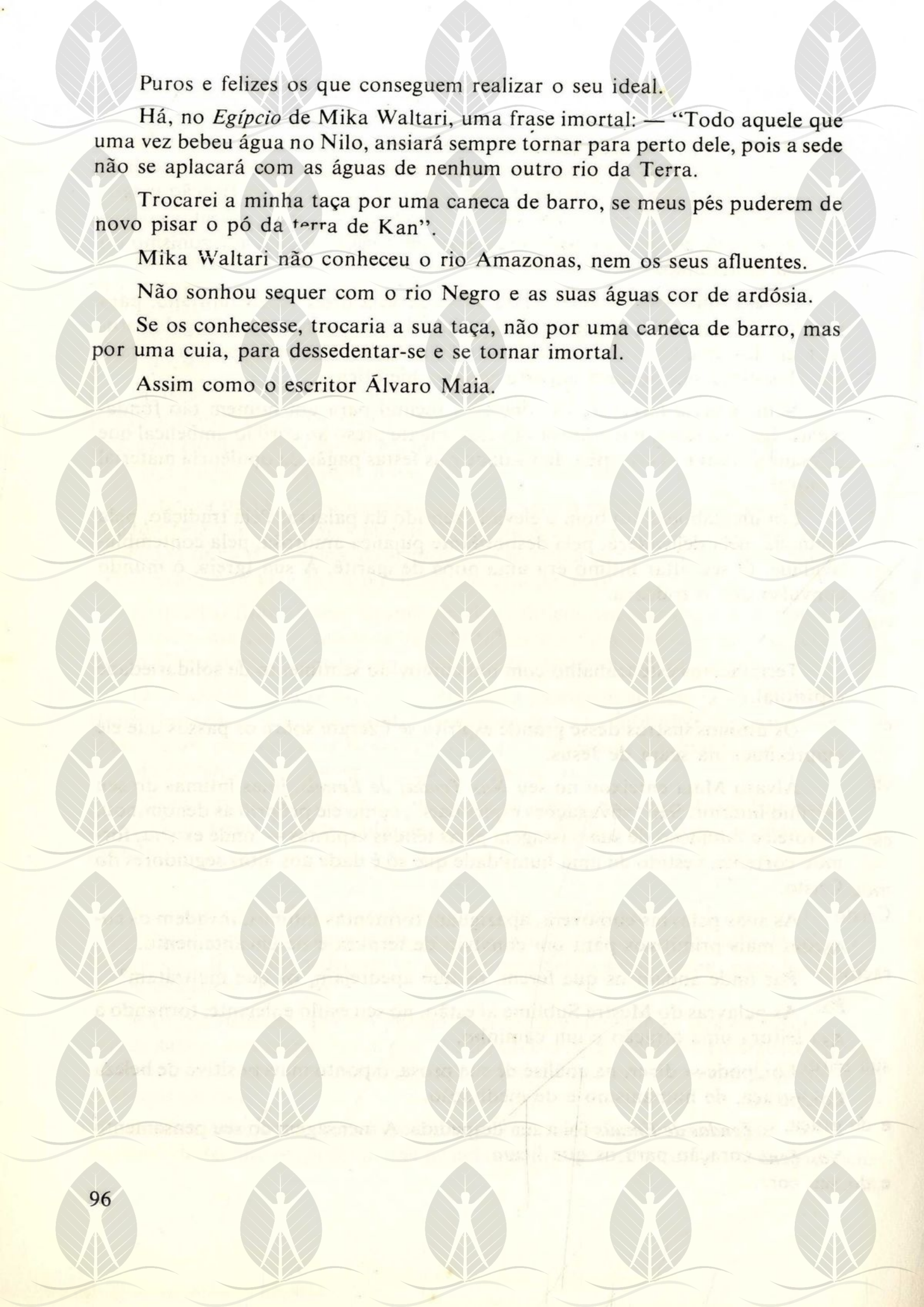
As suas palavras comovem, apaziguam tormentas íntimas, invadem os corações mais primitivos para um convívio de ternura e de encantamento.

Por onde andam os que ferem, os que apedrejam, os que maltratam?

As palavras do Mestre Sublime aí estão, no seu estilo enleante, tornando a sua leitura uma atração e um caminho.

Foi, pode-se dizer, na análise de sua prosa, o ponto mais positivo de beleza e de graça, de humanismo e de meditação.

Nas Tendias de Emaús foi a sua despedida. A mensagem do seu pensamento e do seu coração para os que ficam.



Puros e felizes os que conseguem realizar o seu ideal.

Há, no *Egípcio* de Mika Waltari, uma frase imortal: — “Todo aquele que uma vez bebeu água no Nilo, ansiará sempre tornar para perto dele, pois a sede não se aplacará com as águas de nenhum outro rio da Terra.

Trocarei a minha taça por uma caneca de barro, se meus pés puderem de novo pisar o pó da terra de Kan”.

Mika Waltari não conheceu o rio Amazonas, nem os seus afluentes.

Não sonhou sequer com o rio Negro e as suas águas cor de ardósia.

Se os conhecesse, trocaria a sua taça, não por uma caneca de barro, mas por uma cuia, para dessedentar-se e se tornar imortal.

Assim como o escritor Álvaro Maia.



**ÁLVARO MAIA,
O POLÍTICO**

Oyama César Ituassu

ÁLVARO MAIA, O POLÍTICO

A presença do homem sobre a terra não apenas marca sua passagem como pessoa física, como também traduz a permissibilidade de circunstância à primeira vista estranhas: é que ambos se reciprocizam no tempo e no espaço, fluindo e refluindo efeitos os mais diversos. Por isso, as tendências e atividades humanas deixam sua trilha no caminho terreno, como este penetra fundamente na alma do ser vivo para impregná-la de suas próprias características, afeiçoando-o às suas depressões e aos seus sentidos pinaculares. Terra e Homem se completam e se influenciam sociologicamente.

Daí por que facetar a vida de Álvaro Maia, esmiuçando-lhe detalhe pessoal, é artesanato de lapidação em pedra preciosa para mostrar, em realce, a beleza que se oculta sob a camada material que lhe cobre o âmago. E não é tão fácil apesar da certeza de seu conteúdo, e por ser Álvaro Maia o que foi, porque nele as cores variam como as luzes e sombras, o claro e o opaco do tempo, que tudo transforma e modifica. Quando se trata de estudar homens, mister observar que em cada um há os mais díspares e variados e contrastantes rostos, a marcar a verdade do padre Vieira de que existe mais dela no coração que na cara. Cada personalidade se diferencia em suas conformações, constituindo um conjunto de qualidades que se desligam do todo para ressaltar de um ponto determinado. Em outros, existe como que a geminação, interligada de seus caracteres, soma cromossômica que delinea e firma as distinções basilares de uma individualidade.

De tal tipo Álvaro Maia, o eterno enamorado da terra cabocla e que da índole de sua gente e de sua chã amada recebeu a herança multissecular da habilidosa prudência política, assentada em segura formação cultural, aprimorada em estudos posteriores.

Sua conscientização veio da mocidade e ninguém, enquanto arrou na seara, se lhe antepôs com êxito e nem lhe pôde prever atitudes e gestos. Solitário por contingências anímicas, vivia em um mundo particular povoado de temas amazônicos, assunto inesgotável de poemas e livros, ensimesmado no exame cotidiano dos homens, das cousas, para a colheita de lições que mais tarde se traduziriam em demonstrações firmes de uma liderança incontestada. Humilde por vo-

cação desambicionado de bens físicos, sentia-se melhor no seio dos pobres e em grupos humanos de todas as classes permanecia isolado, embora cercado sempre onde se encontrasse. Discreto no falar da palestra trivial, aspirava o sabor palmáceo das plantas do chão querido, prendendo-se dia a dia à gênese de sua região e de sua gente, em um processo de implantação quase vegetal. Sabia, como Menotti del Picchia, que na própria terra a dor dói menos.

Tais virtudes glebárias, porém, não lhe impediram sofrer o heliotropismo político, agigantando-se por três décadas definidoras de uma intensa vida pública. O crescimento invulgar não o deslumbrou e nem lhe deu soberbia. Quanto mais avançava, mais se recolhia a si mesmo e somente nos raros momentos de comunicação verbal com a multidão, ou com personalidade de vulto, deixava transparecer algo de seu vigor intelectual e do ardor de suas convicções, em partes, semiveladas de seu pensamento.

Líder estudantil, lançou a Revista Acadêmica da Faculdade de Direito, juntamente com Rui Gama e Silva e daí por diante permaneceu na liderança em todas as circunstâncias a que se viu levado pelas urgências a que se dedicou. Figura admirável de professor de Educação Moral e Cívica do venerando Ginásio Amazonense Pedro II cadeira cuja ausência se faz sentir fundamente —, suas aulas eram lições em derredor do comportamento humano nos períodos cruciais da humanidade.

Dessa atividade magisterial foi retirado pelo vendaval de 1930, quando seu dom de orador nato se fez luz e passou a dominar a inteligência dos conterrâneos assumindo, a partir de então, o comando político. Fez-se revolucionário e pregador dos ideais que considerava compatíveis com as premências da nação e suas orações nas praças e comícios tomavam proporções épicas de cantos heróicos, objetivando o retorno aos destinos da democracia perfeita, que adotava, doutrinava e ensinava com seu exemplo. Lidador e lutador, eloqüente e ao mesmo passo simples na exposição brilhante dos temas que abordava, a ardência das realidades que enunciava transparecia em gestos expressivos de sensibilidade apaixonada e apaixonante. Sabia ter nas mãos o controle das massas e nessa liderança jamais teve quem lhe arrebatasse o bastão. Colhia amizades e devoções permanentes, afeições e admirações no jardim da vida como se fora um jardineiro semeador das idéias, que se incrustavam nos que o ouviam. Mantinha-as com carinho igual, dispensando a grandes e pequenos, ricos e humildes, sem escalonamento de categoria e classes, resultado vivo de seu imenso coração.

Interventor em fases excepcionais, soube exercer o poder sem ódios e vinganças. Governador constitucional, seus períodos de proeminência se sucediam entre o Executivo e o Legislativo, sem que nunca se lhe verberassem violências ordenadas ou sancionadas. Os próprios adversários — pois que inimigos não os tinha e nem se considerava capaz de gerá-los —, respeitavam-lhe a cordura e a dignidade. De honradez acendrada, viu-a tantas vezes atassalhada e aos ataques e vitupérios respondia com o sorriso tranqüilo do homem de consciência limpa,

responsabilizando apenas as paixões exacerbadas como origem das ofensas irrogadas. Poderia responder, como Rui Barbosa, quando atacado como só os grandes o podem ser.

“A minha fortuna é criação da baixeza dos meus inimigos e da depravação dos nossos sentimentos de justiça e lealdade, é rigorosamente uma infâmia que classifico assim, acentuando cada uma das letras desse nome. Insinuam-na, cochicham-na, atiram-me de esguela aos rins em navalhadas. Mas, enquanto o não provarem, o labéu há de ricochetear contra os seus vibradores, pasquins vivos de si mesmos.”

Nunca o fez. Calou-se, sofreu as invectivas, amargou silenciosamente e em silêncio perdoou, sem ninguém jamais ouvir queixumes e repúdios.

Senador da República, integrante da delegação brasileira a uma das conferências das Nações Unidas, relator de processos importantes para a vida nacional, poeta, escritor amante da gleba e de suas particularidades, foi acima de tudo um político profundamente humano e tudo o que fez está a lembrar uma existência de labores e percalços inerentes ao seu temperamento essencial e fundamentalmente dessa qualidade, até nos romances de sua lavra traduz essa presença, em páginas de profunda consciência social a significarem orientação segura àqueles que enveredarem pela trilha que foi de sua privacidade.

Fundou aqui a Legião de Outubro, nos primórdios da vitória revolucionária de 1930, cujo prestígio local e arregimentação se deveram com exclusividade ao seu conceito e prestígio. Tempos após, já devidamente constitucionalizado o país, implantava com Rui Araújo, outro homem de puro quilate moral, o Partido Social Democrático, como ressurreição dos pensamentos que sempre lhe povoaram o espírito e os estudos de sociologia política, crente como era na fraternidade, defensor da igualdade e respeitador das liberdades públicas e individuais.

Com a derrocada das instituições vigentes em 1964, de novo voltou à liça qual velho gladiador e a vitória retumbante outra vez lhe outorgou a senatória, quando passou a sentir no ocaso da vida o ensombrar das ilusões e esperanças que formavam seu mundo político. Mesmo assim cumpria seu destino, fiel às tradições que lhe estruturaram a juventude entusiasmada, a mocidade efervescente, a maturidade ponderada e a serena velhice.

Viveu épocas conturbadas — revoluções, subversão de regimes e sistemas, violação de mitos históricos. O silêncio era a resposta eloqüente que dava às conturbações surgidas e que depois submergiam quais enchentes amazônicas, as raízes filosóficas da ciência jurídica que estudara e em que alicerçara seu pensamento de uma sã e equilibrada política.

Auferiu das glórias efêmeras sem extravasamento; atravessou os declínios da grandeza, ascendeu às cumiadas do poder despido dos deslumbramentos dos fracos, que se deixam aromatizar pelo incenso que rodeia sempre aos que des-

frutam da transitoriedade das cousas. Bebeu o fel do ostracismo integral, tendo em sua atitude a firmeza dos estóicos. Pessoalmente, nunca foi derrotado porque conhecedor profundo da psicologia das multidões. Afastava-se dos embates na hora exata, para a seguir ressurgir das cinzas políticas a que voluntariamente se relegara e ressurgia com vigor impressionante, em uma testificação do sentido justiceiro popular.

Humildificou-se no manejo do mando e se engrandeceu na obscuridade. Quando rebrolhava na esfera que lhe emoldurou a vida pública, ele o fazia como as plantas a que se vinculava por formação e que por isso mesmo lhe formavam o quadro emocional — nada lhe detinha o ímpeto, aos primeiros orvalhos prenunciadores das chuvas dadivosas.

Como político foi extraordinário em sobriedade, habilidade e capacidade de enleio. Mesmo na direção governamental, jamais perdia seu tônus particular e sonhava a concretização de sua formação humanística, ao dizer, certa feita, que era preferível abrir escolas a construir prisões. Para estas, bastavam as existentes no plano social e que reduziam a condição humana. Homem de atitudes nobres, nunca se lhe pôde inculcar atos menos probos. Fez de sua vida um hino amazônico e para o Amazonas viveu, no imo do peito, acalentando com carinho as barrancas do velho rio Madeira, a sua Canção de Fé e Esperança.

Sua trajetória, um lampadário de estrelas. Sua herança, o exemplo de desprendimento que deu a gerações e sua riqueza o bem que dispensou a mancheias, o mal que perdoou a tantos e a gratidão que recebeu de tão poucos.

Rico ele o foi de inteligência que esbanjou, e dignidade que sempre teve, de perdão que usou largamente, de habilidade política que demonstrou, de saber que possuía, de bens espirituais e acima de tudo, de adoração que lhe tributava a massa humílima, fiel repositório desse legado.



ÁLVARO MAIA carregado pelo povo, em campanha política



**MINHAS RECORDAÇÕES
DE ÁLVARO MAIA**

Almeida Barroso

MINHAS RECORDAÇÕES DE ÁLVARO MAIA

Depois de assistir a missa de 7º dia que o Senado Federal e a família de Álvaro Maia mandaram celebrar na igreja da Candelária, em sufrágio de sua alma, um turbilhão de recordações me acorreu à mente, em torno à figura extraordinária que o Amazonas vem de perder.

Dizia Voltaire que devemos tratar os vivos com deferência mas, quanto aos mortos, nosso compromisso diz respeito à verdade. Isso, porém, nem sempre é possível. Deferência implica isenção de ânimo na apreciação, domínio emocional, serenidade e largueza de espírito. No caso dos intelectuais puros, dos cientistas, dos sábios, dos filósofos e tantos outros que ultrapassaram as dimensões comuns pelas manifestações do intelecto e pelas suas obras à margem da política, é possível a aplicação cabal da sentença voltairiana.

Os políticos propriamente ditos, ou melhor, aqueles que exercitam ou exercitaram ativamente a política partidária, sobretudo os de alta envergadura, em razão, sobretudo, do seu envolvente poder de liderança, como foi a exercida no Amazonas por Alvaro Maia, são sempre homens providenciais, capazes de atraírem para a sua personalidade as mesmas correntes violentas e apaixonadas de admiradores, de seguidores fiéis e de adversários odientos e prevenidos. Julgá-los, por conseguinte, em vida, sob o calor do fogo cruzado de sentimentos contraditórios, é muito difícil. Foi o caso daquele grande amazonense.

Ainda perdura na memória do povo e lembrança da influência dominadora que o gigante de Humaitá exerceu na sua e até na geração mais nova dos seus coestaduanos. Uma influência de mais de vinte anos quase ininterruptos, em que polarizou as atenções e galvanizou a admiração e muitas vezes o ódio dos seus conterrâneos. Apesar disso, ao contrário do que tem sucedido nestes últimos tempos a outros políticos brasileiros eminentes, desaparece agora sem, a rigor, ter experimentado o gosto amargo do ostracismo.

É que, grande demais foi o clarão que sua privilegiada inteligência projetou em sua terra e, por igual, a influência do seu grande poder político, graças ao qual foi por três vezes guindado ao comando do barco governamental, para que o seu destino fosse marcado pelo ocaso que surpreendeu no fim da vida outros

grandes brasileiros. Nem mesmo o impacto provocado pelo calor de uma geração irrequieta e lutadora que lhe arrebatou o bastão do comando político, levou o Tuchaua a experimentar a amargura que costumam sentir os homens públicos apeados do poder inesperadamente.

Bem ao contrário, tendo tido a sorte de assistir a maior revolução política por que já passou o país, com o movimento de 64, que cassou homens públicos dos mais diferentes quadrantes nacionais, como Goulart, Juscelino, Lacerda, Jânio e tantos outros, o destino lhe concedeu a sorte de ser surpreendido pelas parcas implacáveis, com a consciência tranqüila, na simplicidade que lhe era peculiar quando fora do governo e com um mandato de Senado outorgado pela sua terra que é indiscutivelmente, um dos mais altos da República.

* * *

Minhas primeiras e impressivas lembranças daquele que, devido sua excepcional posição no comando político do Amazonas recebeu dos seus conterrâneos o apelido de Tuchaua, símbolo baré da sua tumultuosa, brilhante e por tanto tempo vitoriosa carreira pública, se situam nos bancos ginasiais, quando aluno do outrora Ginásio Amazonense Pedro II.

Sua “Canção de Fé e Esperança” embalava, então, o espírito da juventude amazonense, como o Hino da Vitória de uma revolução que arrancara a boa terra da inércia em que a detinham governantes ultrapassados, menos por falta de merecimentos próprios, de valor individual e de merecimentos intelectuais, do que pela ação do tempo, que é inelutável e não se compadece com a cristalização improgressiva de moldes administrativos envelhecidos.

Álvaro Maia estava, então, como governante, no Palácio Rio Negro, pela segunda vez. Isso antes do golpe de 10 de novembro de 37. Cursava eu a 3ª série do ginásio daquele educandário e a nossa turma teve a satisfação de ouvir dele a primeira aula da cadeira de Português, de que era titular, presente também, além do seu substituto, professor Augusto Rocha, do inspetor Júlio Neri, o diretor Carlos Mesquita, este já falecido.

Ouvimos todos embevecidos a aula prelecionada pelo literato que, ao lado de Leopoldo Peres, era considerado à época o mais fulgurante orador do Amazonas.

Sua fama e o seu prestígio eram, de fato, indiscutíveis, numa fase em que uma constelação de intelectuais como Adriano Jorge, Pêricles Morais, Araújo Lima, Huascar de Figueiredo, João Leda, para só falar de alguns mortos, dominava com a influência da sua personalidade literária irradiante a terra cabocla.

Álvaro Maia exercia, realmente, sobre nossa geração de estudantes secundários um verdadeiro fascínio, através da sua oratória em que a palavra límpida e envolvente, despendia chispas iluminando o nosso espírito prendendo-o, magnetizando-o. Onde quer que ele fosse discursar ali acorria a mocidade adulescente ávida de ouvi-lo e de assistir embevecida o poder mirífico da sua pala-

vra feita, em confirmação a uma conceituação de Latino Coelho, ao tratar da linguagem humana, para as amenas delícias do pensamento.

Depois da ditadura de 10 de novembro, continuou o prestígio intelectual de Álvaro Maia a servir de escudo às investidas que contra sua cidadela política faziam os seus adversários perante Getúlio Vargas. Além disso, gozava ele de um apreço especial por parte daquele ditador, em virtude, principalmente, de ter sido, como se dizia então, professor de uma de suas filhas. Mas a verdade é que ainda dessa fase nos deixou discursos admiráveis com que mantinha acesa a chama da sua intelectualidade, jamais obnubilada sob a influência para muitos negativa da política partidária.

Nossa geração conservou, assim, do tribuno de palavra alcandorada uma impressão muito profunda que, ligada a outra decorrente da sua postura humanista e humanitária de governante tradicionalmente conhecido como homem bom, tolerante e sem ódio, não obstante certas limitações oriundas da influência tantas vezes negativa do grupo que liderava, iria condicionar a atitude de respeito de que sempre foi cercada, fora dos entrechoques das campanhas eleitorais.

Mas, sobre o aspecto político da personalidade do grande amazonense que o Amazonas acaba de perder, difícil é resumir, como no literário, as facetas da sua latitudinária atuação na administração do Estado. Será tarefa em que poderão exceder-se amazonenses como Mário Ypiranga, tão notável pesquisador e conhecedor da nossa história, André Araújo, o sociólogo que tanto privou da sua intimidade intelectual e tanto o observou de perto, e tantos outros escritores que no Amazonas observaram e acompanharam sua tumultuosa e brilhante trajetória.

Mesmo assim, nenhum sentido positivo e sério teria a injustiça da negativa de alguns aspectos fundamentais da atuação desse portentoso jequetibá humano, que vem de ser roubado ao cenário intelectual e político de minha terra, em favor da sua evolução, do seu progresso, da sua grandeza.

Algum leitor apressado, antes de esperar o fim destas considerações poderá argüir que nos meus 15 ou 20 anos de militância jornalística no Amazonas, jamais fiz um artigo tecendo, em torno da personalidade do grande amazonense, o elogio que aqui estou fazendo, no realce das suas qualidades intelectuais e políticas.

Isso é verdade. Mas há uma explicação, que me apresso em oferecer, à guisa de justificativa. É que quando ingressei, verdadeiramente, na atividade jornalística, através da tribuna de "A Crítica" e com o apoio moral que sempre me dispensou seu diretor e proprietário, jornalista Umberto Calderaro Filho, tinha me afastado do PSD, partido a que pertencera logo após sua fundação e reservara-me na minha terra o papel difícil de livre atirador, procurando, atra-

vês de críticas e comentários diários ou semanais em editoriais ou colunas próprias a apreciar a atuação dos governantes e intelectuais amazonenses.

A essa altura, e a história dirá melhor do que eu — o governante Álvaro Maia havia formado uma escola de homens públicos no Amazonas que começava a entravar o progresso do Estado e que, como numa contraposição dialética, contribuía para a diminuição progressiva da aureóla daquele que, com sua citada “Canção de Fé e Esperança”, havia sido um dia o símbolo da renovação e da ressurreição da terra querida. Foi isso durante sua última volta ao Palácio Rio Negro, para substituir Leopoldo Neves. Este havia sido eleito com a ajuda de Severiano Nunes, Vivaldo Lima, Aristófano Antoni e um grupo de novos que surgiu para o cenário político amazonense com Plínio, Áureo Melo e Paulo Neri à frente.

A administração do Tuchaua, nessa fase, burocratizava-se de uma forma enervante, amorfa, sem qualquer lampejo de benefício para a terra. Os problemas, quer do Estado, quer de Manaus, os mais simples, desafiavam a atuação governamental. Havia, fora do grupo dominante, um anseio de mudança e urgência derrubar a inoperância estratificada em poder público. Verberei muitas vezes essa situação, convicto de cumprir um dever de defesa da terra comum.

Mesmo assim, apesar de aceitar e defender a necessidade de uma reformulação política no Amazonas, naqueles idos incertos de 40 e 50, com o domínio de figurantes mais jovens que pudessem catalizar uma mentalidade renovadora, jamais me passou pela idéia investir contra a sua honra pessoal e obscurecer seus méritos intelectuais e políticos tomando em consideração ao que o Amazonas lhe devia.

E tive ocasião de fazer sentir, em conversa amistosa com o Plínio, quando este se preparava para desferir-lhe o golpe eleitoral com que desorganizou o grupo do Tuchaua e o seu domínio no Palácio Rio Negro, que era preciso ter cuidado de não atacá-lo com veemência, pessoalmente, uma vez que a ele a nossa geração, cujos estudos tanto auxiliou, e o Amazonas de um modo geral, muito deviam. Seria essa uma atitude de gratidão diante de quem, mesmo na ditadura, jamais oprimiu nossa gente.

Plínio, com aquela sua envergadura de predestinado de Humaitá para o derrotar seu municípe, e com a clarividência de líder em ascensão, respondeu-me — Isso que estás dizendo é verdade mas infelizmente, o seu grupo só cairá se atacarmos o chefe de frente. O fim irá justificar os meios.

A verdade é que os meios para os fins visados, por mais elevados que estes fossem, extravasaram em retaliações e injustiças imprevisíveis. Até a aposentadoria do chefe derrubado foi objeto de absurda reformulação. E me lembro que em artigo assinado defendi as prerrogativas do grande professor do antigo Ginásio Amazonense, atitude que, tempos depois, me valeu um agradecimento público por ocasião de uma solenidade no mesmo colégio em que Álvaro Maia fora orador, em 1956 e eu ali comparecera também como professor.

O Amazonas acaba de perder, não resta a menor dúvida, um dos seus vul-
tos de dimensões mais ilimitadas. Perde um grande homem de letras, um orador
de linguagem excepcional, um político que encheu com sua personalidade mar-
cante grande fase da sua história, enfim um dos seus maiores filhos em todos os
tempos. Sua morte, como é comum, nos conduz à revisão de sua obra e a uma
conceituação diferente daquela que fazíamos sob a influência de idéias pertur-
badoras do crivo crítico, enquanto ele viveu e projetou a força da sua irradiante
personalidade no grande Estado nortista. E assim visto, a conclusão impõe-se,
imperiosa: a ele o Amazonas muito deve do seu progresso atual. Foi o Tuchaua,
quem preparou, no plano cultural e político, este envolvimento administrativo,
o caminho para a ação mais tarde revolucionária de Plínio e Gilberto. Não im-
portam os exageros e erros que estes dois governantes tenham cometido. O go-
vernador Arthur Reis, por sua vez, o que fez de positivo foi plantado em terre-
no arado pela ação dos seus predecessores em favor do progresso da terra. De
igual maneira, a postura equilibrada e serena do governante Danilo Matos Ae-
rosa traduz-se no corolário de um processo histórico e atuante dos administra-
dores que, anteriormente, trabalharam com as vistas voltadas para o desenvol-
vimento e grandeza maior do Estado.

No plano propriamente literário, quer ao tempo em que a militância
político-partidária e as atividades administrativas absorviam-no, quase por
completo, quer nos últimos anos de vida, Álvaro Mais foi sempre portador de
um devotado amor às letras, às quais procurou servir com a fidelidade de um
predestinado.

Pode-se dizer que ele, depois que galgou posição de vanguarda nas letras
amazonenses, aliás, desde muito moço, jamais deixou de servi-las, entusiástica e
apaixonadamente. Daí o paralelo conservado entre o político eminente, na fase
de dourada e tumultuosa atuação na cena pública, e o literato privilegiado.

E, depois que o estadista, cansado pelos sucessivos e trepidantes embates
eleitorais, ante inelutáveis imperativos biológicos e históricos, se vê conduzido a
uma posição de participação mais discreta na política de sua terra, para assistir,
por assim dizer, as águas rolarem, com mais lazeres sobrando-lhe para as labu-
tas do espírito e as atividades propriamente intelectuais, ressurgiu no homem
amadurecido e provido de notável experiência humana a preocupação domi-
nante pelo pontificado das letras através de uma constante produção literária.
Foi nessa fase, realmente, que Álvaro Maia mais produziu e melhor se afirmou
como literato, numa consagradora justificação do seu antigo galardão de inte-
lectual de excepcionais merecimentos.

Sua morte representa, sem qualquer condescendência ao chavão comum,
uma grande perda para o Amazonas, ao qual ele serviu, ininterruptamente, por
mais de meio século, com predestinação telúrica, inscrevendo vitoriosamente
seu nome na galeria das suas figuras representativas, com aquela marca dos ho-
mens providenciais de quem falavam Carlyle e Emerson.



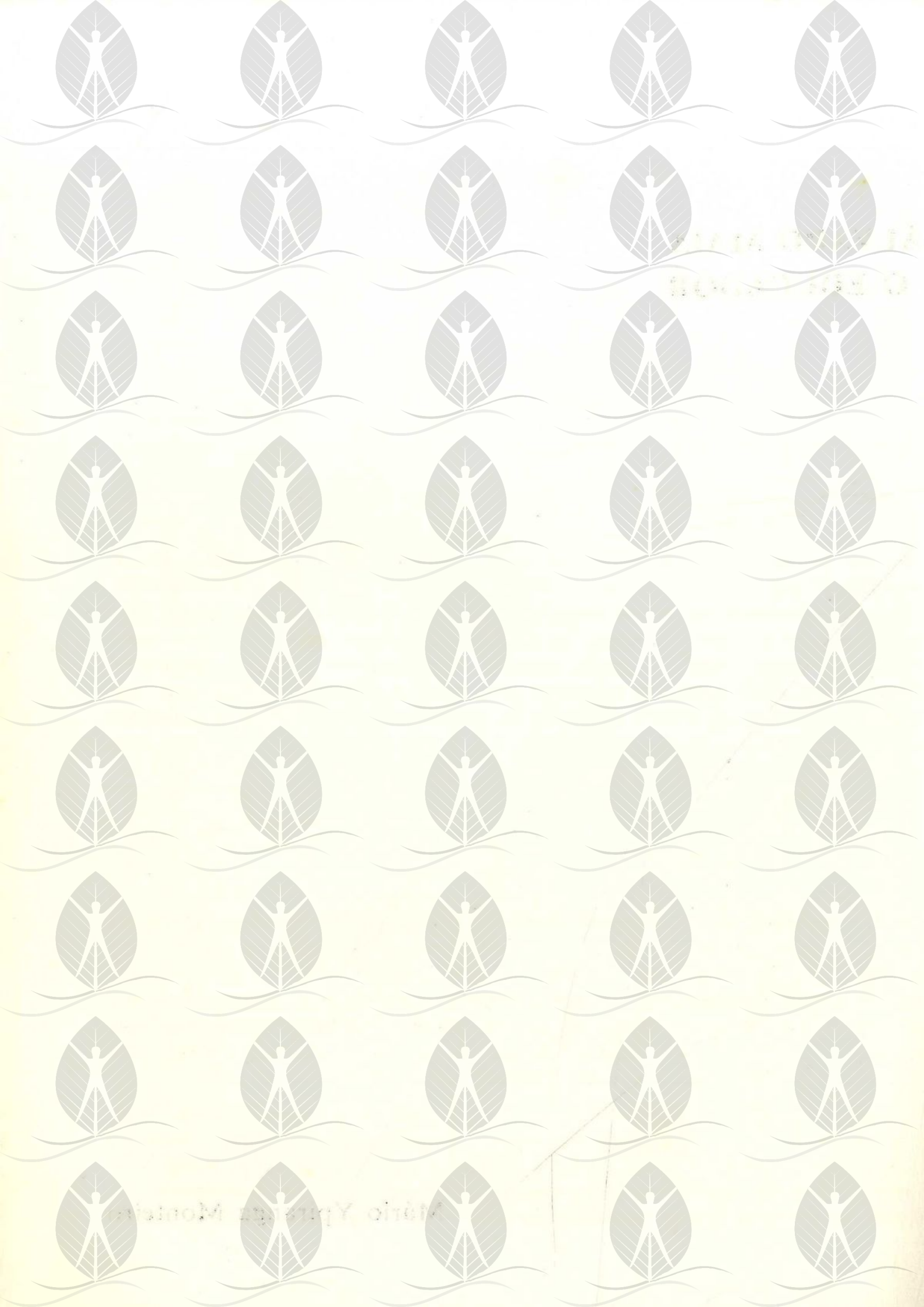


Tarde de Autógrafo — Álvaro Maia no lançamento de sua obra "Banco de Canoa".



**ÁLVARO MAIA
O EDUCADOR**

Mário Ypiranga Monteiro



ÁLVARO MAIA, O EDUCADOR

Permita-se distinguir os *status* do professor e do educador. Podem ambos fundir-se numa só personalidade, mas acho duvidoso que isto aconteça muito freqüentemente, pelo menos com a consciência exata de suas finalidades. O educador deve de estar um grau acima do professor, que orienta e não ensina. Ao educador cabe a tarefa ampla de orientar e educar, ou como se diz — plasmar caracteres ou personalidades, não à sua semelhança, o que seria sempre duvidoso e nada viável, mas à semelhança de modelos eleitos pelo juízo unânime.

Da minha experiência como aluno do antigo Ginásio Amazonense Pedro II trago as mais vivas recordações, talvez as mais vivas e as mais interessantes daquele ciclo de atividades privilegiado que parece obter todo estudante. Tive por professores a vários cidadãos, de que poucos restam, nem sei quantos. A alguns seria impossível lembrar sem ofender suas memórias. A outros nem cabe sequer uma referência, que passaram sem deixar impressões assinaláveis. De quantos me lembram simpáticos pelos contatos diuturnos, mesmo fora de classe, convém salientar o professor Agnello Bittencourt, severo, cortês, apumado, correto na indumentária, sempre de escuro, pontual na cátedra, sofrendo e sofrendo o calote oficial naquela triste administração Rego Monteiro. Por outro lado, Álvaro Maia era mais comunicativo, mais freqüentemente cortejado e cercado pelo entusiasmo da juventude, inclusive da parte das mulheres. O contraste entre os dois educadores é profundo, mas não se deseja admitir houvesse distanciamento marcado entre os estudantes e o professor Agnello Bittencourt, o “velho Agnello”, como desrespeitosamente o chamávamos mas sem qualquer intenção ofensiva. Mais tarde ele demonstraria que tal distância não poderia existir. Um outro educador que ficava paralelo era o “velho Plácido”, Plácido Serrano. Sem ser ríspido e cruel, mantinha, como diretor do estabelecimento, uma disciplina de ferro. Mas o seu guante era de arminho. E no entanto esse mestre de terríveis bigodes brancos caídos chorou violentamente na Polícia Civil, naquela memorável tarde de 12 de agosto de 1930.

É que a atitude exterior desses mestres, mais do que a sua proverbial interiorização, dava motivos à suspeita injusta de secreta animosidade, conferida pela atitude de outros professores em relação a estudantes a quem deliberadamente evitavam, criando fronteiras perigosas. Esses não eram educadores, somente professores, daí a distância conotada.

Com Álvaro Maia não acontecia por igual. Pondo de relevo a sua tática de dirigir com o coração, conseguia, nas aulas e nas conversas informais dos corredores, a amizade e a confiança da mocidade sem apelar para o recurso odioso do castigo ou da simples reprimenda pública. Parece-me agora compreender o fascínio que exercia. Sempre de branco, alegre continuamente, cabelos fartos de poeta e poeta até na maneira de servir-se da cátedra para influenciar, ele se tornaria nosso ídolo, um elemento perigoso como líder, se houvesse condições e oportunidades. E no entanto as oportunidades surgiram preciosamente na política, em 1930. Foi essa política que o desviou da religião a que se votara o moço idealista da “Canção de Fé e Esperança”.

O educador habitava nele. Sabia lidar com a mocidade. E como elemento auxiliar daquela vocação, havia o implemento da cátedra de Educação Moral e Cívica, onde a sua potencial verbosidade plantava lições eternas de altanerias, de amor à pátria, de independência, de respeito à família, de ordem e disciplina na vida, crédito às instituições, devotamento ao estudo. Cada aula sua era um hino de louvor às sagradas instituições sociais e morais. Era uma comunhão que mantinha com os alunos e a quem transmitia os mais belos exemplos, sacudindo nossa sensibilidade com as frases do seu vasto repertório oracional. Palavras secas como coragem, disciplina, perdão, amor, adquiriam na sua boca um sentido novo, maiores dimensões, estranhas repercussões, uma receptividade profunda. O barro verde criava vida, manipulado sabiamente. Às vezes eu fico meditando se ele esperava de nós grandes atitudes e reflexos exatos. E também fico considerando se essas suas prédicas não foram tomadas pelos tacanhos como veneno dissorado nas nossas mentes, capaz de subverter consciências imaturas.

Suas aulas de português-literatura não fatigavam nem exigiam esforços no processo de assimilação, mas as de Educação Moral e Cívica, eram esperadas com ansiedade e comentadas com entusiasmo, precisamente porque afetavam mais, iam direto ao seno e respondiam talvez a um apelo longínquo de nossas inteligências e sentimentos juvenis, perplexos.

Prático na teórica, fazia inveja a quantos se deliciam “pedagogicamente” em arrumar no baú mental do discente uma centena de regrinhas bestas que acabam viradas e reviradas de pernas pro ar. Seu método era preciso, lógico, edificante, sem gramatiquices, ferindo o “caso” no momento, desembrulhando o difícil e condenando a imbecil discussão acadêmica dos castrolopistas e demais figueiredo... A leitura em classe, individual, *alta voce* para aprimorar timbre e a dicção, deixando uma margem suficientemente larga para futuras discussões e dúvidas. Textos arcaicos, sim, textos arcaicos para a correspondente conotação do grau de evolução da língua. Redação, muita redação, e análise coletiva dos fracassos, que eram muitos, já se vê.

A literatura brasileira em primeira plana, romances de costumes para ajudar a desintoxicação camoneana. Nenhuma distinção pragmática em literatura

para efeito de aprendizado inicial. Mais tarde então começávamos a enfrentar o pior no que concerne a variações de estilo, a diferença presumível ou coerente de uma língua original, complicações, outras que o amadurecimento ajuda a resolver com muita leitura, muita observação, prática de escrita. Nada de autores medíocres, somente os grandes nomes, as grandes obras.

Dono de uma cultura geral, para ele era difícil compreender a *razão sedimentar* existente, por exemplo, em Poesia, desligando-se ela de qualquer outro trecho de boa prosa. Era como se entendesse ser a Poesia aquilo que se sente e não aquilo que se lê. Em matérias de língua não era exclusivamente partidário de uma independência fictícia, mas aceitava, como lógica, a dicotomia gerada por fatores na dependência ou não do homem e do meio. Para reforçar tal pensamento, aconselhá-vamos a reler sempre os clássicos mais antigos que haviam escrito sem estatuto gramatical, pelo menos até aparecerem os primeiros tratadistas portugueses.

Incentivava a cultura nos seus amplos aspectos. A quem não simpatizava com uma disciplina, procurava mostrar o valor dela e as relações recíprocas existentes. Foi quem nos estimulou a organizar o grêmio literário e a lançar o jornal impresso *O Estudante*, de que fui diretor com João Nogueira da Mata, Francisco Benfica, Edmundo Levi, Alves de Meneses, Mário Bettencourt, José Tavares, Lúcio Fiuza e Alcenor Madeira, este o presidente eleito do Grêmio Literário Pedro II. Ele próprio orientava, apresentava sugestões e também colaborava. Meus primeiros versos foram por ele prefaciados (guardo o prefácio, mas o livro sumiu no lixo). Assistia-nos, corrigia-nos, sem levar em conta a posição de professor, mas a de educador. Não houve no meu tempo de ginasiano, mestre mais querido e mais respeitado, intelectual mais em evidência na comunidade estudantil. Tenho a impressão de que falhamos no tempo sem uma Universidade com a atuação de tal expoente.

Mas a simplicidade é o que mais conta. Nele a simplicidade e a modéstia habitavam juntas. Despido de preconceitos, pela vida a fora parece haver sido um semeador de dádivas a quem pouco importava recolher compensações. No meu tempo de estudante primava em ser tolerante, ainda quando obrigado a servir-se do regulamento. Tolerante continuou na política, fechando os olhos e os ouvidos a quantos abusaram da sua sombra magnânima.

Honesto como poucos, refiro certo fato acontecido em classe. O aluno da minha série, de sobrenome Chauvin, perguntou-lhe certa feita algo que se relacionava de perto ao rouxinol, ave. Isto veio a propósito de uma passagem lida em classe. O mestre poderia ter-lhe respondido evasivamente, ou suprido a ignorância do aluno com um dado falso, já que ele também ignorava o assunto. Preferiu responder que iria estudar. Na aula seguinte, ou seja vinte e quatro horas depois, explicou a dificuldade com aquele seu cativante poder verbal a que nos acostumamos em cinco anos de convivência. O fato possui duas facetas: mostra (e como tem mostrado)! não ser o professor enciclopédico e como o vi-

garismo destrói na mocidade a impressão que o mestre deve manter nas relações curriculares. O embuste, no caso, só teria um valor: diminuir perante a classe aquele ídolo; mutilar o deus a quem votávamos respeito e carinho.

Álvaro Maia era assim no quotidiano. Não quero me expor à crítica, considerando-lhe a personalidade fora do mestrado. Acredito piamente que a ascese política em 1930 motivasse a sua conduta posterior, de excesso de tolerância, mas nunca de um excesso que alcançasse o clímax daquilo que ele combateu na mocidade, na sua mocidade radiosa. Não. Seu caráter impoluto no governo, sua ilibada moral não permitiriam. Mas, por outro lado, aquela bondade que perdoava a alunos suspensos e que iria perdoar mais tarde a quantos o denegriram em vida, permitiu que abusassem dele e fizessem coisas reprocháveis no seu nome e em nome do seu governo.

O último ato nobre em que se empenharia o mestre *in illo tempore*, foi a 12 de agosto de 1930. É preciso lembrar o conjunto de circunstâncias que determinariam o conflito armado entre ginásianos e as polícias civil e militar. Quiseram atribuir-lhe malevolamente, então, a culpa direta daquele incidente. Eu conheço toda a história daquele movimento a partir dos primeiros contatos com a Aliança Liberal, movimento que possuía seu “antro” (na palavra do então governador Dr. Dorval Pires Pôrto) no Ginásio, presidido pelo mestre. Realmente o “antro” não era lá e nem era presidido pelo Dr. Álvaro Maia. A história é mais comprida, e hoje não vejo por que eliminar a influência do mestre, muito embora não fosse ele o nosso líder naquele momento. Fora-o durante muito tempo na cátedra de Moral e Cívica.

Acontece que no meado de julho de 1930, Francisco Benfica me procurou para acertarmos conciliábulo urgente. Não podendo a reunião efetuar-se à noite, serviu de “antro” a sala de química, no porão. Não me recordo bem dos nomes dos “chefes” presentes, mas detive principalmente os dos colegas Francisco Castelo Branco (que pajeava ao Benfica e deveria andar pelo segundo ano, se não me falha a memória), Nelson Cabral, Aloísio Nelson, Zezito Lima e Danilo de Aguiar Corrêa. Havia também um agente de ligação, talvez representante dessa quinta coluna que aparece em toda parte e a quem atribuo as delações havidas. Não era aluno do Ginásio e bem pouco se me dá o nome. Só o vi mais tarde, quando chegava a Manaus o General Juarez Távora, que por sinal ainda não havia ganho a patente. O “cara” iria deitar falação quando o arrebataram de cima da cadeira, expulsando-o do rol dos discursadores.

Foi naquela feita que Álvaro Maia apareceu em cena, por simples acaso. Apanhado de surpresa, na hora, quando saía do gabinete do diretor, não se recusou acompanhar-nos. Nós precisávamos, no momento, de um conselheiro e era ele, não outro, a pessoa mais indicada. Convidamo-lo a descer e a portas abertas, em sigilo mas sem cautela, expusemos os fatos. Foi a primeira e única vez que o mestre se encontrou na órbita dos nossos negócios particulares, ne-

gócios que, na opinião de um professor relapso da época, cheirava a sujeira. Isto se verificou na reunião da Congregação, após os fatos de 11 e 12 de agosto, reunião armada com o propósito deliberado de expulsar aos revoltosos. Nessa congregação, a que ficaram ausentes muitos dos bons professores, Álvaro Maia foi nosso advogado. Por pouco tempo, aliás, em vista da vitória da revolução de outubro. E era de ver, agora, o comportamento daqueles professores, fantasiados de revoltosos também, metidos no caque amarelo e no lenço encarnado getulino. Excelente canalhice...

Na verdade, nossos planos eram altos demais para cabeças demasiadamente ocas. Inclusive envolviam propósitos idiotas, faturação de glórias na base do desacato à autoridade constituída e etc., e tal. Como e por que condutos veio o governador Dr. Dorval Pires Pôrto a saber do conventículo é que me irrita. A porta da sala de química ficou aberta todo tempo e de onde estávamos podíamos dominar o alto da escada de acesso. Não apareceu nenhum professor nem funcionário. O “velho Plácido” saía regularmente às dezessete horas, encerrado o expediente.

O que resultou daquela conferência foi água na fervura. Álvaro Maia ponderou várias coisas a que opunhamos sempre uma possibilidade gratuita. Mas uma teve o efeito brutal de nos lançar contra a espada e a parede: nossas mãos haveriam de sofrer bastante com uma situação trágica que nos envolvesse. Saímos murchos da conferência da sala de química.

Mas está escrito que quando Deus abandona o homem o diabo (em quem não acredito) toma-o à sua conta. A campanha da revolução prosseguia no sul com Getúlio Vargas ameaçando amarrar seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro, o que de fato aconteceu. Corria pela cidade uma onda de boatos, mas principalmente aqueles eternamente forjados pela legalidade, de que estava senhora da situação etc. O mês de agosto passava quente e as expectativas não menos entontecedoras. Novos encontros no “antro”, mas nada de tomada de posição, porque Álvaro Maia nos havia dito para esperar... E o negócio começou a assumir gravidade quando numa manhã apareceram duas trincheiras estrategicamente abertas nas imediações do Ginásio, pela Polícia Militar. Com efeito, a medida preventiva, ou de cunho ostensivo, era uma ameaça a que não podíamos ficar indiferentes, principalmente porque começaram as rondas à paisana de elementos da Polícia Civil em torno do Ginásio. Uma das trincheiras fora aberta no local onde foi construída a bomba de gasolina Sabbá, no dia seguinte à outra. Guarneciam-nas soldados da polícia, armados de metralhadoras e fuzis. O aparato bélico completou-se com dois canhões deslocados para a frente do quartel. Havia um rumor de praça de guerra e os transeuntes olhavam desconfiados aquela diligência, sem entender o que remorejava no ar. Nesta altura, ainda era o mestre Álvaro Maia quem nos chamava à razão, convicto de que a ameaça contra o Ginásio era demasiadamente aberta para esconder propósitos inocentes. Conselhos não faltavam.

Nós do nosso lado, os da turma de choque, reuníamos-nos às vezes nas “pedras” do Ginásio, acatando as ordens do diretor. Havia proibido que circulássemos pelos jardins, sentássemos nos bancos, a fim de evitar conflitos. O velho sabia do que éramos capazes, naquela altura.

Foi nesse mês de agosto de 1930, numa tarde, que Álvaro Maia nos procurou. Sem subterfúgios, alertou a turma sobre o que ocorria, as vagas de boatos e a presunção (ou certeza?) do governador, de que estávamos vinculados aos políticos e tencionávamos subverter a ordem. As trincheiras eram a melhor prova. Havia sido convidado pelo governador e conversado. Então não nos disse nada, mas soubemos que Sua Excelência o havia incriminado de “meter coisas nas cabeças dos estudantes”. As coisas que ele realmente metia nas nossas cabeças já foram proclamadas e eram assuntos ligados à moral e ao civismo. Se a política de então estava podre cabia aos moços tomar posição. Era o que fazíamos, naturalmente sem conivência dos nossos pais e mestres.

O barulho maior foi quando o “velho Plácido” nos chamou ao gabinete, querendo saber o que havia. Não havia nada, gritou Francisco Castelo Branco, audacioso como sempre. O velho se convenceu? Convencido ou não, passou-nos um pito, e deu o recado do governador: fecharia o Ginásio e expulsaria os manifestantes, fosse quem fosse. Entre parênteses, o dr. Dorval Pires Pôrto era amigo e compadre de meu pai, padrinho da minha irmã Geraldina e, portanto, concebe-se a angústia daquele ao saber-me envolvido no conflito, mas muito mais a de meu pai, homem severo nos julgamentos. A ordem que veio de palácio, para soltar-me a mim e a Francisca da Gama e Silva, se não estou equivocando, quando a noite andava a meio, encontrou a nossa resistência. Ou saíamos todos da cafua, unidos, ou tocava-se fogo na droga. Tocou-se fogo na droga, ameaçando nossas próprias vidas.

O que me parece estranho, hoje, foi a ingenuidade do governo e da própria diretoria. Ingenuidade ou tolerância? Com todas aquelas perspectivas de barulho, a ciência do fato, os boatos alarmantes, as autoridades não se preocuparam em arrancar-nos as unhas. Suficiente, para tanto, retirar as armas do depósito do tiro, fuzis e uma metralhadora, e os cunhetes de bala. Nada disso foi feito como medida preliminar. Talvez o governador duvidasse da nossa coragem? Achasse que tudo aquilo era apenas conversa de meninos? Não acreditasse no andamento da revolução de outubro? Bastariam as duas trincheiras guarnecidas? Continuo deplorando a confiança excessiva, quando já se sabia dos nossos intuits agressivos, das nossas idas e vindas com os políticos safados, das indiferenças com que olhávamos o aparato bélico e os esquemas armados para deter qualquer conflito. Pelo menos é o que se presumia, mas acredito também que a presença das trincheiras e da ronda contínua de policiais à paisana só faziam aumentar em nós a raiva que havíamos armazenado. Mas raiva de quem? De quê? O governo não era nosso inimigo e vivíamos em termos com ele. É verdade que uma outra escaramuça com a polícia civil poderia afetar a ordem mas nunca houvera conseqüências fatais.

Andei perdido em divagações. Mas quero situar a posição de Álvaro Maia naquela jornada. Principalmente lembrar que os seus conselhos de mestre e de homem público, pois foram os últimos que merecemos, nós os quintanistas, os seus conselhos visavam afastar-nos dos políticos, asseverando tratar-se de gente matreira, ambiciosa, mendaz, perigosa, falsa, que defendia apenas interesses pessoais. Portanto, não podíamos alegar ignorância, nós que estávamos sendo manobrados pelos políticos, empurrados sorratamente para o fogo.

De repente a coisa estourou. Assassinarão João Pessoa na Paraíba. A deixa que o sagaz Getúlio Vargas esperava, surgiu de súbito com o sacrifício do amigo e parcial. Para nós foi o rompimento das hostilidades. Aquela atmosfera de espectação, de desconfiança, de hostilidade surda, transformou-se de súbito num ato de vontade. Houve o corre-corre, uma programação improvisada. Era preciso saudar a revolução sobre o cadáver ainda quente do político. Nessa noite o “antro” piriricou de gente, de idéias, de protestos, de ameaças. Na residência do dr. Sousa Brasil, o homem do punhal de metro e meio, ficou resolvido desde logo o rompimento das hostilidades. Primeira atitude pacífica: comício de protesto, comigo orador e outros, na praça da saudade, local neutro, distante das concentrações bélicas. Nenhum político apareceu, haviam desaparecido da circulação. Casa de ratos, esses políticos. Mais tarde, vitoriosa a revolução de outubro, deitaram falação untuosa, lenço vermelho ao pescoço: “Nós, os revolucionários...” Exceções feitas ao Dr. Sousa Brasil e Francisco Pereira da Silva.

Não haviam protestado, não haviam pegado em armas, não haviam corrido a prestar solidariedade na hora solar quando a cavalaria conduzia em quadrado aquela juventude garbosa, altaneira, para a cafua da rua do Marechal Deodoro. Os ratos se acocoravam nas tocas, enquanto nós éramos alvejados, espancados, brutalizados, tudo quanto Álvaro Maia havia predito. E agora ele lá estava também, com o velho Plácido, Agnello Bittencourt (ambos demissionários) e Coriolano Durand, na Polícia Civil, olhos marejados de lágrimas, numa tentativa inútil de resgatar seus alunos. Em toda aquela difícil situação, trovejava a voz do velho Plácido, pedindo que soltassem seus filhos, não os espancassem. “- Seus filhos”? Haveria coisa mais bela? Seus filhos, nós que o havíamos desatendido, nós que andávamos procurando barulho, enfezando o governador, promovendo o enterro simbólico do chefe de polícia, desafiando os galfarros, ignorando as trincheiras, tomado armas.

Volto a perguntar: como os políticos poderiam esquecer o fato positivo, curial, desse dia, daqueles dias? Como se explica que olvidassem os ginásianos maltratados, pisados, surrados, ameaçados de morte pelos palhanos e camarões da época? Afinal de contas, quem fez a revolução de outubro no Amazonas foram os ginásianos e não cabe nenhuma glória a qualquer político. Tudo quanto Álvaro Maia havia dito e aconselhado, para evitarmos a companhia dos malandros, acontecera a curto prazo. Ele tinha razão, carradas de razões. E não podemos esquecer a sua atuação nesse conflito.

Na hora em que a fuzilaria andava mais acesa, foi Álvaro Maia quem compareceu ao Ginásio, foi ele quem evitou a sangueira que se prenunciava. Com uma voz em que deveria colocar todos os sentimentos humanos, uma voz que retumbava mais nos nossos corações do que nos nossos ouvidos, ele clamava por tudo, por nossas mães, que largássemos as armas e abrísssemos as portas. Oh! como se recordam aqueles momentos terríveis em que se ouvia, no alto, as crianças do grupo escolar Barão do Rio Branco e as normalistas gritando, correndo, como se uma catástrofe desabasse! Impávida, lá em cima, uma turma audaciosa se preparava para despejar boiões de ácido em cima dos agressores.

Não, não foi a polícia que nos rendeu. Foi a palavra amiga do mestre, a palavra do educador, aquele verbo sadio que nos empolgava nas aulas e fora das aulas. À sua palavra, naquela hora prisioneira, teve o condão do Sésamo: as portas se abriram para que uma tragédia não tivesse história.

Acho que o cantor da **“canção de Fé e Esperança”** (em prosa) nasceu para educador e não para político. Suas lições opimas, na cátedra ou fora dela, deram frutos proveitosos para uma geração que os soube colher e disseminar. Talvez não se encontre um exemplo mais digno do que desse intelectual que mesmo governo, enfrentando situações as mais críticas, não perdia a serenidade, não deixava de escrever, de honrar a cultura, de transmitir conhecimentos válidos. Espírito jovem, arejado pelas idéias mais em curso, sabia contaminar de entusiasmo a quantos o procurassem, como se ainda viajasse naquela idade alvissareira do Ginásio, em que dirigia, com Demóstenes de Carvalho, Abelardo Araújo, Cosme Ferreira Filho e outros, a revista *Aura*, de famosa tradição.

Se alguém se surpreende com a atmosfera mística de muitas das suas produções literárias (e as modernas mais acentuadamente), não é de admirar, pois ela está vinculada àquele seu caráter bondoso, propenso ao perdão, à tolerância, ao verticalismo. Muito antes de, por exemplo, editar *Noite de Redenção*, o *Cântaro da Samaritana* etc., já havia sintonizado a mística de Lázaro e cantado a Catedral, prenúncios de uma posição religiosa, de uma experiência bem dotada, posição e experiência que não eram, em absoluto, o resultado da chegada inevitável dos cabelos brancos. Ele era assim, sempre foi assim, voltado para a humanidade, captando a dor, a humildade, o sacrifício, o perdão onde fosse possível achá-lo. Era uma fonte de perdões, uma fonte perene de perdões.



**ÁLVARO MAIA,
O MÍSTICO**

Mendonça de Souza



ÁLVARO MAIA, O MÍSTICO

No harmonioso e lírico *Buzina dos Paranás*, obra reveladora da alma e do espírito de Álvaro Maia, podemos vê-lo inspirado e enternecido de notável clareza religiosa e de imensa compreensão humana. Cumpriu, ao longo de admirável e aplaudido decurso de vida, com brilho, sem hesitação ou desfalecimento, o seu dever. Com ele se desvanecem e o aplaudem, lealmente, os que o sabiam insigne.

Gênio a exaltar e a revelar as grandezas desta terra. Gênio, sim, a divulgar-se no desejo de que todos o admirassem e o estimassem como poeta e romancista, historiador e contista, vernaculista e professor, antropologista e amazônólogo dos maiores.

Realmente, nós que o conhecemos bem de perto, que o acompanhamos sempre com admiração e aplausos através dos livros e dos artigos de mestria, sabíamos-lo rico nessa fé que remove montanhas, que sabe ser forte, épica, invencível diante dos incréus.

Viveu assim nesse roteiro. Sem atitudes infelizes e obscuro contra os que o apedrejaram por despeito de inteligência, por inveja de liderança política no seio de seu povo. Jamais se afastou de seu destino espiritual para depois regressar ao ponto de partida e iniciar de novo a viagem. Confiante nos bons propósitos, deixava passar os ferozes, os que mais adiante se dissolviam nos próprios insultos e ameaças, sem encontrar destino conveniente.

Nas obras, deixou-nos o que foi. Lê-las, entendê-las, é estimá-lo num conteúdo de humanização. É vê-lo sem recuo na marcha de um mundo melhor. De um mundo no qual devemos enriquecer-nos na fé de que os homens são irmãos e devem viver como irmãos.

Abram-lhe o fabuloso *Buzina dos Paranás* e vejam, logo à primeira página, como lema de seu destino, estas sacrossantas palavras de São Paulo — Epístola aos Romanos — Cap. 12-v. 20-21:

“Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber, porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça.

Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.”

Os poemas alvarianos dão-nos palavras fraternas, místicas, cheias de pregação humana. Palavras luminosas, musicais, dirigidas a Deus. Sua poesia é um escrínio de bênçãos, um retalho de alma, um grandioso apostolado de fé, de canção e de esperança. Os sonetos ficam em nossa memória, repetem-se baixinho no silêncio de nossas horas de recorrência aos astros. São assim grandes, imponentes, serenos como este “Samaumeira” que germina, cresce, confia-se aos homens que sabem ajoelhar e alcançar em preces as estrelas cintilantes na terra azul do céu:

Venho adorar-te à sombra da folhagem,
olhando o nascente, ao vento ondeando a fronde...
E solto o farfalho, que responde
à voz das cousas, num bramir selvagem...

Teu verde-branco, verde-azul, aonde
a passada canta em vassalagem,
vem procurar ventura na estiagem,
que doura as copas e a fartura esconde.

Ó samaumeira patrícia! Infiltra-me na frente,
quando o corpo volver ao transformismo,
as riquezas do ar, as bênçãos do horizonte.

Leva minha alma ao céu, que o bem resume,
e espalha-me, em piedoso romantismo,
na luz, no pendão e no perfume... (p. 117)

Este soneto, de fato, reflete a mensagem de um poeta místico. De um poeta cujo marco, na sucessão dos dias e das noites, é nítido, firme quer no conteúdo de humanização, quer no labor artístico em que se define realizado em sua missão. Seus versos são harmonias de consciência. São elevações impregnadas de sensibilidade, afáveis, benignas, complacentes. Em Álvaro Maia o leitor sente a força criadora que o inspirou a oferecer-nos tercetos como este de notável teor espiritual:

Ó árvore que as florestas embalsamas,
estende-me também, no extremo instante,
a verde bênção dessas verdes ramas! (p. 123)

Não tentou jamais fugir ao destino de aedo laborioso, purificado nos sentimentos. Soube conduzir-se com lucidez, com novas manifestações para onde as influências do destino o levaram. Foi poeta — criador de novas felicitações à vida do homem. Purificou-se em momentos assim como este que se vê neste caminho expressional, forte, afim, de “Árvore Ferida”:

Ante a constelação do céu florindo em lume
temos, ó árvore, o mesmo ideal e a mesma sina...
Sangrou-me o peito inerme a sensação divina,
como a acha te sangrou em golpe de negrume.

Dando esmola ao faminto e consolo à ruína,
subimos em bondade, ardemos em perfume...
Bendita a dor criadora, o perfurante gume,
que em mim produz o verso e em ti produz resina...

Ninguém virá curar-te! Apenas os ramalhos
ensinarão à flor a música dos galhos
e ensinarão ao galho as lutas das raízes.

Ninguém virá curar-me! Os meus versos apenas
serão o bálsamo desfeito em minhas próprias penas,
sob a onda de dor dos dramas infelizes. (p. 127)

O sentido dos temas alvarianos é amplo na compreensão das coisas, na focalização do elemento homem em sua simbologia cósmica e infinita. As sínteses poéticas são expressionais na representação de fatos sucedidas numa imensa saudade que se prolonga em certas passagens dos versos. O jogo das figurações, nos poemas, reconstitui-se dessa indicação artística de resumos, legendas que procuram objetivar para o leitor o clímax de sua filosofia. Neste poema, “Arboricídio”, o poeta tem uma subida em linhas de sentido triste e inconsolável:

Esqueço o peito desvairado,
que, vendo morto o seu menino,
no cedro em flor vibra o machado
para o caixão do pequenino...
Esqueço o noivo enamorado,
que, no itaubal que o viu menino,
procura o leito de noivado,
— princípio e fim do seu destino...
O que em suor o sangue vaza,
e acorda ao sol, ao sol se deita,
se corta as vigas para a casa,
os imbaubais para a colheita.
O construtor, o marceneiro,
que faz os barcos e a mobília,
e põe as ripas ao braseiro
para o aconchego da família...
A árvore em cruz que se transporta
em correnteza, sobre os rios,
e vai fulgir — árvore morta
nos longos mastros dos navios... (p. 129)

A cruz, sempre a cruz nas mãos, na luta espiritual, na apoteose das aleluias que representam a salvação no decurso dos milênios. Em termos que não deixam dúvida, no ciclo dos mistérios, no labirinto das epopéias trágicas, das tragédias simbolizadas, das gerações perdidas através dos caminhos da torre de

babel, do interminável baile em que os homens de pouca fê dançam a cabra-
cega, Álvaro Maia abre passagens imensas perante o mundo e as coisas a fim de
oferecer-nos, de alma e coração, “A Bem-Aventuraça Esquecida”:

I

O sono dança em teu olhar... Sonha! Sonhar a alma redime.
Sonha! Não venho repetir, à hora serena em que adormeces,
lendas vermelhas de pajés, contos azuis dos Irmãos Grimm.
O sono dança em teu olhar... Não firo o alvor de tuas preces
com as canções de Branca de Neve, ou das iaras sobre o rio...

II

Nos tempos da Bíblia, Jesus, florindo oásis e desertos,
jorrou aos homens nova idéia...
Plantou uma árvore só, sem folhas, com dois galhos abertos,
mas de tão grande sombra que os mundos todos recobriu...
Após correr, em febre o corpo, as pétéreas dunas da Judéia,
colhendo os fracos, semeando a paz, redimindo os enfermos,
pelas aldeias, pelos ermos,
parou num resto de montanha.
Ia rezar a turba humilde o ardente Verbo da Montanha,
e prometer-lhe, em frases mansas,
a crença e o amor, na redenção de suas bem-aventuranças...

III

Vinha de longe o cheiro em flor dos altos cedros centenários...
Vinha aromar a Imagem dEsse,
em que fremia um coração de áureos cordões de estradivários...
Todo um verão, farto de sol, não tinha o sol de Sua Face...
NEla flutuava a luz de Deus, dEla fluía febril fonte,
que descesse
e cantasse,
que esplendesse
e quebrasse
em degraus, pelo monte...

IV

E falou: — “Bem-aventurado o inocente de coração,
porque dele é o reino do céu...”
E ainda: — “Bem-aventurado o que sofre perseguição,
porque dele é o reino do céu...”
Abençoou o pobre e o bom, o que, sem lar, dorme com fome,
o que é agredido sem ter culpa e, ao agressor, lembra a concórdia;
o que respeita o alheio nome,
o que predica ao inimigo o perdão e a misericórdia...

E, ao filtrar à multidão aqueles bálsamos divinos,
divisou, nas abas do monte, as mães tementes, que aleitavam
os lindos filhos pequeninos...

Jesus, ao ver vultos cristãos, que o próprio sangue distilavam,
deu, cheio de graça, beijo de Deus, ave-maria de Maria...

Ungiu a Virgem-Mãe e as mães, que, sendo humanas, na agonia
Lhe vovvem olhos desvairados,
calando gritos em que são remidos todos os pecados...

Essas palavras de Jesus foram a rir na voz do vento,
— deslumbramento e alumbramento,
para as estrelas, para o céu:

— “Bem-aventuradas as mães que enaltecem o bem da vida, porque delas é a
bênção do céu...

— “Bem-aventuradas as mães que padecem a prol da vida,
porque delas é a glória do céu...

— “Bem-aventuradas as mães que falecem quando dão vida,
porque delas é o reino do céu...” (pp. 133, 134 e s.)

Estimou-se nessa poesia de fé em Deus. Nela encontrou o caminho que o
fez chegar à meta espiritual desejada. Nela atingiu, sem tapete mágico, sem
sentir os obstáculos, as pedras, as urtigas e os espinhos, o ponto alto da vocação
natural numa caminhada sem desvio.

E em ótimos exemplos deu-nos a ver que os obstáculos contemplados a
longa distância parecem intransponíveis, ameaçam, fantastificam-se. Vistos
mais de perto, tornam-se menores, desaparecem, são ultrapassados, vencidos.
Tudo é questão de firmeza no lema do “querer é poder”. Nada como acreditar-
mos naquilo que desejamos fazer. Álvaro Maia deu-se em “Holocausto” nessa
rota toda-poderosa sem teias de aranha ou arame farpado à sua frente:

— “Em meu corpo sem sol, que a tristeza estrangula,
nadam, como num lago, os nervos contrafeitos...

Por que vivem assim, se famintos nos leitos,
há vermes, que me võem, com desvariada gula?

Tenho, dentro em meu peito, as mágoas de outros peitos...

Terra onde medra o horror, mar onde se acumula
o hereditário mal de crimes e defeitos
de tardas gerações de heroicidade nula...

Olho as águas e a selva, o frêmito e a beleza,

— força presa ao embrião, almas fugindo ao vício...

E, vendo em revulsões a vida e a natureza

e as horas de tormenta em que velam meus dias,
penso por que não morro e oferto, em sacrifício,
meus átomos senis para outras energias..." (p. 157)

Precisamos vê-lo neste sentimento para bem o compreendermos nas dores em que viveu, A cruz que lhe coube nunca esteve aquém de suas forças. Carregou-a com os olhos postos nos santos sacrifícios de Jesus. Jamais optou entre a cruz do Nazareno e as outras cruzes figuradas em remorsos, falta de humanidade e devoção ao filho de Deus. É fácil, sim, encontrá-lo nesta poesia que é "Acalanto", itinerário sem tropeços, sem queixumes, proporcionado em horas agradabilíssimas de devotamento ao Senhor:

Lá fora, a noite estende o manto
de estrelas feitas de dulçor
sobre as cabeças dos que pensam,
como uma bênção
do Senhor...

Enquanto a noite estende o manto,
os astros se enchem de esplendor...
Chora o luar e canta o vento,
como um memento
do Senhor...

Depois que a noite estende o manto,
escorre amor a todo amor...
Brilham, nos tetos sem riquezas,
luzes acesas
ao Senhor...

Depois que a noite estende o manto,
renasce a vida à voz do amor...
E os corações, nos peitos calmos,
sussuram salmos
ao Senhor...

Depois que a noite estende o manto,
os seres bons, cheios de amor,
pois sóis e céus, que estão nos berços,
desfiam terços
ao Senhor... (p. 163)

E agora notem no diagrama dos versos abaixo, nas feições do conjunto arquitetônico e geométrico, a maneira em que, mesmo a falar-nos de amor, transcendentaliza-se para deixar-se levar diretamente ao espírito da razão. Diante da paixão insatisfeita, malograda, liberta-se e tenta compensar-se numa forma de amor imposta pela realidade das coisas e da vida:

O real prazer da vida não nos sente
o que o amor preliba em doses
com o casto aspeito

de um convalescente...

Filho de glebas em revoltas,
sinto-o um caudal em nevroses,
rebelde e insatisfeito...

Não torna o rio ao nascedouro,
nem renuncia às voltas
dos vales em dilúvios...

Também não renuncio à chama de ouro
dos teus dormentes olhos núveos...

Dar-me-ás sempre essa luz de que me inundo,
em meu tormento sobre-humano...

Condenados embora, iremos pelo mundo,
num romance lindo,
como o caudal para o oceano,

— de queda
em queda,
bramindo,
borbulhando,
batalhando... (p. 178)

Observem, nos três versos finais, a forma gerundiva na idéia objetivada de um tempo sem fim. Não há aí um possível acidente estilístico e sim um propósito de continuidade, de progressão que se torna mais viva no fecho reiterativo do verbo *batalhar*. Nesse desejo assinala o empenho de não parar, de repetir-se sempre nesta recompensa, nesta importância em que se cuida e satisfaz-se nos atos de sua vida amorosa, espontânea, instintiva. Nesse movimento é um progressivo. É, sem dúvida, construtivo, grande, bastante expressivo no maior realce da idéia-máter de sua mística infinita em versos assim de notável duração no tempo:

À meia luz nasceu Jesus... É a prece...
São minutos serenos,
em que a alma ajoelha sem buscar motivos,
sob a ação de desejos redivivos...
Nesse momento a vida pesa menos
e a ânsia do sonho suavemente cresce... (p. 197)

A poesia de Álvaro Mais é mística. Acende a terra de seu nascimento de imagens maravilhosas. As sombras, os mistérios, em seus versos desaparecem. Sabe ouvir os queixumes dos rios, dos lagos e florestas da grande planície. É um extasiado nesse ouvir o vento da folhagem, o grito das aves, o zumbido dos insetos. Teve um destino conveniente ao entendimento de seu mundo. Disse muito a muita gente nesse empenho, *nessa grandeza para ouvir esse convite agosto, / que brame pela luz, pela água, pelas flores, / voa do monte ao chão, dos cimões às planuras...* (p. 68)

Disse muito e revelou-nos porque a Amazônia

É a vertigem. É a febre imensa. É o áureo vélo,
a transfiguração sucedendo ao flagelo...

Corre, pelo ar, um fragor de mistérios felizes:
são as folhas cultuando o esforço das raízes,
ocultas operárias,
que alimentam o galho...

E soltam, tendo em cima as pérolas do orvalho,
as árvores o olor de essências tumultuárias...

A Terra é uma lira eterna, uma lira que desborda
sadias emoções, longe de qualquer mal,
dizendo em cada som, vindo de cada corda:

— Hosana, Criação! Hosana, Germinal! (p. 71)

Sim, nas poesia de Álvaro Maia a Amazônia é isto: lenda e realidade. Vertigem, transfiguração e fragelo.

“A terra sonha e fala... E no sonho que a alcança/brilha, ilude, pranteia, arrulha, atrai, seduz,/conservando na treva a encantada esperança/de sempre palpitare em seus lábios de luz.” (p. 72)

Álvaro Maia é um poeta das cores e dos sons, de todas as dimensões da terra dos rios colossais. Deslumbra-se. Autodefine e autodescobre-se em preces de harmonia, no pleno domínio da magia inventiva, das convicções, da verve, dos recursos cerebrais e poder inspirador de vibração e beleza.

Arrebata-nos com os versos cheios de emoções, de grandiosidade e misticismo. Canta, inspira-se na grandeza panorâmica que o circunscreve, que o revela prodigioso num mundo de magia, de preces e de imaginações harmoniosas e sublimes no espiritualístico encontro com Deus. Ei-lo, pois, para sempre “No Turbilhão”, em que se mostra fulgurante como grande poeta e homem confortado num destino inexaurível de espiritualismo e de infinito:

Todas as vezes que me encontro em frente,
mesmo embalado em lirial arroubo,
de charcos, pantanais, bocas-de-lobo,
medito humildemente
nos grandes nada deste mundo amargo
e, abroquelado assim, caminho ao largo...

Todas as vezes que me fere o ouvido,
embriagado ao fulgor de harpas cantantes,
o matraquear de notas dissonantes,
como um fúnebre ruído,
penso ter chegado ao último absurdo
e entressonho a loucura de ser surdo...

Todas as vezes que, em meus passos, luzem
misérias, crimes, criações sem ordem,
nas escalas nojosas da desordem,
que injustiças traduzem,
sinto nos olhos duplas guilhotinas
ante o horror dessas cousas pequeninas...
Todas as vezes que, entre a mão profana,
na ação naturalíssima do tato,
irrompe, sem querer, um desacato,
cego à pureza humana,
sinto que estaco a murmurar segredos,
ante a crispada retração dos dedos...
Todas as vezes que, entre a boca fria,
condenada à transformação violenta,
um sonho proibido se apresenta,
ou paisagem sombria,
ou cena letal, que a vista encanta,
— tudo isso morre à entrada da garganta...
pensando assim, agindo assim, querendo
assim, domado pelas cinco portas
do espírito, fortíssimas retortas,
em que rolam tremendo
as ambições e as sensações da vida,
sondo o infinito sem ver a descida...
Fujo à realidade? Sinto na alma, de hora em hora,
um violino, uma cítara sonora,
um sol de primavera,
e tenho, no Evangelho em que me oculto,
o grau supremo de olvidar o insulto...
Há falsas formas de triunfos: ame-as
outro, procure-as outro... Neste mundo,
é vencedor quem vence o pego imundo
das trágicas infâmias,
sem imitar as víboras e as lesmas,
que se arrastam, matando-se a si mesmas... (pp. 75-6-)

Confessa-se, neste poema dos maiores no ciclo de sua grande vida, bardo
concluído num mundo de ilusórias predominâncias, egoísmos, absurdos de
força entre vencidos e caricatos, entre subdesenvolvidos e miseráveis. Neste ci-
clo espiritualista, redentor, Álvaro Maria é místico a evadir-se de um mundo
material, de guerra e traições para um outro infinito, reservado aos que acredi-
tam em Deus.

Sua atitude supravivente na práxis religiosa é autojustificável nessa integri-
dade de reconhecimento ao Criador. É ele mesmo que, num messianismo de

alta crença, assim se retrata nesta figuração estática, perplexa de um “Árvore-Espetro”:

Possa viver somente até o dia
em que entender a luz que o céu entorna,
e todo o sangue, na volúpia morna,
cantar na artéria em cólera bravia...

Árvore – espetro! A trepadeira adorna
teus galhos secos, ermos de alegria,
mas a esmola te fere na agonia,
indiferente ao sol que te contorna.

Viver é revoltar-se, é brandir lanças,
buscar vitórias, enfrentar pampeiros,
ter esperanças e desesperanças...

Tombar com vida, e não ficar velhinho,
sem meios próprios, esperando por terceiros,
como as árvores mortas no caminho! (p. 119)

É realmente neste ciclo mais genial de sua poesia que Álvaro Maia descobre-se em novo caminho. Dá rumo de suprema ressurreição evangélica ao espírito. Martiriza-se, crucifica-se em insônias e vigílias a mostrar o caminho de Jesus aos hipócritas, aos maus e ofensivos.

Nos últimos anos de sua grande existência, ultrapassou as montanhas da terra. Acordou e orientou conterrâneos e compatriotas que se estavam a consumir nas arengas politicistas, espavoridas, fatídicas. Consagrou-se. Deixou-nos versos imortais.

Cumpriu, integralmente, admirável e bela missão. Seguiu brava e convictamente os caminhos místicos deste itinerário fraterno, afetuoso:

Só é forte o que perdoa, o que à vingança
opõe a sua humilde pequenez,
o que não verga a frente uma só vez,
e segue pelo ideal e não se cansa... (p. 80)

* * *

Nota: nos poemas e sonetos aqui indicados ver, de Álvaro Maia, o livro *Buzina dos Paranás*. Sérgio Cardoso & Cia. Ltda., editores, Manaus, Amazonas, 1958.



**BIBLIOGRAFIA DE
ÁLVARO MAIA**

Genesino Braga

BIBLIOGRAFIA DE ÁLVARO MAIA

1. “Canção de Fé e Esperança” (Discurso pronunciado, em nome da Mocidade Amazonense, no Teatro Amazonas, na sessão noturna de 9 de novembro de 1923, comemorativa da adesão à Independência Nacional, a 9 de novembro de 1823. (Mandado imprimir, para distribuição gratuita, pela Comissão Promotora dos Festejos, composta do Coronel Bernardo da Silva Ramos, professores Agnello Bittencourt, Manoel de Miranda Leão, Coronel Antônio Bittencourt, Padre Thomás de Aquino, Drs. Aprígio de Menezes, Vicente Reis, João Baptista de Faria e Souza, Vivaldo Lima, Arthur Cezar, Major Licínio Silva, jovens Aguinaldo Ribeiro, Antovila Vieira, Cassio Dantas, Jorge Andrade, Galdino Mendes filho e José de Alencar). Tipografia do Cá e Lá. Rua Joaquim Srmento, 12. Manaus, 1923. 34 páginas.
2. *Velhos e Novos Horizontes (O Amazonas e a Revolução de 1924)*. Imprensa Oficial. Manaus, 1924. 31 páginas.
3. Discurso (I — Recepção do Dr. Alfredo Sá, Intevntor Federal. II — Homenagem ao General Menna Barreto e Coronel Raimundo Barbosa). Impresso em benefício do Leprosário de Paricatuba, sob os auspícios do Dr. Samuel Uchôa, Chefe do Serviço de Saneamento Rural e do Serviço Sanitário do Amazonas. S/e. Manaus, 1925.
4. *No Limiar da Intervenção* (Trata da Intervenção Federal do Amazonas). Tipografia Palais Royal. Manaus, 1925. 44 páginas.
5. “D. Pedro II e a República” (Discurso pronunciado a 2 de dezembro de 1925, no Ginásio Amazonense Pedro II, como orador da Congregação, ao ser inaugurado o retrato de D. Pedro II no salão nobre e mudado o nome do instituto para “Ginásio Amazonense Pedro II” — Sessão presidida pelos Drs. Alfredo Sá, Interventor Federal, e Plácido Serrano, Diretor do estabelecimento). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 22 páginas.
6. Na Manhã do Centenário (Conferência pronunciada no Palace Théâtre, em Belém, Estado do Pará, em 1922, em propaganda da Exposição do Centenário, dirigida pelo Dr. Djalma Cavalcante). Tipografia Augusto Reis. Manaus, 1925. 20 páginas.
7. O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro, Léxica e Sintaticamente Considerados (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Português do Ginásio Amazonense Pedro II). Ponto sorteado pela Congregação, a 30 de julho de 1925, (...), Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 71 páginas.
8. O Ritmo na Língua Nacional (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Português do Ginásio Amazonense Pedro II). Papelaria Velho Lino, de Lino Aguiar. Manaus, s/d. 39 páginas.
9. A Bandeira Nacional como Símbolo e Emblema da Pátria (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Instrução Moral e Cívica do Ginásio Amazonense Pedro II). Ponto sorteado pela Congregação, a 5 de setembro de 1925, (...), Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 42 páginas.

10. Imperialismo e Separatismo (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Instrução Moral e Cívica do Ginásio Amazonense Pedro II). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 28 páginas.
11. Após a Campanha (Discurso pronunciado a 12 de junho de 1927, no Ideal Clube, por ocasião da sessão cívica em homenagem aos implicados no movimento de 23 de julho de 1924). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1927.
12. *Em nome dos Amazônidas* (Carta aberta ao Presidnete Washington Luís, em defesa do Amazonas). Tipografia Palais Royal. Manaus 1927.
13. “Antes das Férias” (Preleção aos alunos do Ginásio Amazonense Pedro II, após o encerramento das aulas, a 14 de novembro de 1928). Livraria Clássica. Manaus, 1929.
14. Na Seara da Juventude (Conferência).
15. Em torno do caso do Amazonas (Defesa de ato de Governo). Rio, 1931.
16. “As Responsabilidades Revolucionárias da Juventude” (Conferência). Manaus, 1931.
17. “Em Minha Defesa” (Artigo publicado no “Jornal do Comércio” de 28-1-31 e mandado imprimir por um grupo de amigos). Aug Reis Impressor. Manaus, 1931. 10 páginas.
18. *Elegia de Lázaro* (Poesia). s/e, s/1, s/d. 8 páginas. Acompanhou uma edição da revista “Amazônida”.
19. *Nas Palçadas de Dezembro* (Campanha política Phenix). Manaus, 1934. 37 páginas.
20. Panorama Real do Amazonas (Discurso na Assembléia Nacional Constituinte). Tipografia Phenix. Manaus, 1934. 37 páginas.
21. *A Nova Política do Brasil, pelo Presidente Getúlio Vargas* (Estudos políticos). Serviço de Propaganda e Publicidade do Estado do Amazonas. Manaus, 1939. 90 páginas.
22. Discurso (Pronunciado na abertura da 1ª Conferência Intermunicipal de Economia e Administração, realizada em Manaus, a 3 de junho de 1942). Imprensa Pública. Manaus, 1942. 13 páginas.
23. “Na Vanguarda da Retaguarda” (Artigos e discursos de orientação à Campanha da Produção da Borracha). Divulgação do DEIP, Manaus, 1943. 354 páginas.
24. *Sponsa Horrenda* (Poesia). Imprensa Pública. Manaus 1943. 4 páginas.
25. *Noite de Redenção* (Tema espiritualista). DEIP. Manaus, 1944. 8 páginas.
26. *O Clarão Solitário* (Tema espiritualista). S/e. Manaus, 1945. 9 páginas.
27. *O Cântaro da Samaritana* (Tema espiritualista). DEIP. Manaus, 1945. 9 páginas.
28. *Bendita Entre as Mulheres* (Tema espiritualista — IV). Manaus 1945. 9 páginas.
29. *Etelvina, Enfermeira da Esperança* (Tema espiritualista). Resconstitui a história de Etelvina de Alencar, virgem-mártir, que obrou milagres. S/e. Manaus, 1946. 11 páginas.
30. *Semana do Serviço Militar* (Discurso na campanha em favor do serviço militar). DEIP. Manaus 1947. 8 páginas.
31. *Luz do Horizonte* (Tema espiritualista). S/e. Manaus, 1946. 9 páginas.
32. *Discurso* Tipografia Phenix. Manaus, 1950. 29 páginas.
33. *Água Viva* (Tema espiritualista). S/e. Manaus, 1950. 8 páginas.
34. *Pela Glória de Ajuricaba* (Conferência pronunciada no salão do Ginásio Amazonense, a 12 de julho de 1930). Publicação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. 1952. 43 páginas.
35. *Em Torno do Acordo com a União* (Estudo. De colaboração com Waldemar Pedrosa).

36. *Os Sãos Não Precisam de Médicos* (Tema espiritualista). Rio Madeira, "Goiabal", outubro de 1954. 18 páginas.
37. *Gente dos Seringais* (Narrativas de cenas e episódios nos seringais amazônicos). Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1956. 375 páginas.
38. *Nas Barras do Pretório* (Exposição ao povo amazonense). Sérgio Cardoso e Cia. Ltda. Editores. Manaus, 1958. 200 páginas.
39. *Buzinas dos Pararás* (Poesia). Sérgio Cardoso e Cia. Ltda. — Editores. Manaus, 1958. 382 páginas.
40. *Beiradão* (Romance amazônico). Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1958. 296 páginas.
41. *Prestações de Contas* (Governo e Política). Sérgio Cardoso. Manaus, 1958. 17 páginas.
42. *Jacaré de Assombração* (Poesia Folclórica). Lenda do interior do Amazonas, rio Madeira — Toada de "Desfeiteira", Samba seringueiro, Sérgio Cardoso. Manaus, 1958. 32 páginas.
43. *Banco de Canoa* (Cenas de rios e seringais da Amazônia). Editora Sérgio Cardoso. Manaus, 1963. 280 páginas.
44. *Defumadores e Porongas* (Pequenas estórias — Ciclo da Borracha — Amazonas). Edições Governo do Estado do Amazonas (Sérgio Raimundo Monteiro, volume X). Editora Sérgio Cardoso. Manaus, 1966. 266 páginas.
45. *Nas Tendões de Emaús* (Temas Espiritualistas). Editora Sérgio Cardoso. Manaus, 1967. 220 páginas.

Observações

— Não se incluíram, no presente levantamento bibliográfico, os relatórios, as mensagens e as exposições de Governo, apresentados por Álvaro Maia quando Governador Constitucional do Amazonas ou Intenventor Federal no Amazonas, por serem tais peças compreendidas como documentos oficiais elaborados, nos ângulos respectivos, de cooperação com Secretários de Estado, Diretores de Repartições, Chefes de Serviço, etc.

— A presente relação, em sua quase totalidade, foi revista por Álvaro Maia, cerca de um ano antes de seu falecimento, tendo ele acrescido em muito. Mas, declarou não haver guardado exemplares da maioria de seus trabalhos editados e de muitos deles não se recordava das referências constantes do "Pé de Imprensa". Assim, é bem provável que a presente bibliografia não esteja ainda completa.



Teatro Amazonas, onde ÁLVARO MAIA proferiu a sua "Canção de Fé e Esperança"





**CANÇÃO DE FÉ
E ESPERANÇA**

Álvaro Maia

CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA

(Discurso pronunciado, em nome da Mocidade Amazonense, no Teatro Amazonas, na sessão noturna de 9 de novembro, comemorativa do centenário da adesão à Independência Nacional, a 9 de Novembro de 1823. — Mandado imprimir, para distribuição gratuita, pela Comissão Promotora dos Festejos, composta do coronel Bernardo da Silva Ramos, professores Agnello Bittencourt, Manoel de Miranda Leão, coronel Antônio Bittencourt, Padre Thomaz de Aquino, Drs. Aprígio de Menezes, Vicente Reis, João Baptista de Faria e Souza, Vivaldo Lima, Arthur Cezar, major Licínio Silva, jovens Aginaldo Ribeiro, Antóvila Vieira, Cássio Dantas, Jorge Andrade, Galdino Mendes Filho e José de Alencar.)

MANAUS — AMAZONAS — 1923

Minhas Senhoras, Meus Senhores, somente o esplendor desta hora febril, hora de reverência ao passado e de saudação ao futuro, obrigaria o mais obscuro dos moços amazonenses, a entoar, em nome de companheiros da mesma jornada, a sua canção de fé e esperança, ajoelhado, como em aras sacrossantas, sobre a terra bendita, destinada a ser o ninho de grandes realizações, quando a América implantar a hegemonia definitiva no mundo.

Somente o esplendor desta hora febril, de gratidão e de oração, reuniria aqui este oceano tumultuante, em que as vagas tomaram formas humanas e, espelhando ao fulgor do céu elevam um cântico de vitória, misturando em suas espumas e em seus gemidos os vultos de ontem e de hoje, confundidos na voz das idades em prol dos luminosos destinos deste berço verde, genetriz de civilizações.

Somente o esplendor desta hora febril, clarinando em nossos horizontes pela redenção, teria o milagre de acordar na alma da mocidade as energias adormecidas vertendo-lhe aquele desapego que levou Ajuricaba à rebelião e à morte, dos modos supremos de reagir às opressões e às tiranias, quer partam de estranhos violando a integridade do solo, quer partam de homens da mesma

raça poluindo as reservas do Estado, pelo engano aos que o servem com desinteresse, pelo afastamento dos que o defendem com patriotismo.

Somente o esplendor desta hora febril explicaria este poema da gente nova, agrupada neste recinto sem credos políticos, sem malquerenças nem ódios, supondo que todos, moços e velhos, amigos e inimigos, se conjugam sob as correntes dos mesmos ideais e rendem graças aos céus pela fraternidade, pela liberdade, pela eternidade do Amazonas.



A pureza da idéia transforma o nosso território num formoso templo, não importando que nas lajes corram rios, e se alteiem florestas, e vagueiem tribos, e morram pelo norte, a feição de altares naturais, as serras das fronteiras: as nossas palavras, transverberando embora as maiores revoltas, são apenas orações, são súplicas, são vozes bravias do solo, onde ainda pululam gentes oprimidas, que abençoam, pelo trabalho, os seus opressores. Nesse templo de quase dois milhões de quilômetros quadrados, pomos o joelho em terra e celebramos o nosso primeiro centenário de vida livre, quando em Manaus, então simples aldeia, os nossos viris antepassados aderiram à independência nacional, que voara de São Paulo, em hosanas, em gritos, em aleluias, através de todo o nosso País. Também no lugar ermo, em que a fortaleza de Barra atestava o domínio do conquistador, veio o brado do Ipiranga incendiar as consciências, acender o rastilho da emancipação, e o resultado foi o Nove de Novembro, a data verdadeira da constituição do Amazonas em província do império e, mais tarde, Estado federado da República. Não é próprio o momento para estudar a primeira injustiça que nos atingiu, como o ato do governo central incorporando-nos ao Pará, de que nos alforriaríamos muitos anos após, a cinco de setembro de mil oitocentos e cinquenta, — data feliz que encobriu, até agora, o relumbrante fato histórico de mil oitocentos e vinte e três. A própria aceitação dessa data foi uma injustiça nossa, repetida anos sucessivos, sem responsabilidade direta dos amazonenses atuais, que, somente hoje, restabelecem o lado real das coisas e coram de racimos e corimbo os heróis de um século atrás. Pratica-se, assim, um admirável ato de justiça, sob a aclamação do povo que presta ao Amazonas a homenagem de seu culto e de sua admiração, crente em seu porvir feito de sol, banhado de sol, florido pelo sol... Ave neste dia de glorificações supremas, aos agitadores de idéias e de ações, pela palavra ou pela pena, pelo pensamento ou pelo fuzil; ave aos que morreram pelo ideal, ou viveram pela esperança, sepultando nos paludes sonhos arquitetados em longas noites, na constante adoração da liberdade; ave aos conquistadores, aos exploradores, aos bandeirantes, que percorreram a terra pela primeira vez, recebendo, pobres abelhas, o prêmio do aniquilamento pelo gozo fruído; ave às tribos guerreiras, que, em seu heroísmo inconsciente, defenderam as balisas do solo, tingindo-o de sangue, num último adeus sangrento aos vencedores, ave a todos quantos se sacrificaram, a todos quantos desapareceram, a todos quantos contribuíram para o triunfo ma-

jestoso daquele dia, fossem quais fossem os motivos, desde os cilícios, que modelam caracteres, até as ambições limpas que forjam sociedades. Mas não pararam aí essas bênçãos, que cingem este primeiro século de vida, o século do desbravamento, precedendo o século da propaganda e do progresso do Amazonas, do verdadeiro Amazonas de amanhã; abrangem, por sua vez, aos continuadores daqueles pioneiros, os que herdaram o conhecimento das explorações e abriram caminhos, e exploraram rios, e percorreram selvas, e nos desvendaram, pela maravilhosa tuba da língua, ao resto da humanidade, de lábios abertos em interrogação; atingem os lutadores de agora, que ficam de pé nas trincheiras e, vencendo as conseqüências da maior crise do País e as maiores injustiças dos poderes centrais, levantam um aparelho financeiro sem rival para a resistência, impedindo que se fracione, ou sofra interrupção, o trabalho tenaz das gerações passadas; e em gestos hieráticos abarcam o futuro, os dias, os tempos, os fatos, as conquistas do futuro — os homens felizes que hão de ver o Amazonas desabrochando em seus múltiplos braços, como um oceano que sobe bebendo as correntezas dos rios —, o sangue que lhe entregamos sorrindo, em holocausto estonteante de beleza... Que destino lhe estará reservado? Pertencerá ao Brasil, ou constituirá uma nova nação, impelida de modo comum pelas contínuas espoliações que se sucedem ano a ano, derramando, a ondas largas, essa idéia racional que anima os mais tristes e miseráveis escravos — a ânsia de ser independente, a ânsia de respirar com alma?

Não podemos precisar o fim. Mas podemos dizer que esse povo teve o início da liberdade em mil oitocentos e vinte e três e que os seus ascendentes somos nós, que lhe votamos todo o nosso amor, sonhando-o grande quando ainda é pequeno, querendo-o forte quando ainda é fraco, pedindo-o livre quando ainda é escravo.

Não há pessimismo na frase. Despovoado e inexplorado, o Amazonas é um gigante à maneira de Gulliver, e, por falta de confiança em seus membros, muito tempo levará a quebrar as linhas, que o prendem à escuridão e à pobreza. Quando elas se partirem, ao abrir-se ao mundo o estádio impenetrável, as bênçãos, que hoje espalhamos sobre as cinzas dos antepassados, caberão a nós, atalhias das tradições redivivas, templários das catedrais ameaçadas, videntes da glória de amanhã.

Seja-nos permitido idealizar essa época pelo sonho ou pela fantasia, e imaginar a sua fulgural eclosão, ao clamor das energias despertadas, calculando-lhe à força, como se pode calcular um rio pelas nascentes, pelas artérias, pelas chuvas, pelas vertentes que o sustentam.

Tomaremos por base as cidades embrionárias antes da derrocada financeira, quando uma vida incessante e vertiginosa corria num deslumbramento, e a fartura, decorrente de uma simples monocultura, entornava a alegria e a felicidade por estas ribas torrenciais.

Não éramos a terra da promessa, conforme a velha imagem retórica, porque não íamos abrigar uma determinada leva acossada pelos flagelos. Não éramos um vale florescente, para onde corressem os sedentos e os famintos, os detritos das raças amaldiçoadas, varridas pelo esfacelamento.

Não éramos a ilusão dourada, que fulgia em árvores-miragens, — pomos de Asfaltite, que se desfaziam em cinzas ao toque de convulsas mãos profanas, trêmulas de emoção e de fome. Mas éramos o Eldorado, estendendo planícies fecundas para pedestais de cidades de ouro; mas éramos o paraíso verde com círculos azuis de atividade, florindo em campos gerais como em florestas virgens, em chapadões de terras firmes como em vales humosos; mas éramos o oásis sumarento, fadado para acolher os perseguidos de todos os desertos e de todos os simuns; mas éramos o trato infinito, onde ainda se ouvia, revelado pelas vozes das águas e das selvas, o estrépido de nossas avós-centauras; mas éramos o Amazonas, princípio e fim, berço e túmulo, riso e lágrimas, cárcere e redenção de nossa vida! Ao pronunciar essa palavra, escrita a rubro num missal de amor, os lábios tremem e rezamos, os joelhos dobram-se e beijamos o chão.

A hóstia concentra o poema transfigurador do Calvário; esse vocábulo, pela evocação grandiosa, concentra uma história, divinizada pelo sofrimento e pelo amor. É esse amor que nos faz prever o Amazonas de dois mil e vinte e três, como uma pátria em que milhares de homens, unidos pelo mesmo afeto, celebram uma nova era, sustentando, por seu poder financeiro, uma potência econômica formidável, cujas cariátides serão as fábricas plantadas nos campos, os armazéns com incalculáveis valores, as cidades debruçadas à margem dos rios nervosos e barrentos. As estradas de ferro comunicarão os afluentes entre si e porão em contato os reservatórios de riquezas, que se prolongam do rio Branco aos campos-gerais do Madeira. Uma população hígida viverá à margem das linhas férreas, dirigida por homens capazes de iniciativas, ressuscitando essas prodigiosas cabeças-dínamos com que os americanos do norte assombram o mundo. Surgirão das sombras, elaborados pela ação fecunda do meio os super-homens de Emerson e os heróis de Carlyle, seja qual for a modalidade da luta, — na arena do pensamento pelo sonho, na arena do valor pela realização. Esses homens, interrogando a nossa atualidade, que será uma aurora, terão palavras de comovida compaixão por nossa crença nessa prosperidade, nestes anos em que uma espécie de eclipse, contrastando ao sol do equador, empanou o brilho das consciências, sepultando-as em sonambulismo.

Será o Amazonas da liberdade, essa orquídea rara, cujo perfume sentimos vagamente e que não possuímos — liberdade que brotará irresistivelmente das conseqüências do progresso e da luta, e que terá a força dos caudais, descendo com ímpeto pelas montanhas. Haverá então o culto da responsabilidade, sob a sentinela desse povo que se sonha, povo-senhor, povo-construtor, povolutador, que flutua em nossas cabeças, como uma de nossas quimeras mais exaltadas e puras.

E, nessa robusta previsão, não há fantasia. Seria negar as possibilidades deste pedaço do mundo, que detém forças tremendas nas cachoeiras; seria negar a produção espantosa destas leiras em abandono, onde o homem, nômade, e volúvel, se alimenta do estrago e da destruição; seria negar a gleba que não está explorada, a selva que se conserva de pé, as águas que se perdem nos leitões, o solo que permanece virgem. Aproveitai-o, e tereis o espanto.

Lavrai-o, e tereis os celeiros para invernos e verões, sem necessidade de achegas. O aniquilamento do Amazonas é um arrojo verbal.

Não há ressurreição por não ter havido derrota. É um erro considerar esta fase oscilante, este período transitório de crise, um colapso, um estado mortal, cuja renovação seja tão difícil como um ressurgimento.

Sofremos apenas a crise de um produto, que tem sido o nosso eixo de vida, e cuja depreciação nos desorienta e desnorteia, dando-nos os prenúncios negros do naufrágio. A nossa atividade consiste em aproveitar as ofertas gratuitas da terra.

“Não há razão, de nossa parte, para desfalecimento — dizia eu em vésperas de sete de setembro de mil novecentos e vinte e dois. Trabalhem, repetindo o conceito de Franklin: “quem vive de esperança morre de fome; um trabalhador de pé é maior que um aristocrata de joelho.”

Atravessamos, na Amazônia, o período das explorações: sangramos árvores, devastamos florestas. Não lavramos a terra; carregamos o que nos oferece. Seringais e castanhais não foram plantados; cresceram majestosamente, sem que lhes achegássemos ao tronco uma pá de terra, sem que lhes podássemos um galho inútil. O segredo da flora e da fauna permanece virgem; grande parte da bacia hidrográfica, inexplorada; o subsolo, guardando minerais no sono secular.

Os rios gigantes, que assistiram ao encantamento de Orsua e Orellana à contemplação da natureza extraordinária, não desafiam levas migratórias, mas povos que formem as civilizações sonhadas por Humboldt.

Trabalhemos!

Acusam-nos de raça triste e, de fato, corre em nossa veia criadora, num sopro esquileano de rajada, uma tristeza singular. Dominemo-la, arando a terra que rebenta em esperanças. Deve palpitar no coração de todo homem o Hylas da idade heróica, prisioneira das ninfas, em que a humanidade simboliza muitos sonhos.

Não posso compreender a causa de blasfêmias contra o terra-mater, por moços que não sustentam uma idéia, por velhos incapazes de um holocausto.

Orgulhem-nos de nossa pátria, cheios apenas de um ceticismo: o ceticismo da morte, que não nos permitirá ver este país daqui a cem anos, em plena

apoteose de progresso, quando formos, na acepção jurídica do termo, uma grande pátria.

A natureza amazônica estende-nos as suas ofertas portentosas. Mas, perante o seu resplendor, havemos sido surdos, aproveitando apenas o que gratuitamente nos proporciona. Pouca diferença temos do elemento selvagem, se apreciarmos os fatos com a devida proporção.

Imitamos, no gigantismo destas florestas, os parasitas vorazes, que sugam a selva e fascinam ao primeiro exame. A vista do observador perde-se nas pétalas de sangue, feridas rubras enfeitando os troncos vetustos, e deixa em esquecimento a árvore benfeitora, de que rouba a seiva. Demais, não nos aprofundamos na questão, seduzidos pela natureza revoltada ante os profanadores. O primeiro óbice ordena a retirada... Retiramo-nos. E, entretanto, no Amazonas, só o homem ainda é um vencido. Tudo é um tempestuoso anseio de vida, seja em trágicos cenários de cachoeiras e correntezas, seja na beleza calma dos paludes e dos lagos amortecidos. Mas nesses contrastes, em quietação ou burburinho, em movimento ou beatitude, a natureza é uma forja em eterno labor. Só o homem é autômato, um velho desesperançado, um naufrago impotente, mesmo quando surge da fusão dos grupos dispersos, que por aqui se confundem. Não há caldeamento, nem seleção, e somente aos anos e aos fatores raciais cabe criar o tipo vencedor e representativo do amazonense. Não quer isso dizer que a conquista tenha sido fácil, oferecendo-se os meandros ao primeiro olhar. Ela tem importado sucessivas batalhas. As epidemias, o desconforto, o desânimo bombardeiam-nos ferozmente, vencendo-nos muitas vezes. As sepulturas ficam abertas nas florestas, à borda dos barrancos, sem cruzes e sem recordações, protegidas apenas pela esmola e pela caridade da luz.

As formas de trabalho, que a terra nova improvisa multiplicam-se, e algumas são loucas expressões de heroísmo. O homem não aprende: adapta-se ao meio, segue o mimetismo dos inferiores. Sobe às árvores, mergulha nos rios, vara trechos imprevisos, entregue aos mais disformes exercícios. Todas as nossas profissões, as mais fáceis, são arriscadas páginas de heroísmo e de sacrifício, pontilhando a imensidade de túmulos ignorados.

Sobre a corrente, as canoas descem como catafalcos, carregando cadáveres, vigiados por espectros, cujas manifestações de dor, quando entreabrem a boca no estertor do gemido, trazem o escárneo de risadas de lêmures em orgias. As casas, agarradas aos barrancos, são passageiras e servem apenas para meses. Não conseguem formar o lar tradicional, em que a saudade é a força invisível e fatal que mantém o culto da gente.

Em certos pontos, as tribos bárbaras estão de pé, e repelem, com as mesmas armas do descobrimento, os invasores modernos. Os dramas ressurgem. Repetem-se os encontros sanguinolentos, durante as safras dos produtos lucrativos.

Vê-se que o cenário do Amazonas ainda é virgem, com passagens iguais às da descoberta; virgens, os processos de luta e de vida; virgens, os lances de des-temor. Nestas léguas sem fim, o homem avança, os bandeirantes caminham norteados pela ambição, que é um apanágio de vitória.

Hoje é um acompanhamento em margem de rio que os mapas esquissam em linhas pontuadas; amanhã, o caminho serpenteia, floresta adentro; mais tarde, o seringal abriga centenas de moradores.

* * *

Todas as bênçãos devem cair sobre os homens destemerosos que desbravam o Amazonas — os nativos caluniados, que morrem em sua trincheira de honra, e os sertanejos do nordeste calcinados, os cearenses que, talvez pela seleção em que vivem, constituem o expoente rático mais definido e característico do Brasil. O poema da colonização do Amazonas, iluminado pelo clarão gelado de trezentos mil mortos, ainda não foi escrito, mas o seu fulgor, como o luar nas geleiras, espadanando Himalaias de chamas, cai sobre nós à maneira de um opulento *gulf stream*, que nos traz do passado, das idades remotas, a coragem e o calor para a beleza e para a glória.

Esses homens rudes, que sentem no espírito a adustão de seus sertões e a agitação de seus mares, transmudam-se em valentes, ao contato sarcástico dos caboclos, desvendam o labirinto de nossas terras, e, no momento preciso, se metamorfoseiam em soldados para morrer ou vencer, cantando pelo orgulho de sua pátria. Ve-los-eis, em Porto-Acre, pelejadores em nome do Amazonas e do Brasil, contra um exército, bater uma nação: ve-los-eis enfrentar, em fronteiras indefesas, invasores imprudentes; ve-lo-eis, no Rio Branco e no Madeira, no Javari e no Negro, como sentinelas, conservando no coração o culto da terra e da gente. Nas extremas agonias, quando a crise os forçou à reação e o governo central pensou em caçá-los à bala, eles, os detentores dos menores segredos florestais, os vencedores de uma nação, deram o exemplo de não derramar o sangue fraterno e evitaram a luta, o assassinio e o roubo. Procuraram as cidades e os povoados, e pediram socorro e ordem para fugir ao bolchevismo industrial que se implantara, e, quando receberam passagens para longe, banharam de pronto a terra, que provocou a lágrima para trazer o riso, que os redimiou e purificou pela cristalização da dor. E, de longe, esfumadas as imagens nas retinas, cedem à nostalgia e voltam à casa desprezada, dispostos ao reinício da luta.

O Amazonas reconhece quanto deve aos nobres bandeirantes do nordeste: a mocidade proclama-o, neste minuto religioso, pela voz dos seus filhos agradecidos que resumem, na mesma gota de pranto, a saudade pelo nativo indomável, educado pelo heroísmo, e a saudade pelo bandeirante longínquo, moldado pela coragem.

Nessa oração, reza também pelos mortos, pelos que dormem na terra e ve- lam por nossa tranqüilidade, pelos que rasgam os sulcos e deitam as sementes

para as messes vindouras. As ossadas são necessárias às nações. Não morre o povo que se nutre dos exemplos grandiosos dos mortos.

“Sabemos que não há um gesto, um pensamento, um pecado, uma lágrima ou um átomo da consciência adquirida que se perca nas profundidades da terra, e que, ao mais insignificante dos nossos atos, os nossos avoengos se levantam não dos seus túmulos onde se não mexem, mas no fundo de nós próprios, onde vivem sempre. Somos guiados pelo passado e pelo futuro”. E assim, segundo esse consolador pensamento, tão sabiamente desenvolvido por Maeterlinck, nos momentos supremos do combate, temos sobre a cabeça, como uma flâmula espiritual, a visão protetora dos antepassados, dos mortos amparando-nos do fundo de suas covas. Os próprios vivos, que vacilam e cambaleiam, tomam, de repente, aquele sobrenatural esplendor: erguem-se para continuar a luta. Ainda é de ontem o *Débourt! Les morts!* que os soldados franceses soltavam no avanço, supondo-se protegidos pelos nubes do passado.

Nessa batalha infrene e sem tréguas, que se trava no Amazonas, ouvimos também essa imprecação: de pé os mortos! E, em todos os recantos, apalpamos mãos que nos guiam, braços que nos favorecem, olhos que nos envolvem, cobrindo-nos de coragem e de perdão.

* * *

O Amazonas deve o seu progresso exclusivamente ao esforço próprio. Venceu só, ao impulso de seu comércio e de suas classes laboriosas.

É um filho devotado, que sempre contribuiu para o conforto da casa paterna e que de seus pais não recebeu sequer a instrução primária ou profissional.

E quando perguntei, quase incidindo num sacrilégio, se persistiria no bloco brasileiro, ou se deslocaria mais tarde, eu me apoiava à opinião dos mais clarividentes estadistas nacionais, a começar pelo conselheiro Nabuco de Araújo, quando pedia a colonização das margens dos nossos rios e a sua navegação por navios nossos, e pelo Barão de Cotegipe, atemorizado pela “mudança radical nas condições do trabalho”, criando o “antagonismo político entre as províncias do sul e as províncias do norte” e, como consequência, aquele “choque de interesse que tem ameaçado a União Norte Americana”.

No presente, além de Sílvio Romero, que anunciou a profunda divergência entre o norte e o sul, é a campanha persistente de homens de responsabilidade e da própria imprensa, que pregam estados do norte como colônias do sul: recebem os seus produtos, pagam os impostos, e não chegam a ter livre arbítrio na escolha de seus representantes e dirigentes. Devido a isso, chega a haver dentro das lindes da mesma pátria, em pleno Rio de Janeiro, conjuntos para a defesa do norte, jornais para a defesa do norte, como se o norte fosse um feudo do sul.

Há um murmúrio de formal desaprovação, quando as acusações chovem sobre os poderes constituídos do país, na parte concernente ao Amazonas. Mas,

sem que importem felonia estas minhas palavras, partidária intransigente de um Brasil uno e poderoso, quais são os favores prestados pela União ao nosso Estado?

O Amazonas, apesar de novo, entregou e entrega milhares de contos ao governo federal, em sucessivas arrecadações; guerreou heroicamente em Canudos; auxiliou a revolução acreana e precipitou os acontecimentos que deram origem ao tratado de Petrópolis; impede, bem ou mal, que estrangeiros se assenhoreiem das nossas terras, como acontece na zona do rio Branco; cede os seus próprios para funcionamento de repartições de exclusiva atribuição do governo federal, que não o indeniza no mínimo ceitel, assiste na resignação da impotência, que lhe deturpem a vontade popular, aceitando, como representantes, medalhões falsos, que lhe não prestaram talvez o raro incentivo de uma palavra... Além das obrigações estritamente necessárias como o rádio e as repartições arrecadoras, eu queria saber, em satisfação aos impostos que pagamos, quais os obséquios recebidos... Defesa da borracha? Haveis de concordar que foi uma carniça para engordar os tubarões e as piranhas da Avenida Central com ordenados fabulosos.

Apoio à borracha em ocasiões difíceis? A Associação Comercial responderá qual o papel representado pelo Banco do Brasil com a sua entrada no mercado, nos anos calamitosos da guerra.

Valorização da borracha? Ainda em mil novecentos e vinte e um, o Sr. Epitácio Pessoa, negava o menor auxílio a esse produto, sob o sofisma de não ser igual ao café.

Transporte? O comércio exportador dirá o que foi essa crise no período alarmante da catástrofe mundial, e até poucos meses, qual a utilidade do Lloyd Brasileiro, companhia oficial, enquanto os seus navios apodreciam nos estaleiros europeus... Defesa da fronteira, esse princípio sagrado das mais ínfimas republiquetas? O forte de São Joaquim tem valor como redil ou preciosidade paleontológica; o forte de Tabatinga, onde os nossos abnegados soldados sofrem o horror do tédio e do impaludismo, não infunde respeito sequer aos caucheiros peruanos. Não resisto em transcrever Alberto Rangel: "O casal Agassis sorriu do poder ofensivo dessa praça em que Monnier consignou como exclusivo resqúcio de artilharia, um canhão antigo aos pés de seu reparo desencarretado.

Em mil novecentos e oito Tasso Fragoso, para gratificar de uma olhadela o reduto famoso, teve que fazer roçar o caminho às vergonhosas ruínas desse desgraçado posto de fronteira e banzar para o término tapera".

O arremedo de Cucuí dispensa qualquer comentário...

Colonização, fomento agrícola? Foi tudo iniciativa particular, esforço particular, gasto particular.

Pergunto, então, quais são os poucos benefícios que devemos aos poderes centrais? Porque benefícios não são indivíduos que aqui vêm em missões espe-

ciais de ministérios, nem empregos criados sem necessidades para socorrer afilhados, mas obras e atos, que orientem a coletividade em suas horas tenebrosas.

Injustiças, sim, essas recebemos prodigamente, a começar pela usurpação do Acre. Ainda em mil novecentos e quatorze, ao desencadear da guerra, o governo nos dava uma prova de sua consideração, transferindo a sede da região militar e a da flotilha do Amazonas para Belém. Não faz muito tempo, repetiu a façanha com a estação de rádio. A desinteligência entre o norte e o sul surge dessas anomalias, dessas diferenças, e não de bandeiras ou hinos estaduais, simples roupagens sem efeito nacional nos países em que se distribui igualmente a justiça. Que rumo tomarão os fatos, se persistirem as exceções odiosas, quando crescer a nossa população e quando reclamar o norte os direitos que lhe assistem?

* * *

“O São Francisco, diz João Ribeiro, é o grande caminho da civilização brasileira”, e “de suas cabeceiras, em que pairam as grandes bandeiras”, partiram “os dois máximos fatores do povoamento” — o impulso das minas e o impulso da criação. É o rio que banha o pedaço chamado o Brasil brasileiro. “O extremo norte, a Amazônia, é um excesso indiático; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino: ambos esses extremos estão fora ainda hoje do seu influxo original: revolucionam-se quando tudo está em paz, ou prosperam em meio da miséria universal”.

Essas palavras dizem que não estamos integrados à nacionalidade e, alicerçados nelas e interpretando-as mal, certos indivíduos sandejam até em livros, contendo os maiores disparates. Um deles, bastante injusto, subvencionado pelos cofres públicos estaduais, não trepida em afirmar, além de outras invencionices, que, “dentro desta floresta, nunca a asa de uma lenda ergueu vôo roçando os navegantes morenos, que olham da proa dos transatlânticos, nunca uma nota de ternura se elevou e ficou suspensa no ar”, e “que o rio Amazonas domina toda a floresta como um malefício: a sua função é destruir”.

É flagrante a curteza da visão. Talvez as enchentes anuais não sejam, quando estiver a vida perfeitamente organizada, o espanto e a destruição de hoje, mas a fertilização, a vida, o esplendor. Não têm o inesperado das catástrofes que dizem outros pontos: é fatal nos meses de inverno. O homem necessita apenas encontrar o meio de vencê-la, habitando pousos altos e fazendo das margens campos de agricultura. Essas enchentes, transformadoras de cenários, constituem ainda uma defesa aos caboclos, aos amazonenses, acimados injustamente de retardatários e de preguiçosos. Em outros Estados, mal uma geada perturba cafezais, mal um riacho invade um lugarejo, os cofres públicos federais saem a ampará-los, entre aplausos das confrarias e artigos laudatórios de néscios, que parvoejam sobre a sua terra dos reservados nauseantes das casas de jogos e de bebidas.

As secas, os terremotos, as inundações, calcinam, abalam, submergem as terras de tempos em tempos, em largos períodos, mas alguns desses empecilhos primam pela transitoriedade: ceifam montes, mas desaparecem; destroem cidades, mas fogem. No Amazonas, as enchentes, em alturas maiores ou menores, são anuais, e aniquilam o esforço dos operários modestos da selva, que não têm uma diretriz, um auxílio na obra portentosa da resistência e da tenacidade: urge canalizar esses esforços, vencendo a natureza, corrigindo-a em suas imperfeições.

E o rio deixará de ser o destruidor incessante, o semeador da morte, o fulminador cruel para valorizar as terras e os campos pelo humo depositado nas ásperas estratificações, como lembrança de sua passagem fecundadora. Até esse dia, oculto pelos anos ou pelos séculos, resistiremos nesta imensa tragédia, oriunda da luta em meio virgem.

Continuaremos a cair na aspiração perseverante de melhores dias.

Para a realização de tantos sonhos, milhões de homens serão plantados em covas, como sementes de tradições vindouras. A morte, no conceito alevantado do romancista peninsular, não será, nesta natureza tão linda, o esqueleto bárbaro interpretado pela arte da idade média, com o seu riso descarnado e sua foice implacável, a ceifar louras searas humanas, jardins adolescentes que apenas começaram a florir. Será a mulher fecunda e robusta, de olhos sensíveis e parados, mas de seios fartos e volumosos, aceitando a recordação e o esquecimento.

Seus pés escondidos, calçados em coturnos de ferro, farão tremer a terra, cair o silêncio e murchar a flor.

Mas, após a passagem, tudo renascerá: reviverão as flores com força indestrutível; trinarão as aves; levantar-se-ão da poeira os velhos, os débeis, os inúteis, transfigurados pela juventude.

Essa é a morte que os rios do Amazonas conduzem em suas devastações; exterminam em benefício futuro, escarvando o leito definitivo nas derrubadas de margens, nas erosões, nos cataclismas. A “terra caída”, o aparecimento e o desaparecimento de ilhas, os paranás, os furos, essas transformações são meros acidentes, necessários ao trabalho incessante e formidando.

Nesse drama permanente, rolam aos abismos, como suaves rosas de sombras, os exploradores, desde os missionários “que encheram de vida com as suas missões o deserto do Amazonas”, até os seringueiros, sustentáculos admiráveis de uma sociedade... Hosana a esses heróis! O primeiro ainda é preso pelo ideal religioso, pela seita, pela fé. O segundo, mais sofredor porque lhe falta a crença, rompe o caminho, expõe-se ao primeiro ataque, à primeira derrota, à primeira enfermidade.

“No inverno, quando o seringal se alaga,
não se vê na missão quem não celebre

com hóstias de quinino, e boca em praga a missa arquiteúrgica da Febre.

Ês missionário sem burel e estola;
Tens nas mãos a semente das cidades,
que semeias sem Cristo e sem Loiola.”

Cristo e Loiola acompanham-no de longe, enquanto, muitas vezes, o seringueiro arqueja e morre, na estranha alucinação, que idealizou Humberto de Campos. Leva à cabeça, no delírio da febre, um búcio em abandono, e cai no sono infinito, tendo no ouvido o fragor oceânico, como um canto da última lembrança da última praia. Ou, sendo nativo, ouve a orquestra da natureza circundante, que lhe é, no momento caliginoso, o perfume ressuscitável de todos os sonhos mortos.

Foi com esses dois lutadores que o Amazonas conquistou, não sem dificuldades, o seu lugar na Federação. Esses, sim, são os nossos credores supremos.

As conseqüências sociais da conquista lenta, gerada pelas explosões de Nove de Novembro, estão nos atos que engrandecem as gerações anteriores. A extinção da escravatura constituiu um exemplo, como constitui outro exemplo a nossa ascensão econômica, sem amparos outros que os do trabalho particular e da iniciativa particular, embora tenhamos sido, pelas injustiças que nos atingiram e atingem, a última circunscrição autônoma da União brasileira. Vivíamos trancados ao mundo, e, só após muitos anos, foram os nossos portos abertos à navegação universal, trazendo os navios um sopro inatingido de cultura e progresso, que se derramou pelas principais artérias, movimentando a riqueza paralisada. As demais conseqüências virão após, com as vias férreas entre zonas intransitáveis, para descongestionamento de armazéns inexauríveis, com as linhas novas de transporte sobre os rios, sobre os ares, nos pontos mais distantes da terra, em que Mercúrio, com asas movidas por forças elétricas, espalhará os germens da felicidade, aproximando e engrandecendo os homens.

* * *

Na formação da árvore frondosa, que resume a força de nosso berço natal, devemos ter a abnegação das raízes, trabalhando no seio do solo, para que os galhos arracimados reverdeçam e se dobrem ao peso de flores e folhas. Cantem, em cima, os ventos; esplenda o sol, e espalhe o seu pendão de ouro; rujam os temporais renovadores e passem as primaveras; a árvore encante os olhos, e dê alimento, e dê poesia, que a raiz, como um braço sem descanso, persistirá em sua faina religiosa, sem perguntar porque se martiriza na escuridão e na obscuridade, sem a menor revolta pelo destino humilde.

Não quer significar essa tese uma passividade. A floresta esconde todos os símbolos. Quando a árvore tentar usurpar ou desviar a semente para longe, essas raízes, hoje pequenas, devem brotar à flor do solo, enrolar-se ao tronco indomável, na obstinada lascívia das heras, e hauri-los em anos sucessivos —

prendê-lo pela vida ou pela morte, como os apuís gigantescos, polvos fatais e tenazes em sua idéia mortal. A luta deve abstrair-se de preconceitos e de regionalismo, mas chega a ser crime negar ao homem o direito de viver na casa onde nasceu. E não é para uma derrota, mas para uma finalidade triunfal, que semeamos o território de ossos, que o glorificamos por gotas de suor, cristalizando nessas pérolas mudas, nessas lágrimas do esforço, a sinfonia e a esperança dos nossos destinos.

A nossa luta para o desvirginamento da nova Atlântida, boiando na vastidão da América como um corpo verde e voluptuoso, reclama também uma audácia inflexível no sentido de repelir a injúria e a pequenez, até no dia, sonhado em deslumbramento, em que às gerações novas, gerações amazonenses (estão incluídos nesse termo todos os homens honestos que aqui vivem, ou para aqui vêm) for entregue a direção do Amazonas.

Foram quimeras as tentativas feitas nesse sentido, porque idéias semelhantes nascem com o tempo, com a educação do meio e a cultura cívica da mocidade, e não com programas enfáticos e assembléias tumultuosas e heterogêneas.

Sofremos as conseqüências dos meios em crescimento. Somos compelidos a sofrê-las muitos anos mais, caminhando na ondulação atual, até que fortes correntes, canalizando pelo maior número, ainda nas escolas e nas academias, quebrem os diques, destruindo-os se for preciso, para dominar, subjugar e ditar as suas normas de ver e dirigir, no sacrifício do individualismo pelo interesse coletivo, e não no sacrifício da coletividade pelo bem-estar individual.

Que importa o holocausto de alguns, que, pela defesa desse ideal, fiquem anquilosados numa eterna sideração?

Nas grandes batalhas, a vanguarda morre e abre caminho para as reservas vitoriosas. Toda morte deve ser bendita, desde que seja em nome da pátria. “O único meio de assegurar a vitória da justiça é bater-se a gente contra tudo que é baixo, fraco e odioso no presente”. O mesmo Roosevelt dessas palavras acrescentara que o “crédito pertence ao homem que desce com sua pessoa à arena, e cujo rosto fica sujo de poeira, de suor e de sangue”.

Encarar os dias com indiferença — indiferença pelo voto popular, indiferença pelas finanças públicas, indiferença pelas torpezas administrativas — é um crime, que deve ser regra de velhos caquéticos e de moços corrompidos; jamais, porém, da gente nova de uma terra, cujo momento psicológico de ação pela liberdade pode criar a sua alvorada redentora no centenário do primeiro vagido de emancipação política. É o instante da mocidade intervir na luta, interessar-se pela marcha de seu Estado, sem a inconveniência das oposições sistemáticas como dos apoios incondicionais. Soou o momento oportuno dessa iniciativa e, em sua defesa, devem formar fileiras todos os amazonenses, dentro ou fora do Amazonas, porque a distância só é um salvo-conduto de impassibilidade para os que têm o gérmen do comodismo e da covardia. O amazonense

deve trabalhar pela grandeza de seu berço, onde quer que se encontre, acompanhando com interesse os assuntos que lhe dizem respeito, surdo aos doestos e aos insultos dos que lhe atirarem pedras, em nome de um falso patriotismo e de um falso amor.

Será esse o conciso programa que, divergente em certas diretrizes, só tem um princípio básico — o amor pelo Amazonas, a defesa do Amazonas, o bem para o Amazonas.

Mas, nesse programa sem exclusões odiosas, com o regaço aberto aos filhos de outras terras, animados de respeito e de honestidade, de coragem e de trabalho, nesse programa de querer o Amazonas, está incluído o apanágio da liberdade, pelo respeito à vontade das minorias, pela livre manifestação do pensamento, pela legalização do interior entregue ao marasmo e despido das menores fórmulas jurídicas, pela constituição de congressos que interpretem a necessidade do povo. E, como consequência, apagará todas as misérias e amoralidades, condenando os bajuladores, os louvaminheiros, os traficantes da fortuna pública, os mentirosos e os bufões acostumados às farsas e às imprudências, todos os bobos que são objeto de escárnio e que engrossam a galeria abjeta do ridículo, ou as páginas de baixo humorismo dos livros coloridos, postos à venda em barbearias e quitandas.

Os amazonenses não sonham muralhas para o Amazonas. O sectarismo não encontra adeptos aqui. Desejam que homens de todos os climas selecionados procurem estes rios, purifiquem a raça e abram sulcos para as sementes. Pensam que esses homens, nacionais ou estrangeiros, têm direito às posições pelo esforço desenvolvido, que é a recompensa natural do trabalho. Querem apenas pudor, querem brio, querem competência. — palavras incolores e vagas, que passaram a ser verdadeiros milagres.¹

É um programa em bem de tudo e de todos.

A época da reabilitação, sob esses princípios, não tardará a lançar os seus clarões no horizonte plúmbeo d'água, listrado de nevoeiro e desfortúnios.

Sigamos Rui. Façamos de suas palavras um evangelho, em sua profética invocação à liberdade.

“Tu não és a escola do poder; és, nas sociedades adiantadas, o elemento sagrado que o limita. Não te chamas dominação; chamas-te igualdade, tolerância, justiça. Não te entregas em monopólio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um sistema: exiges uniformemente, para todos eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem. Só te compreendem os que te não recusam aos seus adversários; porque tu és a discussão, a luta das inteligências, o combate das idéias.

Nenhuma opinião, nenhuma política, nenhuma invenção humana é privilegiada contra ti; sobre todas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo cla-

rão o erro se descobre, e prevalece a verdade. Seu influxo decompõe as criações efêmeras e cristaliza as divinas...

As procelas, as trombas, os ciclones devastam, mas não duram.

O que não passa é o oceano das verdades eternas, indiferente ao rugir das paixões contemporâneas, e por sobre ele a imensidade sidérea das almas, que és tu, ó liberdade!”

“Teus heróis não são os gigantes da carniça, os clássicos da perseguição, os semideuses do terror; são os bons, os mansos, os justos, os mártires da impassibilidade política no trono, na plebe, nas seitas ferozes, os homens limpos de sangue alheio, que venceram pregando, escrevendo, edificando — salvando, e morrendo — os que, abraçados contigo, semearam a religião, lavraram o direito e estabeleceram a moral e a política, esse composto de moderação, experiência comum.”

A norma dos amazonenses deve ser essa, sejam quais forem as conseqüências, para a salvação da sua terra, repelindo com ousadia os mendigos do voto, os negociatas da felicidade do Estado pelas cômodas posições do momento... Talvez minhas palavras representem quimeras, como espumas soltas em rendas sobre as águas. Os moços são os vencidos de hoje; hão de ser amanhã?

* * *

A reabilitação está em marcha e, por bem ou por mal, chegará a tempo de converter os miasmas em ar virtual, em honra, em pão, arrimando os vencidos e os miseráveis com as economias que lhe foram subtraídas a golpes de força, pela mudança da lei em trampolinadas e tranquibernices. Essa facção tentará renovar os problemas vitais de nossa terra, sem protelar direitos mas sem aplaudir leis clandestinas, forjadas em segredo, como os pactos que os salteadores premeditam, ao livor de fechos e punhais. Todas as fórmulas imperiosas da atividade, que exalta os povos, desde o operário ao letrado, encontrarão alento, encontrarão apoio, sob as iniciativas das classes conservadoras e dos poderes estaduais, que serão obrigados a empregar os impostos a prol do povo e da terra.

Esse modo de ver, que os chalaceadores consideram tentativa visionária, será uma realidade ao influxo da ação, capaz de pôr homens no poder: após dois ou três períodos governamentais sérios, consolidados na confiança pública, será difícil a reinstalação de governichos arbitrários, servidos por Pasquinos e Quasímodos, acostumados à zombaria e à vicacidade, em bacanais torpes ante a miséria do povo. A rajada de luz, que aparecer, espantará os vampiros, os morcegos, forçados à procura dos antros próprios aos que vivem sugando sangue. Porque sugar o sangue não é somente matar o indivíduo é exercer a função de sanguessuga.

Sangue é suor, sangue é trabalho, sangue é esforço. E não reconhecer esse esforço, esse suor, é ocorrer no mesmo crime dos vampiros.

Aos moços amazonenses — homens em botão e mulheres em manhã — cabe arquitetar a obra ressurgente, em qualquer profissão que tentarem, mas principalmente no trabalho de ensinar crianças, de formar almas e modelar caracteres. Cabe às professoras, que vão exercer seu magistério em meio selva-gem, desbordante de belezas e tremendo de ferocidade: muitas desconhecem, no descuido do altruísmo, o papel preponderante que desempenham, lutando, como guerreiras sem munição, num Estado em que o problema da instrução, excetuando talvez Manaus e alguns pontos do interior, é uma tristíssima, dolorosíssima incógnita, devido à escassez das verbas.

Sois, minhas patrícias, o grande braço da ressurreição, porque dais a centenas de crianças, como nas frases comovedoras do Padre Nosso, e sem que recebais o pão de cada dia, a letra de cada minuto, luz de cada hora, o trigo de cada manhã.

Sois divinas escultoras, corrigindo as obras da criação nas imperfeições com que brotaram das revulsões, das erosões, desse apavorante mundo, verdadeira “selva selvaggia”, em que a ciência esbarra, espantada ante mil imprevistos — que é a criança, produto de entrechoques hereditários. Entre o salão de aula revelando nos instintos os anátemas sombrios de mórbidos atavismos, e não perguntais de onde vem nem para onde vai. Sabeis apenas que chega fria, que precisa de calor e de sol — sol e calor que entesourais no coração, acumulados por vossos mestres em cinco anos de curso.

E como bate à porta do templo do sol?

Em idade capaz, passados os anos da primeira infância, na alvorada fulgente da adolescência? Não! Vem como um pássaro implume, tiritando ainda dos longos vôos através de espaços enevoados, na desconfiança de quem pousa em florestas soturnas, em programas desconhecidos, velados por sacerdotisas, em cujas fronteiras a auréola do respeito e da formosura imprimiu um cunho de pureza e santidade.

A voz, em suas bocas, ainda é um piloto, uma suave surdina arrastada em *scherzos e tremolos*; os seus olhos são andorinhas medrosas, de asas sem penas, tremendo sobre precipícios; os seus braços não têm movimento. Mas, ó deliciosos milagres, após ligeira hibernação nesses jardins da infância a que Froebel imprimiu a sua aguda penetração, após esse interregno de “aprender pelo divertimento”, elas gorjeiam a flagrante transformação: a sua voz não é pipilo, mas gorjeio; os seus olhos não traduzem o espanto, mas os albores do conhecimento; os seus braços não se desengonçam nem se desarticulam como de polichinelos, mas traçam linhas quando se estendem ou recuam. E por quê? Ingênua interrogação! Porque lhes destes voz, porque lhes destes luz, porque lhes destes atitudes, arrancando da treva da ignorância almas para a beleza e criaturas para a pátria! Saúdo em vós, semeadoras, o futuro de nossa terra, que reclama, para a sua libertação, a semente decisiva nesses rebentos que se erguem, e cujos galhos, projetando-se pelo tempo, possam dar sombra e carinho a todos nós, a

essa época lenços vacilantes em último adeus à vida. Bendizendo o vosso trabalho e a vossa luta. Nem é mister que transcorra meio século para essa ressurreição, desde que o trabalho comece presente, na geração de trabalho.

Cabe a exaustiva tarefa a vós, que sois como *Scheherazades* morenas, ou como fadas que vêm despertar princesas adormecidas, apenas com essa varinha mágica — o giz, e com esses sinais de quiromância —, as vossas palavras!

A nossa terra atravessa o período do crescimento, exigindo cuidados maternais, chamas e revoltas, para que se não desvirtuem os nossos sonhos, nem se desvirginem, ao sopro do arrivismo e do impatriotismo, as aspirações sagradas que trouxemos do berço.

A geração futura, ainda argila em vossos dedos criadores, deverá ter consciência e altivez, com almas harmoniosas e espíritos perfeitos.

Lembro-vos as frases de um amazonense iluminado, foragido de sua terra que lhe negava o pão, apesar de ser um expoente e um símbolo rebelde — amazonense que foi morrer, para não mentir às suas idéias, nas solidões dos barrancos acreanos. Deixai que eu lembre as palavras de Heliodoro Balbi, cuja morte, em terras que nos foram subtraídas, ainda foi um protesto contra o assalto.

Dizia ele aos seus colegas, ainda moço, em despedida aos bancos acadêmicos, como uma profissão de fé perante a vida, que lhe ia ser uma estrada de Calvário:

“Ides para o meio dessa tremenda subversão de princípios e caracteres — mas, ides como uma força de resistência, como uma audácia convencida da firmeza do seu protesto. Levantai-vos contra todas as torpezas e iniquidades, contra os desmandos dos almetas e bonzos, sátrapas e lacaios republicanos, cujos ideais não transpuseram nunca a cerca da sua herdade, a linha do horizonte da sua aldeia e, aparvalhadamente, querem dirigir opiniões, governar povos, superintender cidades e educar gerações.”

“As sociedades caracterizam-se pelas revoluções e o homem que as constitui e que não é um centro de revolução não é um fator social.

Garibaldi, Mazzini, Cipriani, Bolivar, Bakounine, Andrada, Tolstoi são a imagem da liberdade, ela mesma feita homem, para quebrar os ferros dos mártires e abrir as prisões dos justos. Protestai, pois, contra todas as tiranias, contra as da imprensa, como as dos governos, contra as dos juizes, como as dos mestres, contra as de todos aqueles que têm uma parcela de poder social. Opondo-vos firme e tenazmente às masorcas daqueles que, com estupendo cinismo e indigna covardia, mercadejam a honra da pátria, infamando a glória do seu nome.”

Mais adiante, num arroubo, continuava em frases candentes sobre o país:

“Entrai, sim, mas entrai como uma voz de protesto contra os oligarcas da república, contra os jornalistas imprudentes, contra os advogados sem escrúpu-

los, contra os governos ladrões, contra os juizes venais. Entrai, sim, mas entrai como legionários do direito, como sentinelas da justiça, como amigos da liberdade e do homem. O patrimônio dos órfãos, a massa dos falidos, os bens dos ausentes, precisam de mãos puras para guardá-los, de mãos limpas para geri-los, de mãos honestas para movê-los.

Hoje que os Fábios, os Curcius, os Cincinatos rareiam, desaparecem, morrem, é preciso criá-los, fazê-los, multiplicá-los. E há de ser de vós que sairá o renascimento da pátria abatida, a fraternidade dos homens no esboço amorfo da sociedade de amanhã, prólogo incolor ainda dessa epopéia de luz, assinalável hoje. Mas que será o estado definitivo e último da constituição social.”

* * *

O Amazonas entoará, com a vitória dos seus filhos, o hino de uma época de ouro: o Eldorado não será uma fantasia com “vales de sombra e montanhas de lua”, escondidas na imaginação, como pensou Edgard Põe, mas o solo em que as cidades livres e os homens livres terão cantos e bênçãos para a vida. A instrução ensinará o homem a querer, virilizando-o por uma vez para a pátria una e solidária, em que o direito tenha uma função de ordem e de força.

São palavras de Lhering: “o povo que não tem o sentimento vivo e enérgico do seu direito, não saberá defender a sua independência e a sua liberdade”.

Muitas sucumbirão na luta, mas as suas idéias, como as flâmulas do Espírito Santo aos Apóstolos, trarão calor para avivar os sedentos de justiça e de paz, rememorando as ações dos que sofreram e morreram pelas causas justas. E esse sacrifício fará recuar os próprios assassinos, que tomarão atitudes pelo exemplo do holocausto e da morte. Aplicar-se-á aos falangiários a exclamação do montanhês grego, que, ao tombar no Olimpo, após sangrento combate pela pátria, dizia aos abutres, que lhe devorariam mais tarde o cadáver: “As vossas garras vão tornar-se fortes como da águia, quando tiverdes comido a minha carne”. Assim também à influência das ações nobres, sustentadas com sangue, os oligarcas e os plutocratas, abutres negros das democracias, tomarão rumo diferente, porque aprenderão outros modos de agir com a revelação do civismo.

O Amazonas, ermo de traidores, estenderá os seus braços de mãe amável sobre todos nós, que sofremos e vivemos à sua sombra, sem uma palavra de maldição e de desalento, embora sacudidas violentamente por blasfêmias e rebeldias contra os erros e os crimes. Mas, nesse trabalho insano, não lançamos anátemas contra o solo fecundo, que as flores encantam e as águas banham de lágrimas, nem para o céu, de onde as estrelas caridosas assistem, em seu resplendor tremulante, o entreabrir dos nossos olhos maravilhados para a vida, ao embalo purificador de nossas mãos, cujo amor é como as auroras do pólo: perpétuo em seu rebrilho inconfundível, sem clarões de sol equatorial e sem densidades de noites tempestuosas...

Eu sempre tive esse carinho pela minha terra, porque penso que ela não tem culpa das ondas de lama que lhe atiram os ingratos e porque tenho crença irrefragável, pelo império irremovível da evolução e pela própria fatalidade universal, em seu fim suntuoso.

* * *

Como nos versos imortais de Olavo Bilac, há ainda, na hora presente, aquela ávida sarabanda de gênios maus, dançando em tripúdio sobre florestas apocalípticas, ora espremendo “a impotência do ódio estulto, em pérfidos esguichos de veneno”, ora espirrando “arrogâncias pelos poros”. Mas, a hora grotesca nem sempre viverá, e as Amazonas heróicas, varrendo para longe os duendes, renascerão, em bem da pátria e da gente.

“Nem sempre durareis, eras sombrias
De miséria moral! A aurora esperas,
Ó Pátria! e ela virá, com outras eras,
Outro sol outra crença em outros dias!
Davi renascerá contra Golias,
Alcides contra os pântanos e as feras...
Os corações serão como crateras,
E hão de em lava mudar-se as cinzas frias...
As nobres ambições, força e bondade,
Justiça e paz virão sobre estas zonas,
Na confusa fusão da ardente escória.
E, na sua divina majestade,
Virgens, reviverão as Amazonas,
Na cavalgada esplêndida da glória.”

Nós cremos nessa época de paz e de justiça, sem ser obsessões vesânicas de crimes, ó Amazonas, novo berço das Amazonas!

Há de chegar o dia em que, sob o efeito da sinceridade, as calúnias se esgarçarão, confundindo os seus inventores deliquescerentes.

Há de vir o século de ouro de Swedenborg, em que o ar não permitirá que a mentira saia da boca.

Todas as verdades nadarão sobre as águas churdas em que se acham afogados, apagando a atmosfera de ridículo assacada contra nós, como se quatrocentas mil almas, espalhadas pelos pontos mais distantes, fossem responsáveis pelos desvarios das minorias. Nem a história será escrita sobre essas bases de

areia e lodo. “A administração brasileira, disse Rui, está no hábito de supor que a história se manufatura com as partes oficiais, os telegramas diplomáticos e os panegíricos dos jornais amigos. É um engano infantil, uma concepção rústica ou selvagem do mundo moderno”

Devido a isso, os historiadores do futuro, consultando fontes seguras, espanarão a poeira, a imundície, o monturo, e irão restabelecer a verdade, embora revolvam os arquivos mais complicados e secretos. Todos os “monstros feios, cujo peso afrontoso a terra oprime”, todos os “espíritos obscenos”, que ferem, “em vez dos corações, os calcanhares”, todos esses anões, “vastos e estéreis, ocos e sonoros, unicamente grandes no tamanho”, — serão obrigados a sair de fojos e antros, e aparecer em sua nudez, para serem inoculados e desmedulados, como os coelhos nas salas dos laboratórios...

Surgirão, frente a frente, os teus benfeitores e os teus detratores, ó Amazonas... E, da comparação, veremos que, ainda pelos anos das grandes navegações aventurosas, Américo Vespúcio, enxotado pelos vagalhões, sentia o teu perfume, e dizia, debruçado sobre a esteira de espumas: “Se há no mundo algum paraíso, está perto daqui”. Aguirre, com o coração em ódio e remorso pela traição a Orsua, escrevia deslumbrado, que eras a salvação com as tuas seis mil ilhas fluviais. Bates confessava: “A imaginação desvaira, quando medita no possível futuro desta região, situada no centro equatorial da Améria do Sul, no meio de uma zona quase tão grande como a Europa, com o solo exuberante e fértil, e tendo comunicações naturais com o Atlântico, as Repúblicas de Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia”.

É por demais conhecida a expressão de Euclides, considerando o clima do Amazonas um clima caluniado. O nosso mal, o impaludismo, também grassa às portas do Rio de Janeiro. É o grande mal que desaparecerá com preciso combate.

Tavares Bastos exclamava: “Colocado entre dois oceanos, e entre a Ásia e a Europa, o vale do Amazonas será o centro do comércio do mundo, como, nas visões de Colombo, a América aparecia entre duas grandes massas d’água, equilibrando a terra”.

E Humboldt, e Agassis, e Castelnau, e Roosevelt não conseguiram impedir manifestações de assombro ante os teus encantos inenarráveis. Basta a palavra desses magos. Bastam as frases insuspeitas dos espíritos independentes que te observam, e te sentem, magoados com as injustiças com que te ferem nos mais simples desejos, a ti, que deste água e pão em dias de sede e de fome!

Nada és no concerto do teu país. O receio ao escândalo, e não o respeito às leis, livrou-te de outros atentados, e porque ainda serves de recursos aos poderes centrais em seus instantes de graves crises políticas.

Lembram-se, então, de ti. O centenário de tua adesão à independência é comemorado apenas dentro em tuas fronteiras e no coração dos teus filhos.

Vários Estados irmãos apelaram para o país, por intermédio de suas bancadas, e o país a eles se associou, direta ou indiretamente, até escrevendo o seu nome no excerto desses dias. Nós ficamos em silêncio, relutando em reviver uma injustiça ignominiosa, e certos de que o nosso apelo ficaria sem resposta, porque era um apelo cívico, levantado em nome da História, sem tratar de política, de acordo, de transações indecorosas.

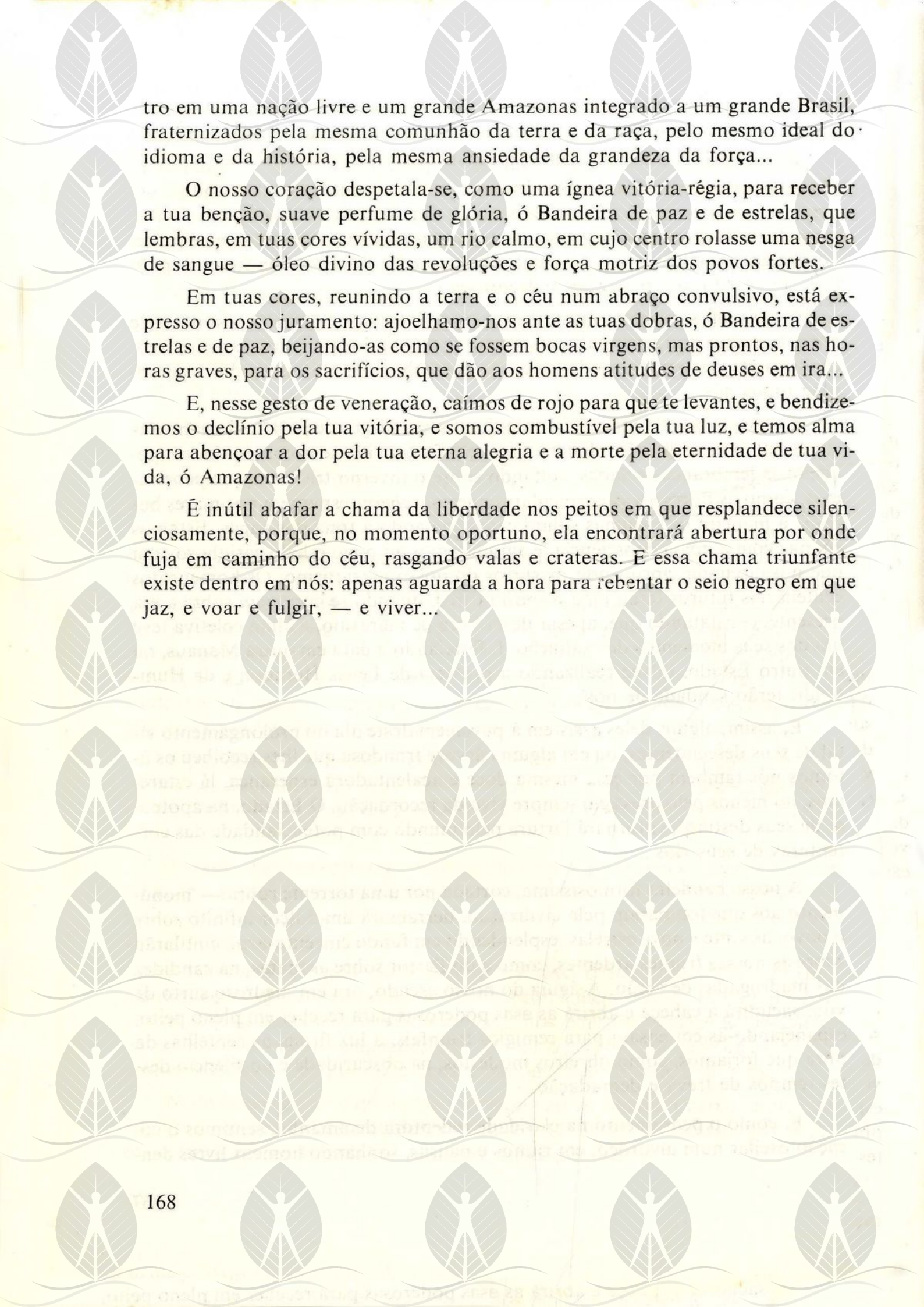
Resolvemos festejá-lo apenas em nosso lar, em nossos altares, à sombra de nossa Catedral azul, erguendo os seus dois braços soluçantes aos céus, em frente ao rio Negro, e implorando a bênção do senhor dos Homens e dos Mundos para todos nós...

Esse retraimento em nada diminuiu a nossa alegria, e palpitará em nossas almas como um sol, até o dia em que, pelo fim, a vida se decomponha em pequeninas lembranças geladas, soltando sobre o inverno triste em que penetramos, como as flores alvas e irregulares que os *icebergs* espargem nos mares boreais, à maneira de espumas solidificadas, boiando à tona das vagas. Estamos em paz com a nossa consciência, e agradecemos ao povo o halo carinhoso com que nos circunda, aprovando os surtos do nosso patriotismo. Os homens dos centenários futuros terão uma resposta cabal, quando se curvarem sobre a era presente, constatando que, apesar desta hora de marasmo, a alma coletiva teve um dos seus momentos de exaltação. E festejando a data em outra Manaus, ou em outro Estado, talvez realizando a profecia de Lewis Herndon e de Humboldt, terão saudade de nós.

E, assim, alguns deles assistem à passagem deste dia no prolongamento vital de seus descendentes, ou em alguma árvore frondosa que lhes recolheu os átomos nós também por essa mesma doce e acalentadora esperança, lá estaremos, ao menos pelo prestígio sempre vivo da recordação. O Estado, na apoteose de seus destinos, entornará fartura pelo mundo com potencialidade das correntezas de seus rios...

A nossa bandeira formosíssima, cortada por uma torrente rubra — monumento aos que tomaram pela civilização, derramará um dulçor infinito sobre o povo: as vinte e nove estrelas, esplendendo em fundo cinzento-azul, cintilarão sobre as nossas frentes ardentes, como a do Partor sobre as matas, na candidez das madrugadas de verão. A águia do nosso escudo, ora em medroso surto de vôo, sacudirá a cabeça e abrirá as asas poderosas para receber em pleno peito, espanejando-as em ensaio para remígios triunfais, a luz firme, as centelhas da obra que forjamos, como obreiros modestos, na obscuridade e no silêncio destes tempos de treva e degradação.

E, como o pensamento na claridade redentora de amanhã, sentimos o coração oscilar num alvoroço, em ritmos e pausas, sonhando homens livres den-



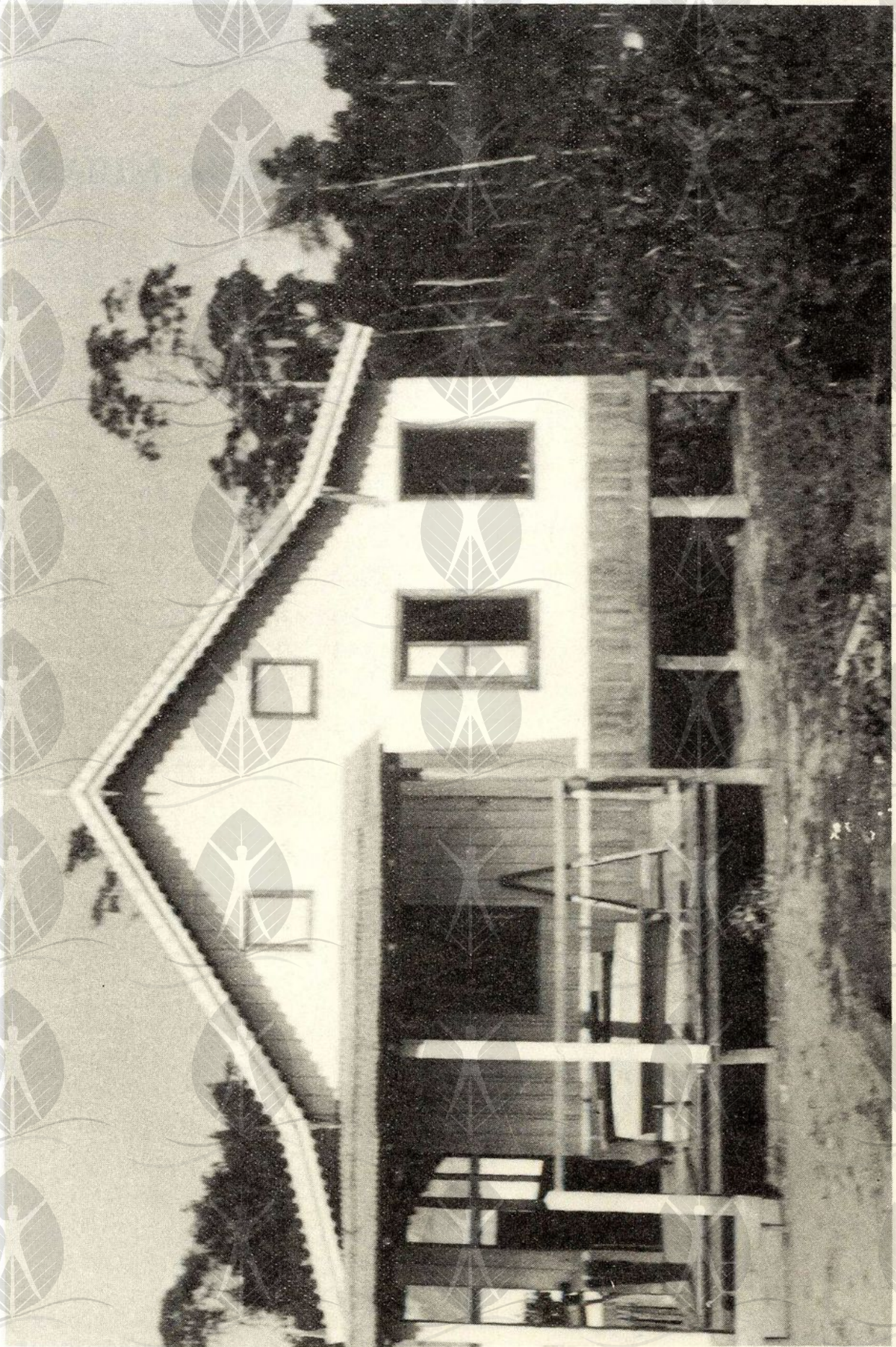
tro em uma nação livre e um grande Amazonas integrado a um grande Brasil, fraternizados pela mesma comunhão da terra e da raça, pelo mesmo ideal do idioma e da história, pela mesma ansiedade da grandeza da força...

O nosso coração despetala-se, como uma ígnea vitória-régia, para receber a tua benção, suave perfume de glória, ó Bandeira de paz e de estrelas, que lembras, em tuas cores vívidas, um rio calmo, em cujo centro rolasse uma nesga de sangue — óleo divino das revoluções e força motriz dos povos fortes.

Em tuas cores, reunindo a terra e o céu num abraço convulsivo, está expresso o nosso juramento: ajoelhamo-nos ante as tuas dobras, ó Bandeira de estrelas e de paz, beijando-as como se fossem bocas virgens, mas prontos, nas horas graves, para os sacrifícios, que dão aos homens atitudes de deuses em ira...

E, nesse gesto de veneração, caímos de rojo para que te levantes, e bendizemos o declínio pela tua vitória, e somos combustível pela tua luz, e temos alma para abençoar a dor pela tua eterna alegria e a morte pela eternidade de tua vida, ó Amazonas!

É inútil abafar a chama da liberdade nos peitos em que resplandece silenciosamente, porque, no momento oportuno, ela encontrará abertura por onde fuja em caminho do céu, rasgando valas e crateras. E essa chama triunfante existe dentro em nós: apenas aguarda a hora para rebentar o seio negro em que jaz, e voar e fulgir, — e viver...



Residência de ÁLVARO MAIA no Seringal "Goiabal" Município de Humaitá — AM.



CLARIM ABANDONADO

Alvaro Maia



CLARIM ABANDONADO

BENDITA SEJA!

I

— “Demonstraste a coragem de um soldado anônimo, que tocasse um clarim, no meio do fogo, conclamando, nas arrancadas e fugas das indecisões, a certeza da vitória. Estilhas te atingiram os pulmões, asfixiaram a garganta, inundaram-te de febre e suor. Encontraram-te abraçado ao clarim de tantos anos, que te serviu de travesseiro, avermelhando as ervas do caminho. Teu regimento ofuscava-se nas distâncias, em roldões de poeira. Paciência e resignação: hás de retocá-lo novamente e recuperar a voz.”

A Irmã surdinava assim ao soldado enfermo, que tombara ferido no ardor do combate e fora arrastado numa padiola para o hospital. Verrumas geladas lhe perfuravam o peito, em investidas sucessivas; gotas de sangue, pingando em transpirações, lhe ensopavam a frente e os cabelos.

Fora, rumor da luta e, mais de uma vez, vinha revibrar na enfermaria, em brados de animação ante o perigo. Quanto é triste permanecer chumbado a um canto, não marchar com os demais e sem poder retirar ao frio do abandono aquele clarim fraterno, enquanto a Bandeira Imortal drapeja, como uma convocação da Raça, para as integrações nas novas Idades!

II

(Foi nessa emergência que Você lhe surgiu, enfermeira aureolada com um diploma haurido no Céu, trazendo a Cruz de Jesus nos diagnósticos da oração. Porejava-lhe da frente o hausto das dores lancinantes, que resistem aos entorpecentes: dentro da noite, em pancadas dolentes, piavam as horas da igreja vizinha, alegrando-se apenas às primeiras vozes da manhã, anunciadas no mostuário luminoso.

O olhar da enfermeira derramava-se em óleo santo sobre o ferido: suas mãos aplicavam o medicamento e, logo em seguida, se entreabriam em preces, ou apertavam um Crucifixo mercurizado, como um braço de estrela entre nuvens escuras.

Havia, num simples copo d'água, o refrigerio de uma fonte encantada, re-
produzindo essências de selvas floridas.

A vela, próxima ao altar, esvaía-se: o soldado parecia adivinhá-la no mo-
mento supremo, escorrendo bagas de cera em seus dedos imobilizados.)

III

As horas de dor! Um minuto curto de desespero é mais longo do que mui-
tas horas felizes de todos os dias. Os sadios olham essas passagens com sereni-
dade e piedade, aconselhando alento e coragem. E, nesses momentos, a alma se
transfigura em pensamentos ultra-imaginários. É uma espécie de semimorte, em
que a criatura se retorce ante este e outros mundos.

Passam-lhe, pela imaginação, os atos bons que praticou e os arrependi-
mentos irremediáveis. Quanto é lenta essa hora de transformação, de punição e
redenção!

Porque as células se distorcem e se desintegram, porque o espírito se eleva
a alturas nunca atingidas, imerso em consolações.

A dor biológica desaparece à incidência da elevação moral, dignificando-a
para sempre! É necessário adoecer gravemente, em semivida e semimorte, para
sentir aquela transubstanciação...

IV

Os olhos aprofundam-se em longes indevassáveis, ou devoram vultos e de-
senhos errantes na penumbra. Desdobram-se procissões de lembranças, —
triumfos e derrotas, conquistas e retiradas, espiralando perfumes. No semi-
delírio, visões sucedem-se, povoando a escuridão. Sorrisos, prantos, mãos que
acenam misteriosamente.

E, em meio a esse rosário de lembranças, balbuciam recordações: serão as
últimas horas? Ou terá dias mais espiritualizados, preso a um leito de sanatório,
quase sozinho? Ou, quase surdo, irá tropeçar em corpo que não era o mesmo,
sem agilidade e sem energia?

Ou irá para mundos encantados, onde não se sofre mais?

— Quem aparece, em acenos diáfanos, junto do leito?

O enfermo relembra certo episódio, quando foi operado, num hospital do
Sul. Deitado em leito móvel, bem alto, sentia dores apunhalantes, quando ter-
minava o torpor anestésico. Era noite adiantada e estava só: não podia
levantar-se; falhara a campainha. Viu, nesse instante, uma visão transparente,
que lhe colou as mãos intocáveis à frente escaldante.

— Deus te pague, Irmã, pela doçura do teu gesto!

E nada mais viu. Seria uma ilusão de bondade? E por que se foi a dor?

Vinha repetir, tantos anos depois:

— Deus te pague, Irmã, pela irradiação dos teus olhos, derramados com misericórdia!

Mas, desta vez, existe essa irmã e existe essa voz!

V

Lá fora, nos torneios sociais, impera o riso, entre a alegria e a música... Todos se divertem, cantando e gargalhando. No recesso dos lares, no tumulto dos bailes, bocas torturam ou se desbordam em cânticos.

— Você é jovem, Irmã! Apresenta os lábios descorados, não se aprimora em vestidos profanos, cingida a uniformes conventuais. Teria direito aos deslumbramentos comuns a todas as criaturas. Por que foi prestar juramento nos altares da Dor e acender uma lâmpada que nunca se apaga, em comunhão com o sofrimento?

E, no silêncio do quarto em penumbra, nos corredores úmidos, povoados de fantasmas. Você advinha e sente um Vulto a seu lado invisível mas presente. É a irradiação sideral d'Aquele que não falta nos dias incertos e nas horas mais intranquílias.

É a transfiguração d'Aquele que você não vê nos salões barulhentos, mas percebe junto a uma criança enferma, convulsionada em angústia. Quando estende a colher de remédio, ou aplica a injeção salvadora, não se iluda.

— Jesus está a seu lado, Jesus que é também Médico e Enfermeiro divino!

VI

Outras vezes, quando a dor apunhala ainda mais, com requintes de atleta que experimenta a resistência do adversário para vibrar-lhe o derradeiro golpe.

— A Irmã-Enfermeira acende uma vela benta e entrecerra os olhos. Os lábios tremem sutilmente, debulhando frases inaudíveis.

Há interrogações nas imagens paralisadas, no oratório de cedro velho; duas fosforecem, clareando as demais.

— Reze...

— Com que espécie de voz, Irmã? Como rezar, se mal posso falar? E se não tenho quase voz? Eu, que soprava os dobrados de fé nas noites sem esperanças... Sou imperfeito demais para que Deus me ouça...

— Deus ouve todas as preces, máxime dos que não perdem a esperança. Ou, então, ouça...

E lê uma oração sincronizada para os aflitos. Quem ouve uma prece, ou um trecho do Evangelho, na penumbra de um quarto, vê um paraíso, que não fica muito distante, fagulhando esperança.

— Ouça com atenção.

“A lâmpada do teu corpo é o teu olho; se teu olho é puro, todo teu corpo estará iluminado mas, se ele for mau, também teu corpo estará em trevas. Cuida, pois, de que a luz em ti não seja trevas, porque se todo o teu corpo for luminoso e não tiver parte nenhuma tenebrosa, todo ele resplandecerá, como quando a lâmpada te iluminar com vivo esplendor”.

Aí estão palavras, divinas, extraídas do Evangelho de Lucas, o apóstolo-médico...

— Sim, Irmã! A dor é um óleo redentor na lanterna do corpo, mas acesa pela alma. E há almas que não têm luz... Leia mais, ainda mais!

VII

Outra noite de insônia, ainda outra nestas quarenta noites de fracas esperanças. O sono e a dor defrontam-se no cenário de um corpo, que perde a resistência. Bimbalham sinos reconfortantes, chamando a manhã nos horizontes. Aproxima-se, como uma resplendente ovelha desgarrada. Lá por fora, guardas apitam; rolam os primeiros autos e caminhões. Cantam pássaros nas ramadas; marrecos levantam-se em vôos razantes; mexem-se as árvores no bulício das folhas; aviões roncavam na altura azulada.

A vida agita-se assim lá por fora, em sofreguidão de corolas ao sol...

A Irmã fala, amarrotando o lençol num ninho de plumas para repouso da cabeça.

— Sim, tudo parece dissipar-se em alegrias lá por fora. Pense também nos paralíticos de anos seguidos, nos tuberculosos e hansenianos, nos loucos e prisioneiros. Pense nos que estão gemendo, retalhados por bisturis, nas mães com insucesso, separadas dos filhos, que não chegaram a viver. Nas crianças com fome, nos velhos sem alimento, batidos de remorso, nos que deitaram sangue e deliraram em febre. Pense, sobretudo, nos que perderam a crença. Você, não! Tem força da alma, a serenidade de sofrer sem amaldiçoar, depois de ter ouvido maldições. Ainda é consolo resistir assim, e ainda no isolamento de uma enfermaria. Talvez melhor do que possuir saúde, zombar de Jesus e insultar o inocente que trabalha em casa, ou passa em silêncio pela rua...

VIII

Punhaladas pneumônicas não respeitam as posições do corpo: sentado, em pé, deitado, perfuram o peito, que se contrai sem ar, em sorvos desvairados. É sempre assim nas madrugadas frias, que lembram o clarim abandonado. E quantas madrugadas soube enfrentar ao desamparo, sob ventos polares, erguendo a voz pela terra maternal!

Caiu baleado nessa defesa: seguirá o mesmo programa, porém sentia que os brados de alerta não encontravam a mesma repercussão. Era um clarim esquecido, que ressoara em outras batalhas, à margem do caminho, exposto a todos os perigos.

Há situações clamantes: o pintor que perde a vista, o violinista com os dedos decepados, o pássaro com asa cortada em pleno vôo, aos tombos pelo espaço.

Clarim de sortidas e entreveros, ainda poderá retornar à luta, fascinado por aquela paixão liberatória.

Não há energia, não há sopro, não há voz!

Só o silêncio na penumbra e, clareando-a suavemente, o vulto da Enfermeira que não repousa, falando em surdina, como um noturno de outras esferas, violinizado em ouvidos de crianças:

— Durma. É preciso dormir!

IX

Espectralizados pelo sofrimento, adentram-se os olhos nos mistérios de outras vidas: adquirem a força do radar e revelam quanto inúteis foram certas atitudes, quantos enganos se improvisaram, enquanto o clarim ressoava!

O doente viu, outro lado, dedicações ignoradas, que nobilitam as criaturas. E só então notou a ilusão e a mentira, girando em torno aos anseios generosos dos lutadores pelo ideal, os interesses sob disfarces de guerra, os entendimentos subterrâneos com o inimigo implacável.

Mas, nesses momentos de perturbações coletivas, não se enxerga bem: o soldado de vanguarda não visionou o que se passa em trincheiras e casamatas, em cujas brechas os contendores penetram, brandindo sabres afiados, até então escondidos.

O plano de batalha modificou-se, os flancos esperam o instante para o golpe, mais negro que a rendição.

O clima difere; difere a gente.

A liberdade passa a ser um mito, um vocábulo sonoro do passado! muitos preferem ceder aos vencedores desde que não haja combate.

Para que tantas reflexões? Tantas reflexões na madrugada fria, propícia à resignação e à prece?

— Irmã, quero a saúde para continuar a lutar! Tenho sede, sede daquele clarim abandonado!

— Pensa na tua dor, bebe ensinamento, aprofunda-te em Deus. E, novo samaritano, não terás mais sede, porque encontraste a verdadeira liberdade!

X

A Irmã reza novamente. Talvez as mesmas palavras, as mesmas súplicas, para que se atenuem e se acabem as dores. Os mesmos olhares entrefechados, os mesmos olhos volvidos para o alto.

Reza novamente e lê as Bem-Aventuranças:

— “Bem-aventurados os pobres,
porque deles é o reino dos céus...”

O soldado sorria, em meio ao sofrimento. Sentia bem-aventuranças em seu coração. Prestara serviços, caminhara além de suas forças e, mesmo tombando, não blasfemara. Quantos haviam desaparecido! Quantas mulheres e crianças haviam vertido sangue, ouvindo aquele clarim, nas ânsias da liberdade!

Bem merecida a sua dor, em holocausto à causa que abraçara.

Que importa a própria vida? O clarim ficará em abandono, mas os halalis, que emitia pela Terra invadida, acompanhando as orquestrações de tantos lutadores, não se perderam totalmente: misturam-se aos ventos, às ondas, e foram espalhadas com altruísmo, defendendo a tranqüilidade e o lar de todas as criaturas.

Quem defende a liberdade, mesmo caindo, está vivo, porque defende a todos, mesmo os sem-partido, sem religião e sem pátria.

— Fecha os olhos, irmão. Dorme, ainda acordado...

— Já pensei e penso em dormir, mas dormir para sempre, porque assim é viver...

XI

A Irmã entreabre o catecismo: debruça-se em meditações.

— A alma é tudo, seja de um soldado em luta, seja de um mendigo à porta de um templo, seja de um milionário em seu palácio de alabastro. Os túmulos ricos dos egoístas recebem a homenagem dos vivos, mas, perante Deus, não valem uma cruz de pobre, sem inscrição alguma.

— É a pura verdade, Irmã! Certa vez, visitando o túmulo de um combatente, em cemitério do Sul, vi, em alto-relevo de pedra e cimento, um fuzil, um capacete e um clarim. A sua vida inteira ali representada, mais impressionante, em heroísmo e poesia, do que epitáfios em lápides de mármore.

E para onde vai a alma do soldado, que expira assim — para que os demais continuem a sorrir, para que as crianças continuem a brincar, abertos os braços para a inocência, que é um resumo de infinitos?

— Jesus sempre é misericordioso e recebe as almas que deram provas de imolação, sideradas injustamente por amor dos outros. A pátria maior é aquela onde se dirigem todas as pátrias da Terra...

XII

— Olhe o Manto vermelho de Jesus. Olhe o Seu coração circundado de espinhos e encimado de luz. Só realmente interpreta o valor da vida o que nunca se afasta à proteção desse Manto de sangue. Abençoe o sofrimento, que se dilui na libertação. Vigie e ore, segundo Jesus.

E o soldado conclui, aspirando as primeiras auras da manhã, que precisava ter perdido a voz, ter recebido punhaladas, como o coração em pulsações desordenadas, para ter a consolação do seu nada, reler a oração de São Francisco de Assis e resignar-se ao abandono daquele clarim, que lhe constituía um motivo de luta. Talvez ferido para sempre, não retornará a vibrar os seus hinos nas arrancadas da liberdade. No final, deixará essa lição à dor e à Irmã-Enfermeira, que o norteara, como uma professora iluminada, em meio ao desespero da enfermidade.

— Posso dizer-lhe uma palavra, Irmã...

— Sim...

— É uma prece. Bem-aventurada a Enfermeira, discípula do Mestre Divino, que não traz apenas o medicamento, mas as gotas da Samaritana na cura do que nada vale, nada merece e tudo deve, trabalhando sem protestos nem queixas, até cair para sempre.

— Bem-aventurada a Enfermeira, que é uma Ave-Maria viva, elevando e redimindo o que sofre.

Bem-aventurada essa Irmã-Enfermeira, em Jesus e para Jesus



PRECE DE NATAL

Alvaro Maia

PRECE DE NATAL

— “Ave Maria, cheia de graça...”

E o céu, que eu adivinhara inconscientemente nos mistérios da natureza, revelou-se por aquelas palavras sussurradas num cenário maravilhoso. Parecia um templo. Os ramos recurvavam-se em ogivas, os ventos perfumavam-se nas folhas e lembravam, no perfume e no som, turíbulos e órgãos de uma catedral selvagem. O rio, enturvado nas cachoeiras, corria agora disciplinado, em ondulações barrentas, onde se embalavam, como em berços, restos de cedros adormecidos...

— “Ave Maria, cheia de graça...”

O cenário, os ventos, as copas agitadas pertenciam-te, como ainda te pertencem, rio Madeira, filho do Amazonas e dos Andes; aquelas palavras, ressurgindo a prece da Anunciação, provinham de teus lábios, minha Mãe!

— o o o —

Deste-me o milagre da vida; estavas ofertando o milagre da crença. Contigo, no sofrimento e na humildade, o meu espírito aprendeu a marchar, como o meu corpo aprendeu a caminhar. No mesmo ambiente, transformado em escola, comecei a visionar claridades de novos mundos, pelos ensinamentos que eu bebia, com a sofreguidão de uma árvore calcinada, as primeiras nuvens do inverno. Uma escola entre arvoredos, uma professora quase criança, um aluno que ensaiava os passos. Ainda o Madeira, o seringal ressumbrante de musicações, e tu, minha Mãe...

A vida entocaiou-me entre lanças aceradas, mas era preciso vencê-la pela tenacidade e pela coragem. Guardo nas retinas, como uma visão de ouro que brotasse de lendas antigas, a figura gentil da operária mais linda e mais humana que tenho conhecido. As suas mãos brancas, vibrando os remos e semeando os sulcos, iam procurar garimpos, que me dessem uma faísca escondida. Muitas vezes, partia como a própria encarnação da madrugada e volvia ao entardecer, trazendo, com a paz da consciência, um mundo estelar, resumido nos cabelos e nos olhos. Depois de tanta fadiga, quando voltava iluminada a nossa casa

pobre, vinha com todas as riquezas, porque em sua voz cantavam todas as bon-
dades. — A operária eras tu, minha Mãe!

— o o o —

O destino desabou, como restos dos tufões andinos, que varrem o sul de
nossa terra rasgando clareiras nas florestas imensas e uivando nos campos ge-
rais...

Separou-nos, e, eu fui para longe, arrastado pelos tufões da vida. As águas
do meu rio rebelde levaram-me: eu era um arbusto arrancado aos barrancos...

— II —

— “Ave Maria, cheia de graça...”

Rezo, neste Natal de tanta tristeza, quando o tempo vai irmamando os
meus cabelos aos teus, porque também vão se tornando brancos, com o mesmo
deslumbramento de criança. E esse deslumbramento é maior, porque se baseia
no raciocínio e na gratidão. Enquanto rezo, volto os olhos àquele cenário da in-
fância, volto os olhos pela existência inteira: mágoa nenhuma fere as minhas re-
cordações; minha voz só se ergueu, ou balbuciou, nos momentos mais angustio-
sos, em bênçãos pelo que me fizeste.

Há mulheres que foram e são mães pela maternidade, o que é muito, mas
não é tudo; tu foste tudo, embalaste o meu berço agreste, guiaste meus passos,
foste a minha primeira professora, encardiste as mãos por mim.

Foste mãe por três vezes,

— porque também me deste à luz três vezes,

pelo nascimento,

pela primeira instrução,

pelo pão moral do espírito.

Ainda hoje, nos dias vacilantes, o meu coração é atraído pelo teu vulto,
para colher a serenidade resignada, que é um escudo para a vitória na dor.
Agradeço-te essa indomável herança interior, que me fez prosseguir nos rumos
traçados, através de injustiças e calúnias, mas também de graça e perdão. Em
tais momentos, lembrando o vulto de meu Pai, eu me avigoro para resistir em
silêncio, sem tergiversar nos propósitos intimamente assumidos para com os
meus semelhantes.

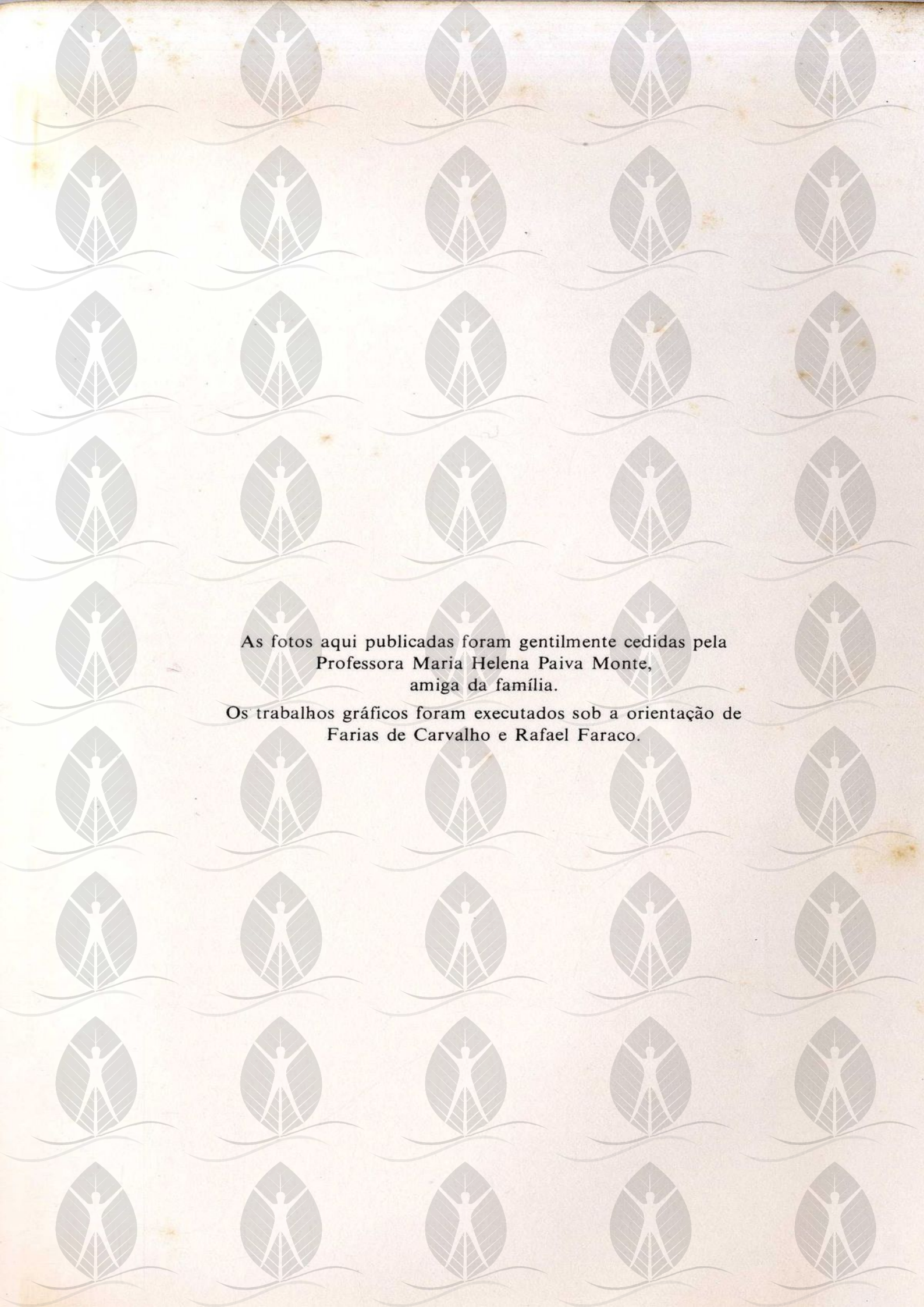
Nesta hora de transfiguração, quando Jesus-Menino vem brincar com as
crianças, trazendo-lhes centelhas divinas, eu, começando a descer o planalto da
Vida, dobro o meu coração para pedir duas grandes bênçãos — a do Menino
que nasceu em um presépio e a da mãe carinhosa, que me ensinou a adorá-LO.
E, aspergido e norteado por essas bênçãos, que partem de duas fontes encanta-
das, uma celeste e outra humana, eu me sinto tranqüilo e feliz neste Natal.

— “Ave Maria, cheia de graça”. Jesus é contigo.



Álvaro Maia com a sua genitora, Profª Josefina Botelho Maia
— Dona Luvinha, depois, para os caboclos, “Mãe-Fina” —





As fotos aqui publicadas foram gentilmente cedidas pela
Professora Maria Helena Paiva Monte,
amiga da família.

Os trabalhos gráficos foram executados sob a orientação de
Farias de Carvalho e Rafael Faraco.





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA